



Por este rio acima

A arte
pré e proto-histórica
do Vale do Côa

ESTUDOS EM HOMENAGEM
A ANTÓNIO FERNANDO BARBOSA

Por este rio acima

**A arte
pré e proto-histórica
do Vale do Côa**

ESTUDOS EM HOMENAGEM
A ANTÓNIO FERNANDO BARBOSA

Índice

- Introdução** 7
Aida Carvalho
- Um artista do Côa** 9
João Zilhão
- Ver nem sempre é olhar. Relatos recentes de Pré-Histórias antigas pelo Rio Côa** 13
Thierry Aubry, Patrícia Ramos
- A arte paleolítica do Vale do Côa no seu contexto sociocultural** 55
André Tomás Santos
- Entre o Côa e o Douro, nos longos milénios do pós-glaciar: quadro de referência da arte rupestre da Pré-história Recente da região do Côa** 117
Mário Reis, Lara Bacelar Alves
- Primeiro inventário figurativo da arte rupestre da Idade do Ferro entre o Côa e o Douro** 181
Luís Luís
- Aos ombros do último artista do Côa: Um olhar prospectivo sobre a investigação arqueológica nos vales do Côa, Águeda e Ribeira de Aguiar** 267
Miguel Almeida, Sílvia Aires, Nuno Ramos, André Ferreira, André Santos, Thierry Aubry, Luís Luís, Marcelo Silvestre



Fotografia de Teresa Fonseca

**A arte
paleolítica do
Vale do Côa no
seu contexto
sociocultural**

André Tomás Santos^a

*a) Côa Parque, Fundação para a Salvaguarda e Valorização
do Vale do Côa. UNIARQ — Centro de Arqueologia da
Universidade de Lisboa.*

0. Introdução

O Fernando vai reformar-se... Embora duvide que isso represente o final da sua relação com a arte pré-histórica (afinal, não desenhou ele a maior parte da rocha 9 do Fariseu durante as férias apenas para o poder fazer mais à vontade, sem a pressão inerente ao cumprimento do horário de trabalho?), este momento não deixará de marcar uma data significativa não só na sua via profissional, como na minha própria. Afinal, tive o privilégio de com ele trabalhar 18 anos seguidos, aos quais se devem somar os trabalhos de campo levados a cabo anteriormente pelo CNART no Alqueva, no Tejo ou no Gião nos quais colaborei a convite do António Martinho Baptista e onde, para além do Fernando, conheci outros dois grandes amigos a quem o Côa muito deve: o João Félix e o Manuel Almeida. O Fernando é, no momento em que escrevo, a pessoa com quem passei mais horas seguidas de trabalho, uma parte significativa delas durante a noite, em frente a painéis gravados (e mais raramente, pintados) a decalcar imagens produzidas há milhares de anos. Foi ao longo destes trabalhos que mais refleti sobre as problemáticas do registo da arte rupestre e, desde que com ele comecei a trabalhar no Vale do Côa, mais pensei sobre as pessoas que produziram estas imagens que o Fernando regista com o que parece ser a mesma desenvoltura com que foram feitas.

Este texto não podia, conseqüentemente, deixar de ser sobre as pessoas que produziram aquelas imagens, ou melhor, sobre o que nos dizem estas imagens sobre as pessoas que as produziram. Para refletirmos sobre estas pessoas podemos utilizar outras fontes que não as imagens *per se*. Mas essas fontes não nos podem informar daquilo que só as imagens conseguem. Por outro lado, se muito se escreveu e escreve sobre estas imagens (como foram feitas, quando foram feitas, quantas são, como se caracterizam, etc.), elas raramente são utilizadas como fontes passíveis de nos informarem sobre os aspetos das comunidades que as produziram que só elas nos podem informar. É a esse desafio que temos procurado responder desde há uns anos a esta parte e que acabou por desembocar na tese de doutoramento que defendemos em 2017 e foi publicada dois anos mais tarde (SANTOS, 2019).

Se agora voltamos ao tema, tal não se deve só à necessidade de escrever um texto para homenagear o nosso colega e amigo Fernando Barbosa, mas também porque os trabalhos de campo que se realizaram desde aquela data levaram à descoberta de novas rochas e permitiram o estudo aprofundado de diversos painéis (e.g. AUBRY *et al.*, 2020a; 2021; SANTOS *et al.*, 2020a; 2020b; REIS *et al.*, 2022). Isto aumentou substancialmente a nossa base de dados e designadamente o número de motivos que podemos utilizar nas nossas análises de correspondências múltiplas. Os novos resultados não alteram grandemente os originais, mas clarificam a nossa classificação e permitem uma análise separada das nossas fases 2 e 3.

Perceber o que era a arte paleolítica do Côa para as comunidades coevas implica procurar entendê-la no seu contexto sociocultural. Implica explicar o que a distingue dos restantes sítios que fazem parte desse contexto (Fig. 1). Esses sítios foram por nós identificados como aqueles que se localizam no território definido pela localização das fontes das matérias-primas líticas utilizadas no fabrico dos utensílios encontrados nas escavações realizadas no Vale do Côa (SANTOS, 2019), território esse que *grosso modo* corresponde à bacia do Douro e à região imediatamente a sul até à

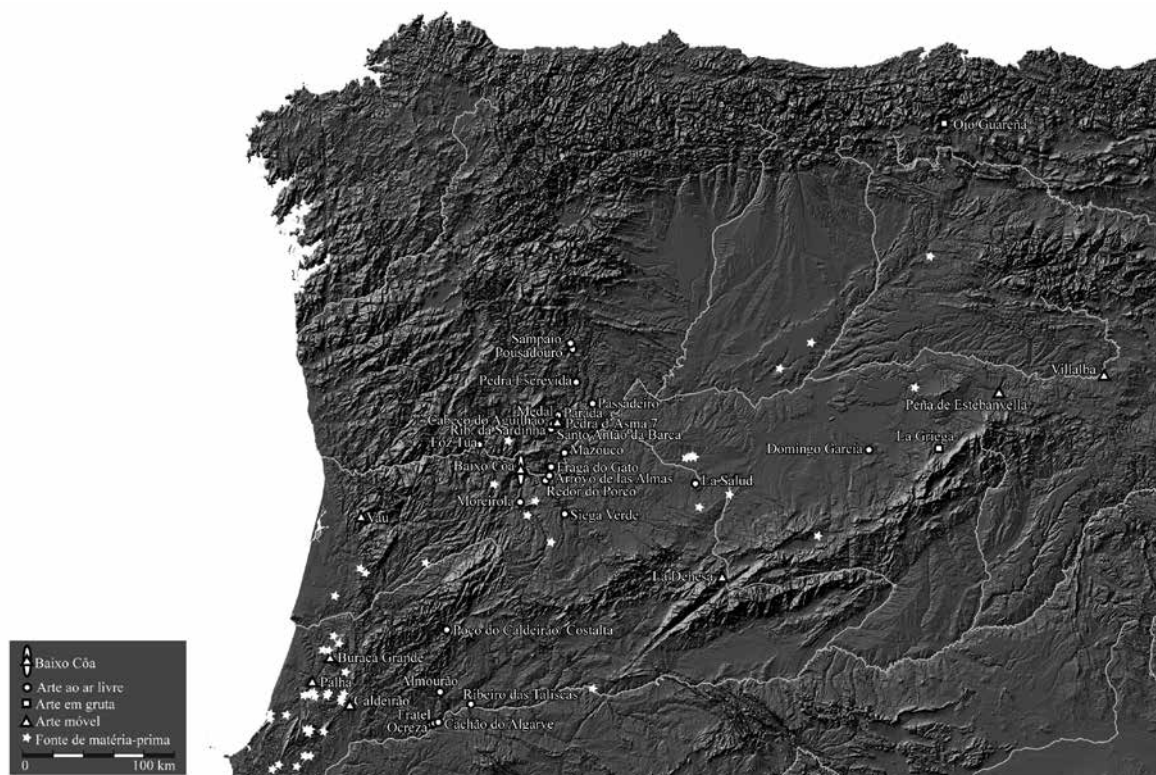


Fig. 1: Localização dos sítios referidos no texto.

margem norte do Tejo (e.g. AUBRY *et al.*, 2012). Estes estudos demonstram, assim, quer a continuidade da ocupação do Vale do Côa (demonstrada pela exploração dos afloramentos muito específicos que aí se encontram, só explicável pelo profundo conhecimento do território), quer a inserção da região numa rede de interação social que se estende por uma área muito vasta (o que explica a presença sistemática de matérias-primas provenientes de lugares situados a distâncias superiores aos 200 km). Nesta amplo território conhecem-se também diversas estações com imagens paleolíticas semelhantes às do Côa. Esta semelhança e o facto de se encontrarem no interior do território definido pelas fontes de matérias-primas líticas identificadas no Vale do Côa legitimam a nossa ideia de que estes sítios fazem parte do mesmo sistema simbólico e que estes só se compreenderão no âmbito de uma abordagem que tenha em conta todos eles.

No âmbito dessa abordagem foram efetuadas diversas análises estatísticas sobre o conjunto das imagens dos sítios desta área que permitiram a identificação de tendências associativas gerais. Logo nos apercebemos que as composições paleolíticas mais antigas do Côa apresentavam tendências associativas inversas às dos restantes sítios (SANTOS, 2019, 364-365). Mas não nos apercebemos logo que durante as fases seguintes, as tendências associativas gerais não se refletiam no Côa. Tal só se torna aparente se procedermos a análises que só tenham em conta os sítios do Côa e depois confrontarmos esses resultados com a realidade dos sítios restantes, algo que faremos neste trabalho. Também simplificámos estas análises, juntando as cervas com os veados e encarando os temas com uma representatividade abaixo da dos veados (o quarto tema mais representado entre as fases 1 a 3, e a uma distância grande do quinto — cfr. tabs, 1 a 3), como variáveis suplementares.

Este texto deve, assim, ser encarado como uma espécie de coda do trabalho de 2019. Por um lado, atualizam-se algumas tabelas e análises, com a inclusão das novas evidências resultantes dos trabalhos de campo mais recentes. Por outro lado, são apresentadas novas análises que demonstram o profundo contraste ao nível das associações temáticas que se verifica entre os sítios localizados no Vale do Côa e os restantes que se encontram na sua área de aprovisionamento de matérias primas não-locais. São estes contrastes que nos ajudarão a compreender melhor alguns aspetos das comunidades que produziram estas imagens.

1. A Arte Rupestre Paleolítica do Vale do Côa

As rochas com imagens paleolíticas que incluímos no conjunto de arte rupestre do Vale do Côa distribuem-se pelas vertentes que bordejam as suas margens, as de alguns dos seus afluentes e as que conformam certos vales vizinhos por onde correm outros tributários do Douro. O Côa é, no entanto, o eixo a partir do qual se organiza toda a “arquitetura parietal” (*sensu* VIALOU, 2004) da região.

O rio Côa é um tributário da margem esquerda do Douro, com o qual se encontra após percorrer os cerca de 135 km que distam da sua nascente, localizada para sul, na serra da Mesas (concelho de Sabugal). Trata-se de um rio que corre embutido na superfície fundamental da Meseta ibérica, apresentando um traçado que se desenvolve, no seu sector terminal, paralelamente ao do próprio limite da Meseta que, a um par de quilómetros para oeste, segue *grosso modo* o vale da Vila e o *graben* de Longroiva (FERREIRA, 1978, 81). Este paralelismo denuncia uma das razões que está por trás da configuração do vale do Côa — a tectónica (AUBRY, LUÍS & DIMUCCIO, 2012). É esta que, associada ao substrato geológico cortado pelo rio, explica o contraste entre uma área a montante — essencialmente granítica e caracterizada por um curso rectilíneo do rio, sendo este bordejado por fortes



Fig. 2: Aspeto do Vale do Côa no sector granítico da Faia. Vista, desde a margem direita, da zona onde se implantam as rochas 5, 6 e 19, localizadas na margem oposta. Foto do autor.



Fig. 3: O Vale do Côa entre a foz da ribeira do Massueime e o sítio do Fariseu (vista de Nor-Noroeste). Foto do autor.

pendentes (Fig. 2)— e uma área a jusante, já perto da sua confluência com o Douro – xistosa e caracterizada pela “meandrização” do rio e pelo perfil em V (Fig. 3).

1.1. O CONTEXTO ARQUEOLÓGICO

Para além da elevada concentração de sítios com imagens paleolíticas, conhece-se na região um importante conjunto de sítios arqueológicos, 20 dos quais com vestígios seguramente atribuídos ao Paleolítico Superior e outros 28 com materiais atribuídos a este período ou ao Mesolítico (AUBRY & SAMPAIO, 2009, 34-35). Alguns destes sítios foram escavados, tendo proporcionado importantes evidências relativas à ocupação da região durante o Paleolítico Superior e contribuído de forma decisiva para a datação de algumas das imagens sobre as quais nos debruçaremos. Hoje, estão atestadas na região ocupações do Paleolítico Superior desde o Aurignacense final até ao Azilense, compreendidas entre os 34 500 e os 12 000 anos atrás (e.g. AUBRY, ed., 2009; AUBRY *et al.*, 2017; 2020b).

Quatro destes sítios forneceram igualmente imagens produzidas em suportes móveis, designadamente na Quinta da Barca Sul (GARCÍA-DÍEZ, 2009), na Cardina (GARCÍA-DÍEZ, 2009; AUBRY *et al.*, 2015; 2017), no Fariseu (SANTOS *et al.*, 2018) e no Vale de José Esteves². Deste conjunto de peças, apenas as do Fariseu (em número de 89) e a da Quinta da Barca Sul provém de um contexto seguramente datado do Azilense. Uma parte significativa das da Cardina, a avaliar pelo estilo das imagens, deverão datar igualmente deste período, podendo algumas serem mais antigas, algo que não é descartado pelos restantes materiais que aparecem na mesma camada arqueológica, que demonstram a sua formação entre o final do Gravettense (c. de 26 000 anos atrás) e o

2 - Esta peça foi encontrada por Tania Mosquera Castro em 2022, no âmbito de uma prospeção no sítio realizada por uma equipa que incluía ainda o autor, Ignacio Triguero e Marcelo Silvestre.

As únicas imagens deste conjunto identificadas em granito encontram-se na Faia (SANTOS *et al.*, 2018, 56; SANTOS, LUÍS & AUBRY, 2019; REIS *et al.*, 2022). As restantes identificam-se em painéis verticais de rochas xistentas, resultantes da fraturação tectónica destas rochas (e.g. AUBRY, LUÍS & DIMUCCIO, 2012). A maioria localiza-se em painéis orientados para sudeste e és-sudeste, devido a fatores geológicos e outros (exposição solar, por exemplo) que condiciona(ram) a preservação das superfícies (AUBRY, LUÍS & DIMUCCIO, 2012). Como tal, a maioria dos sítios encontra-se nas margens esquerdas dos vales da região.

A arte paleolítica do Vale do Côa é dominada, como é normal noutras regiões da Europa, por representações zoomórficas, sendo os auroques, os cavalos, as cabras-monteses e os veados as espécies mais representadas. Identificam-se ainda camurças, peixes, aves, felinos, um urso provável e, pelo menos, um bisonte. Identificam-se também vários antropomorfos e uma grande variedade de grafismos não figurativos. Estes números serão, em seguida, discriminados pelas fases respetivas.

No que toca às técnicas empregues, a maior parte destas imagens foi produzida por gravação, tendo-se identificado sete variantes desta modalidade: dois tipos de **picotagem** (A e B), distinguíveis entre si pelo grau de adjunção dos negativos dos impactos que resultam da sua aplicação (que consiste na martelagem da superfície com um utensílio de ponta preparada para o efeito) (Figs. 5 e 6); a **abrasão**, que usualmente ocorre após o procedimento anterior (de tipo A) e que consiste na fricção repetida de um utensílio sobre o mesmo traçado, dando origem a sulcos polidos de secção em V ou em U (Fig. 5); três tipos de incisão (que consiste no “corte” da superfície por intermédio da passagem de um utensílio afiado): a **incisão simples** (Fig. 7) — cuja passagem singular do utensílio origina um traço único —, a **incisão múltipla** — cujas passagens múltiplas do utensílio resultam em perímetros de figuras definidos por múltiplos traços (Fig. 8) — e a **incisão reiterada** — cuja passagem repetida do utensílio pela mesmo sítio resulta em perfis de figuras mais profundos e de traçado mais irregular (Fig. 9); e a **raspagem**, que consiste na remoção, por fricção, da superfície a gravar (Fig. 10).

A **pintura** apenas foi reconhecida no sítio da Faia. Do conjunto de imagens mais antigas, apenas na rocha 6 da deste sítio se identificou a sua utilização. Aqui observam-se vestígios de pigmento vermelho aplicado sobre os traços previamente picotados e abradidos que conformam as cabeças de cinco auroques e um cavalo. Se bem que neste painel se observem igualmente pinturas esquemáticas de cronologia mais recente, a atribuição das pinturas existentes sobre traços que conformam as cabeças dos animais paleolíticos está atestada pelo facto das delimitações dos focinhos de algumas das cabeças de auroques — uma idiosincrasia exclusivamente paleolítica — se encontrarem exclusivamente pintadas (Fig. 11). Os bovinos do painel direito da rocha 1 do sítio (Fig. 12), assim como os antropomorfos das rochas 3 e 5 são exclusivamente pintados a vermelho e tradicionalmente atribuídos a períodos mais recentes da Pré-história (e.g. BAPTISTA, 1999, 158-159). Contudo, a identificação de figuras semelhantes, quer na coleção de arte móvel do Fariseu, quer mesmo em algumas gravuras do vale, levaram-nos a propor, no seguimento de outros autores, uma cronologia azilense para os mesmos (BUENO, BALBÍN & ALCOLEA, 2007, 567-568; SANTOS *et al.*, 2018, 56).

O baixo-relevo, definido por Claude Barrière como uma representação cuja espessura não ultrapassa a metade do volume do modelo (BARRIÈRE, 1993, 275), está atestado apenas na rocha 22 da Quinta da Barca, onde foi utilizado para configurar a cabeça de um macho de cabra-montês (Fig. 13).



Fig. 5: Rocha 3 da Penascosa. Auroque gravado por picotagem e abrasão e cabeça de cavalo retrospectiva gravada pela variante A da picotagem (~30 000-26 000 calBP). Decalque de Fernando Barbosa e foto do autor.



Fig. 6: Rocha 3 do Fariseu. Cavalos gravados pela variante B da picotagem (~23 000-18 000 calBP). Decalque de Fernando Barbosa e foto do autor.

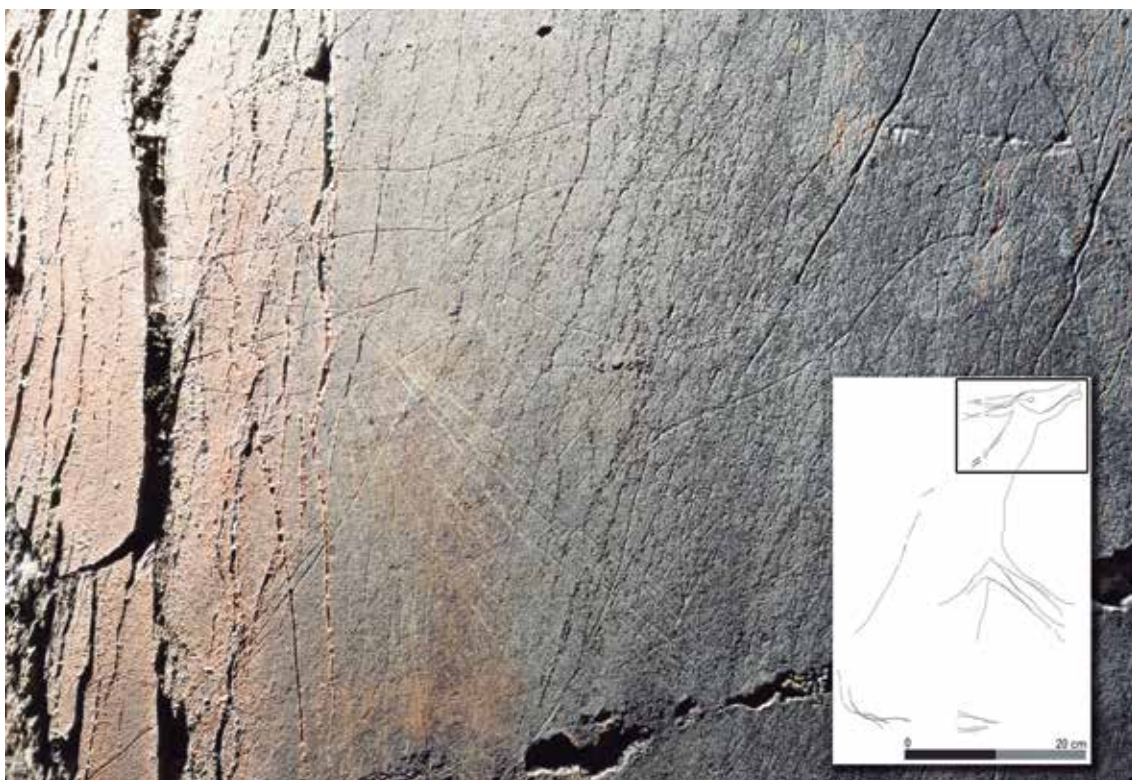


Fig. 7: Vale de José Esteves 4. Cabeça de cerva gravada por incisão simples (~18 000 – 15 000 calBP). Por cima dela observa-se ainda parte da cabeça de um cervideo orientado para a esquerda, muito provavelmente da mesma cronologia, e sobre ela a extremidade rostral de um peixe estriado, de provável cronologia azilense (~12 000 calBP). Decalque de Fernando Barbosa e foto do autor.

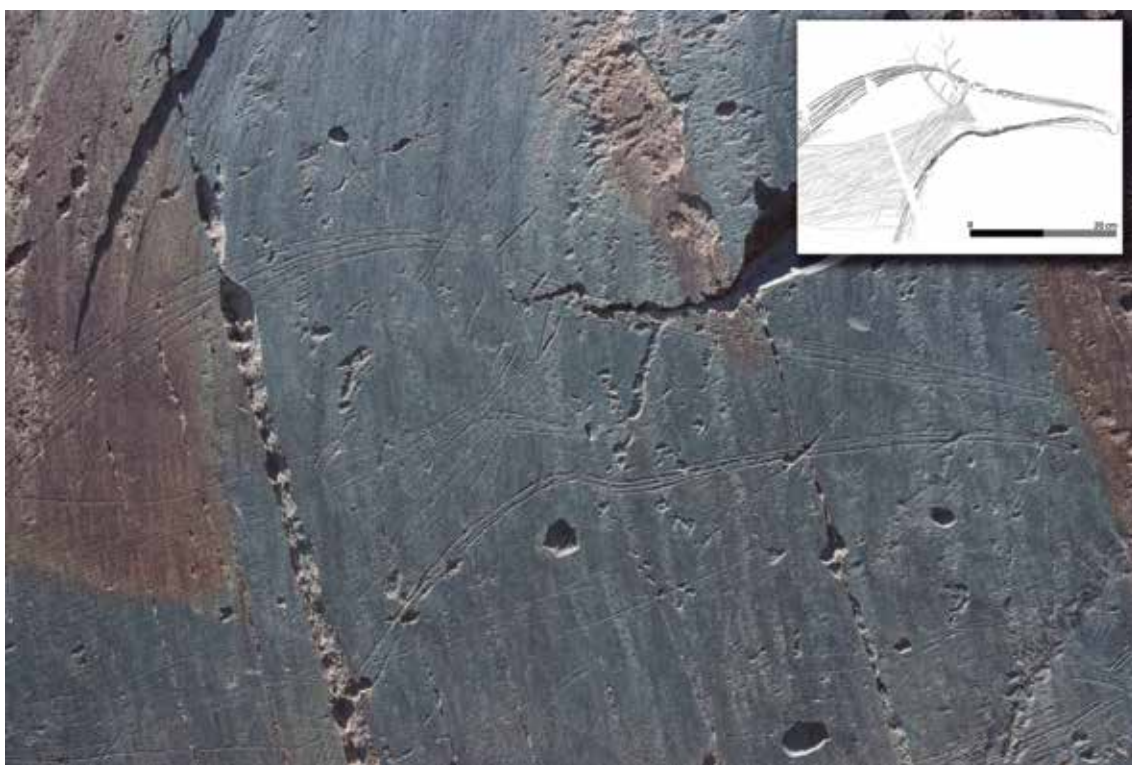


Fig. 8: Quinta da Barca 23. Cabeça de cavalo gravada por incisão múltipla (~23 000-18 000 calBP) e veado totalmente estriado (~12 000 calBP). Decalque de Fernando Barbosa e foto do autor.



Fig. 9: Painel 11 da rocha 24 de Piscos. Detalhe da cabeça de auroque em visão frontal, gravada por incisão reiterada (~23 000 18 000 cal BP). Decalque de Fernando Barbosa e foto do autor.



Fig. 10: Rocha 10 da Penascosa. Veado raspado (~23 000 18 000 cal BP). Decalque de Fernando Barbosa e foto do autor.

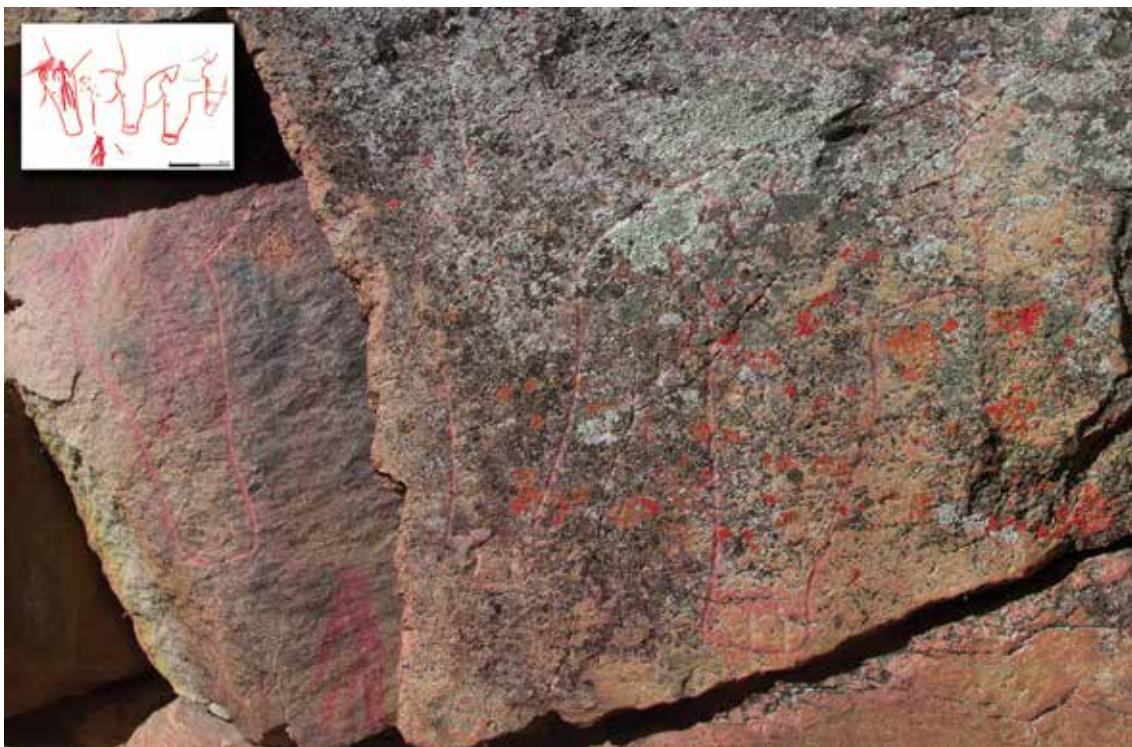


Fig. 11: Faia 6, sector direito. Cabeças de auroques gravadas e posteriormente pintadas a vermelho, de cronologia paleolítica (~26 000-23 000 calBP) e antropomorfos esquemáticos pintados da mesma cor, de cronologia neolítica ou calcolítica. Decalque de Fernando Barbosa e foto do autor.



Fig. 12: Faia 1, painel direito. Dois bovinos e um signo linear, pintados de vermelho (~12 000 calBP). Decalque de Fernando Barbosa e foto do autor.



Fig. 13: Quinta da Barca 22. Detalhe da zona capital de uma cabra-montês. Note-se como a zona em torno da cabeça está debastada de forma a dotar de relevo toda a zona do focinho e da queixada/ pera. Também a orelha e o arranque do corno direito do animal parecem estar em relevo (~30 000-26 000 calBP). Foto do autor.

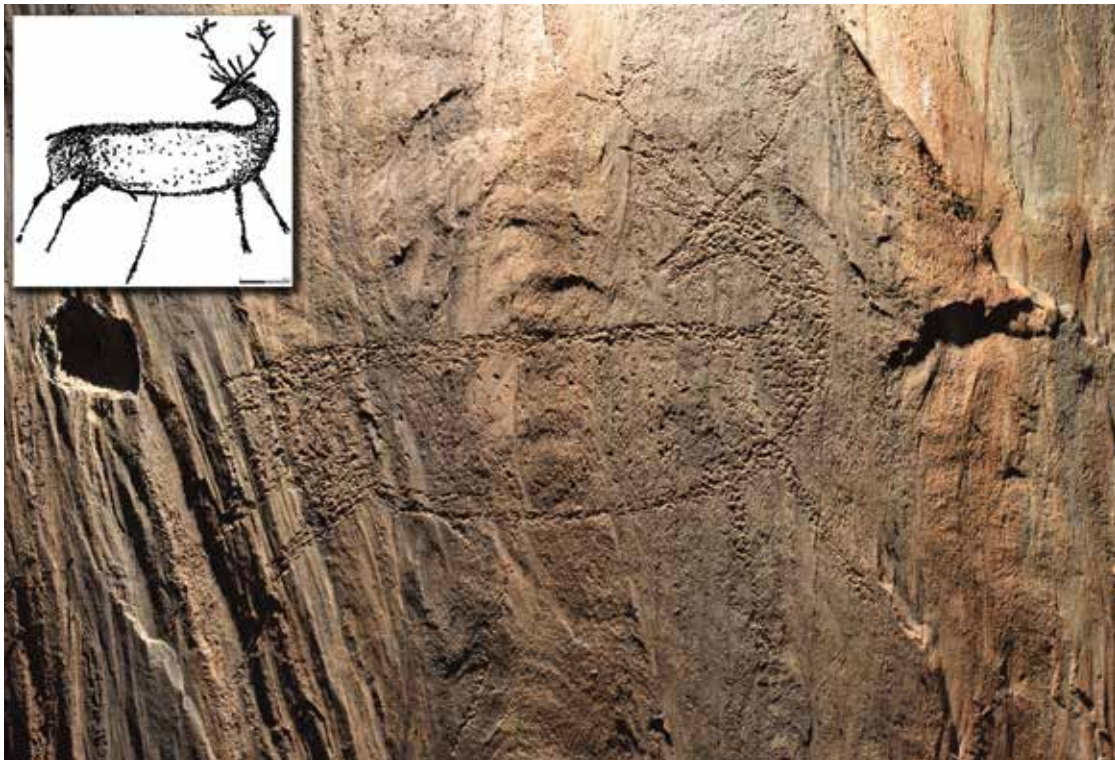


Fig. 14. Vale de Cabrões 1. Veado picotado, preenchido parcialmente. Sob a sua linha ventral, observa-se signo linear (~12 000 calBP). Decalque de Fernando Barbosa e foto do autor.

Se a maior parte das figuras estão definidas apenas perimetralmente, outras apresentam diversos tipos de delimitações, assim como de preenchimentos internos. Estes podem ser pintados, picotados e, mais comumente, incisos, configurando o que apelamos de preenchimento estriado. Independentemente das técnicas empregues, este preenchimento pode ser total (*vide supra*, Fig. 8) ou parcial (Fig. 14).

Praticamente todas as técnicas são utilizadas ao longo de todos os períodos, embora com em diferentes proporções. As exceções óbvias são o baixo-relevo e a pintura, esta última muito provavelmente devido a razões relativas à sua conservação.

1.3. A SEQUÊNCIA CRONOESTILÍSTICA DA ARTE PALEOLÍTICA DO VALE DO CÔA E DA SUA ÁREA DE APROVISIONAMENTO EM MATÉRIAS-PRIMAS LÍTICAS

Nem todas as estações da nossa região de estudo foram coevas e, se é admissível, e até provável, que as comunidades mais recentes tenham conhecido as imagens mais antigas desde que estas não estivessem cobertas por sedimentos, é um paradoxo que tenhamos em conta as mais recentes se estamos a analisar as evidências de um período mais antigo. Importa, portanto, inferir a sequência cronoestilística da região, de forma a analisarmos conjuntos de sítios que tenham sido efetivamente coevos. Na impossibilidade de datarmos todas as imagens, temos de socorrer-nos da comparação estilística, partindo do princípio que, como acontece com outros tipos de vestígios arqueológicos, quanto maior for a proximidade formal entre dois conjuntos de objetos de uma dada região, maior a proximidade temporal entre eles.

Ora, a proximidade formal entre um número avultado de objetos de um dado universo pode ser quantificada por meio de diversos procedimentos estatísticos, nomeadamente a Análise de Correspondências Múltiplas (e.g. ABDI & VALENTÍN, 2007) e a Classificação Hierárquica Ascendente (e.g. DRENNAN, 2009, 309-310). Foram estes procedimentos que utilizámos para averiguar a similitude formal entre os auroques, cavalos, cabras-monteses, veados e cervas das estações com arte paleolítica do território de aprovisionamento de matérias-primas líticas do Vale do Côa (SANTOS, 2019). Nesse estudo apenas se tiveram em conta 170 cavalos, 143 auroques, 128 cabras-monteses, 91 veados e 65 cervas, que foram selecionados com base no seu grau de completude. Estas análises sugeriam a existência de quatro classes entre auroques e cavalos e de três entre os restantes temas. Hoje, estas análises podem ser repetidas com mais efetivos, graças aos mais recentes trabalhos de campo que se referiram acima. Podemos assim comparar os gráficos anteriores, com os que agora se produziram⁴ com 175 cavalos, 160 auroques, 132 cabras-monteses, 96 veados e 69 cervas (Figs. 15 a 19).

Os gráficos são, na sua globalidade muito parecidos, embora alguns detalhes sejam dignos de nota. Assim, com estas novas adições, o FactoMineR apenas sugere a existência de três classes entre auroques e cavalos. Contudo, a observação do gráfico do

4 - Para procedermos a estas análises utilizámos a linguagem R (R CORE TEAM, 2016). Os pacotes informáticos a que recorremos foram o FactoMineR (HUSSON et al., 2015) e o missMDA (HUSSON & JOSSE, 2013). Os gráficos resultantes da utilização destes programas foram em seguida manipulados em programa de desenho vetorial de forma a melhorar a sua leitura. Os cálculos dos valores corrigidos das inércias dos gráficos resultantes das várias Análises de Correspondências Múltiplas a que procedemos foram por nós calculados, a partir das fórmulas de Benzécri e Greenacre (*apud* ABDI & VALENTIN, 2007).

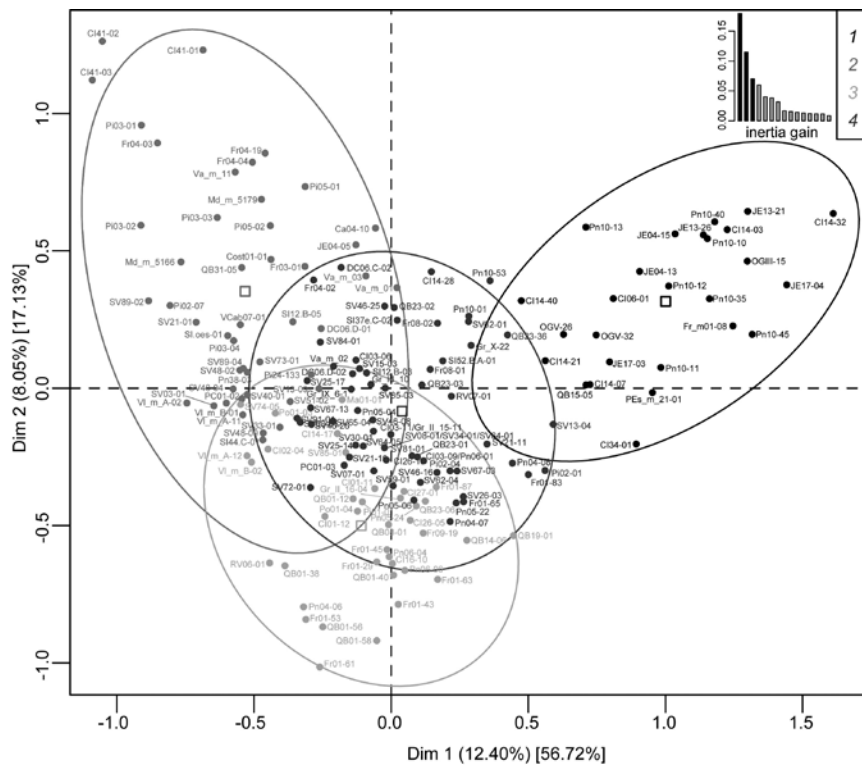


Fig. 15: Mapa fatorial, com a distribuição dos cavalos por quatro classes. Note-se, no gráfico da inércia, uma primeira quebra entre a 2.^a e 3.^a dimensão e uma outra entre a 4.^a e a 5.^a.

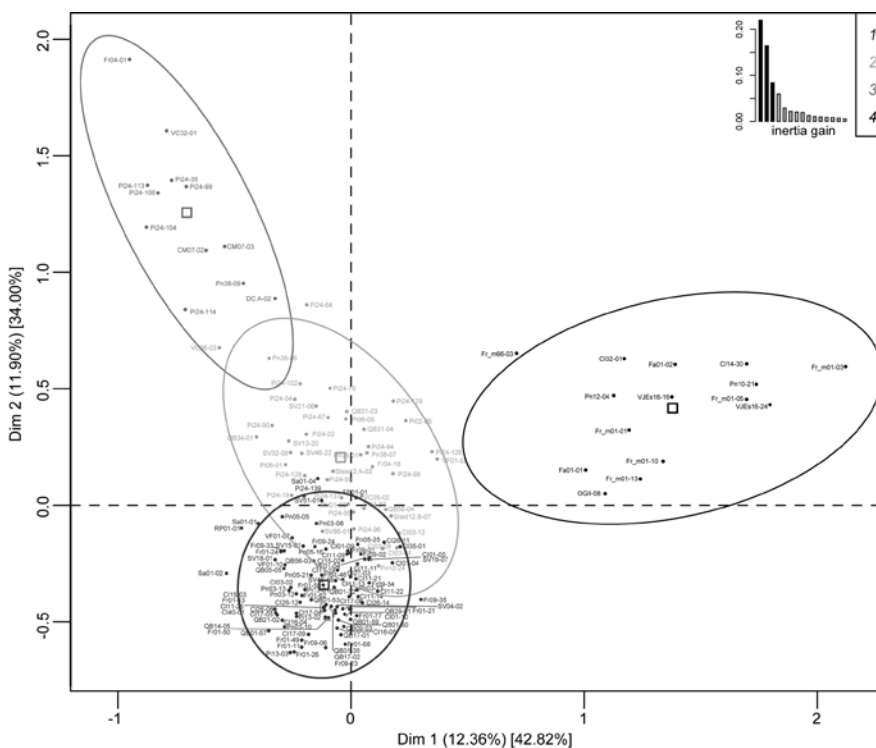


Fig. 16: Mapa fatorial, com a distribuição dos auroques por quatro classes. Note-se, no gráfico da inércia, uma primeira quebra entre a 2.^a e 3.^a dimensão e uma outra entre a 4.^a e a 5.^a.

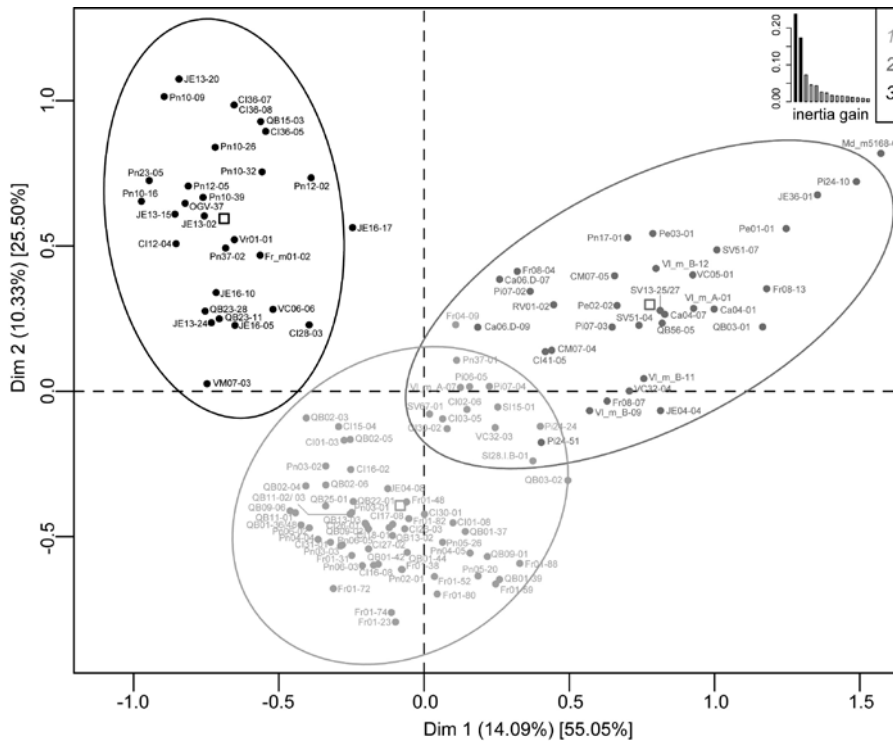


Fig. 17: Mapa fatorial, com a distribuição das cabras-monteses por três classes. Note-se, no gráfico da inércia, uma primeira quebra entre a 2.ª e a 3.ª dimensão e uma outra entre a 3.ª e a 4.ª.

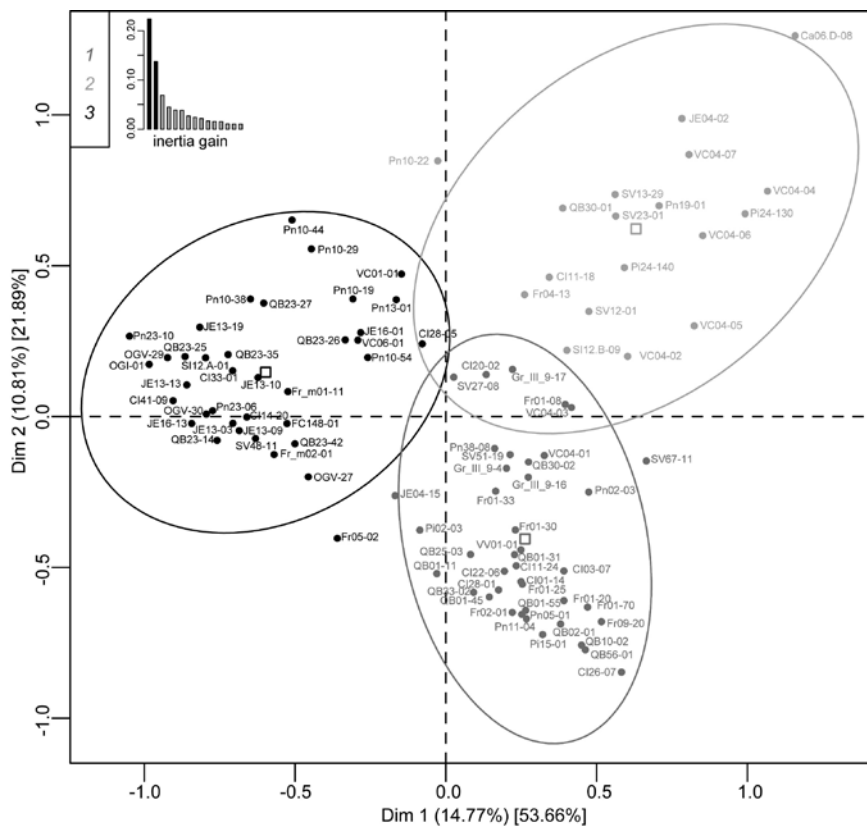


Fig. 18: Mapa fatorial, com a distribuição dos veados por três classes.

ganho das inércias destes temas (Figs. 15 e 16) aponta mesmo para a possibilidade de se definirem cinco⁵. Também no caso das cervas se pode suspeitar da existência de quatro classes, mas neste caso a quarta seria composta apenas pela cerva JE04-01, a mais naturalista das unidades gráficas que temos deste tema (*vide supra*, Fig. 7). De forma a não complexificarmos ainda mais a relação entre o universo de temas com diferentes números de classes, continuamos a considerar apenas a existência de quatro entre auroques e cavalos e de três entre os restantes temas. Por outro lado, isto também facilita a comparação com os gráficos publicados em 2019.

As diferenças são de detalhe, mas ao nível dos auroques, devemos salientar uma maior clarificação da seriação. De facto, alguns auroques das rochas 1 e 11 da Canada do Inferno que a classificação de 2019, de uma forma que dizíamos estranhar, integrava na classe 2 (SANTOS, 2019, 112), são agora incluídos na classe 1.

O número de auroques de Siega Verde na classe 1 aumenta de quatro para cinco, com a transição de SV51-01 da classe 2 para a 1. Esta figura não se encontra, contudo, longe do limite da elipse da classe 1. Também o auroque da Fraga Escrevida transita para a classe 1, embora se encontre também no limite da elipse da classe correspondente.

Por outro lado, o auroque Pi24-139 que integra cena que paralelizámos com a que se encontra no painel esquerdo da rocha 9 do Fariseu (AUBRY *et al.*, 2020a, 21) passa também para a classe 1 (onde se localiza também a figura do Fariseu em causa). Contudo, a primeira encontra-se no limite da elipse da classe 1 e a segunda em zona partilhada de elipses, não longe do grande auroque que a sobrepõe. Outras duas figurações de auroques desta rocha localizam-se em zona partilhada de elipses, uma do painel central direito (Fr09-24) e outra do painel inferior direito (Fr09-34), encontrando-se uma outra deste painel fora de qualquer elipse (Fr09-35). Não se pode, assim, descartar completamente a possibilidade do painel esquerdo do Fariseu ser efetivamente mais recente que a generalidade do dispositivo gráfico da rocha. Também as figuras do painel inferior direito poderão ser ligeiramente mais recentes, tendo em conta não só o seu posicionamento insólito no gráfico, como também outros fatores — dimensão de dois dos auroques, mais usual na fase 2 que na 3, forma *sui generis* de Fr09-35 (como atestada no gráfico), assim como de Fr09-36, cuja espécie é, mesmo difícil de determinar (cerva com cauda comprida ou auroque sem armações?). As pequenas figuras que rodeiam o painel central direito apresentam também formas menos usuais que poderão denunciar eventualmente a sua não contemporaneidade relativamente às restantes do painel. Destas, apenas uma é um auroque seguro (Fr09-25), podendo uma outra consistir numa cerva, a avaliar pelas suas orelhas (Fr09-26).

Pese embora, estas dúvidas, as relações cronológicas que inferimos entre as classes mantêm-se válidas. Recorde-se que estas foram inferidas por meio a) da identificação de padrões ao nível da coexistência de classes de diferentes temas no mesmo painel e das sobreposições entre figuras de classes diferentes; b) da identificação de padrões ao nível da relação espacial entre rochas com motivos de classes diferentes e o leito atual do rio; c) e da ocorrência de motivos de classes diferentes em painéis da mesma rocha

5 - O número de classes é uma unidade superior ao número de dimensões que explicam a maior parte da variabilidade da amostra. Um salto significativo é evidente entre as terceiras e quartas dimensões dos gráficos dos ganhos da inércia destes temas.

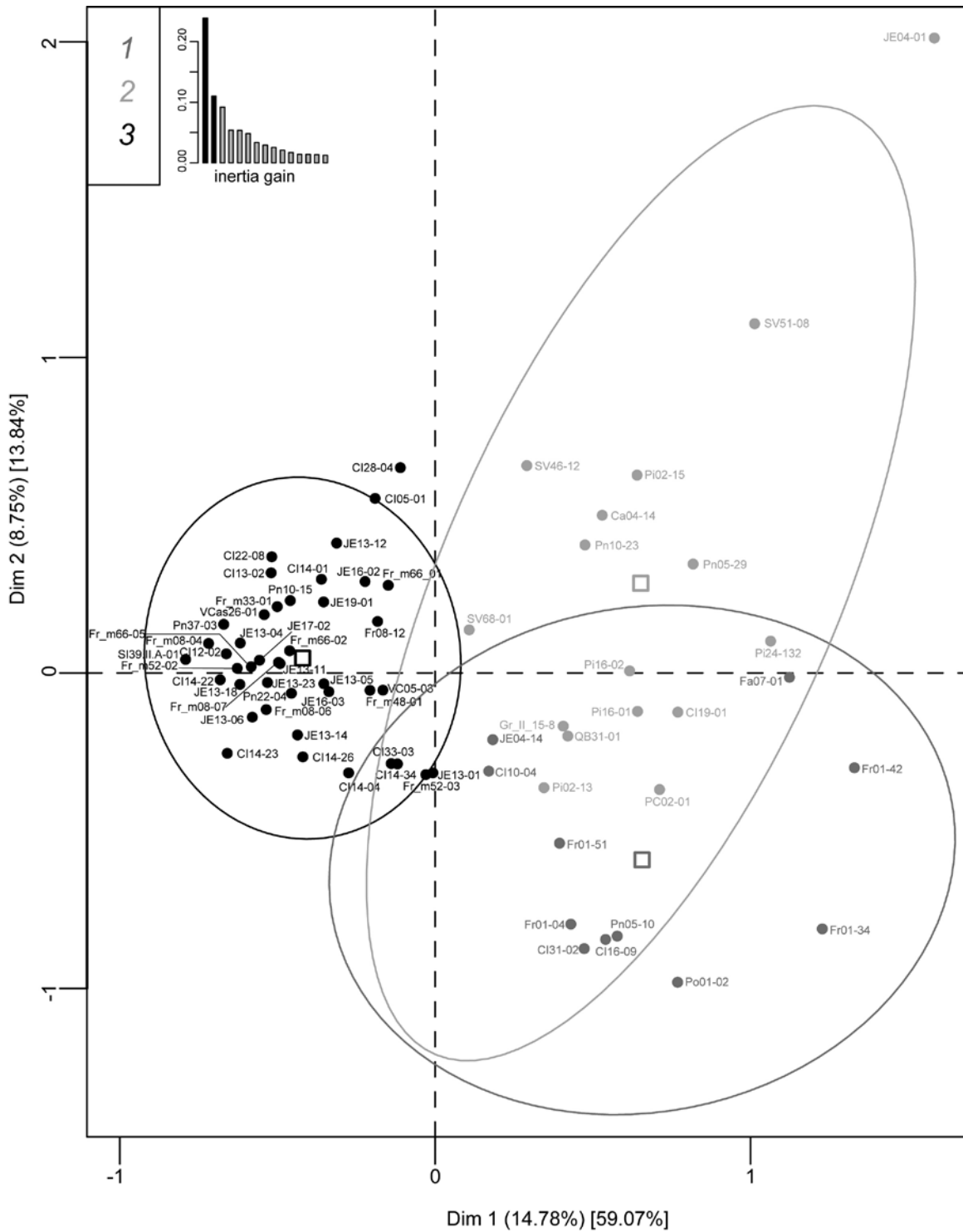


Fig. 19: Mapa fatorial, com a distribuição das cervas por três classes. Note-se, no gráfico da inércia a quebra entre a 3.^a e a 4.^a dimensão.

expostos em momentos diferentes (e.g. SANTOS, 2019; AUBRY *et al.*, 2020c; SANTOS *et al.*, 2021). Estas inferências permitiram a propor a existência de quatro fases de produção visual no Vale do Côa e na sua área de aprovisionamento de matérias-primas (SANTOS, 2019, 194-195), cuja atribuição cronológica foi feita com recurso a diversos métodos e estratégias (SANTOS *et al.*, 2021). Estes serão descritos, caso a caso, no seguinte ponto em que passamos à caracterização de cada uma das fases.

2. As imagens do Vale do Côa e da sua área de aprovisionamento em matérias-primas líticas ao longo do paleolítico superior

2.1. FASE 1 (~30 000-23 000 CALBP)

A fase 1 foi atribuída a um período entre o Gravettense e o Solutrense médio. O *terminus ante quem* foi inferido graças às escavações do Fariseu, uma vez que a rocha 1 do sítio, gravada quase exclusivamente com figurações daquela fase, estava parcialmente coberta por níveis arqueológicos com materiais atribuíveis ao Paleolítico Superior (Fig. 20) e de onde provêm várias datações absolutas (radiocarbono, TL e OSL), tendo estudo da relação entre a sua estratigrafia parietal e sedimentar demonstrado que só poderia ter sido gravada num momento anterior a um processo erosivo que ocorreu há mais de 23 000 anos (AUBRY, SANTOS & LUÍS, 2014).

Este processo erosivo estará por trás da diferença da distância altimétrica relativamente ao rio que se verifica entre figuras das fases 1 e 2 em diferentes sítios do

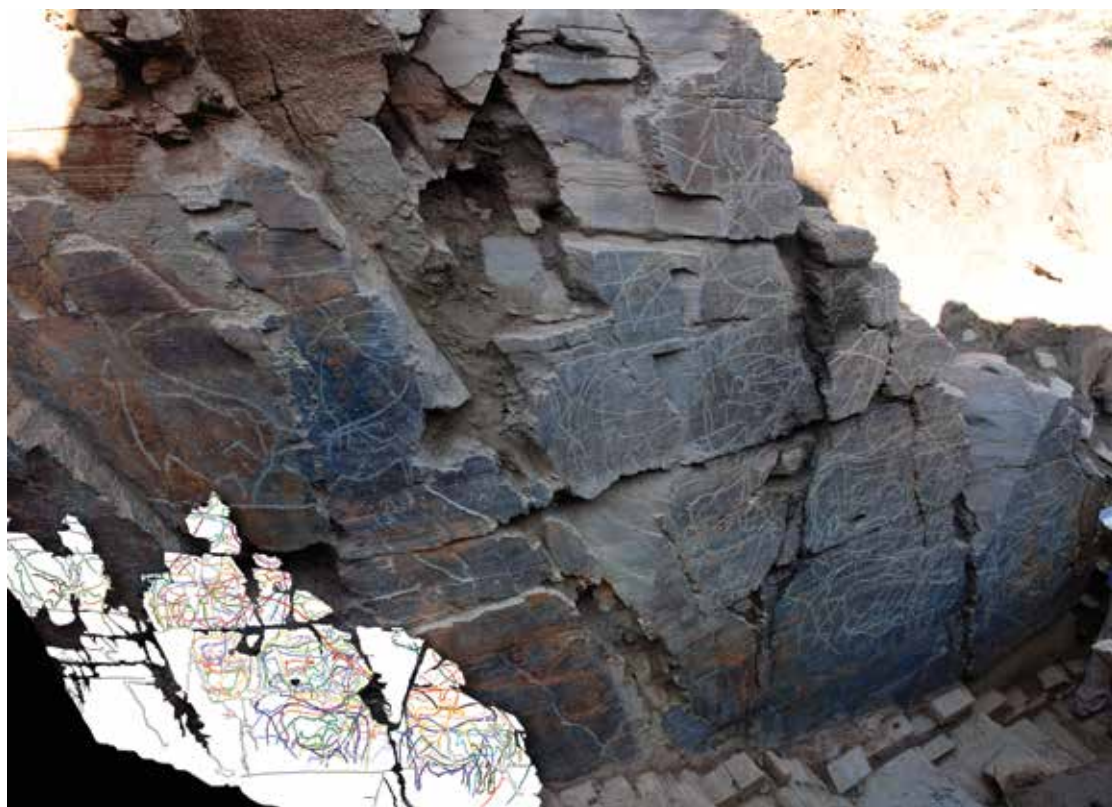


Fig. 20: Fariseu 1 (~30 000-23 000 calBP). Decalque de Fernando Barbosa e foto do autor.

vale, como a Penascosa e a Canada do Inferno (SANTOS, 2019; AUBRY *et al.*, 2020c). Terá provavelmente origem nas alterações das dinâmicas fluviais identificadas, mais para montantes, no sítio da Cardina, onde se atesta a interrupção da sedimentação aluvial a partir de há 26 000 anos (AUBRY *et al.*, 2020b; 2020c). Que há 30 000 anos já se gravavam figuras do tipo das da fase 1 está, por outro lado, demonstrado pelo aparecimento de picos em quartzito em níveis datados desse período no sítio da Olga Grande 4 (AUBRY, 2001), utensílios cujos estudos traceológicos indiciam ter sido utilizados para gravar figuras daquele tipo (PLISSON, 2009).

Os animais desta fase (SANTOS, 2019, 155) caracterizam-se pelos bordos dorsais e ventrais proeminentes e pelas cabeças naturalistas mas pouco detalhadas. As bocas e narinas, quando representadas, são lineares e os olhos em forma de ponto ou circulares. Usualmente apenas uma pata por par está figurada, tendendo estas a serem delimitadas por bordos simples. As extremidades dos membros tendem a ser deixadas em aberto; o perfil absoluto é a perspectiva mais recorrente no que toca à representação dos membros, sendo usual igualmente na de chifres e hastes, embora neste caso também seja comum o perfil biangular oblíquo (*sensu* LEROI-GOURHAN, 1984). As técnicas mais utilizadas são a picotagem (sobretudo a variante A, mas também a B) e a abrasão, mesmo se a incisão está também identificada. Será a um momento terminal desta fase ou a um inicial da seguinte que se deve atribuir o dispositivo parietal da Faia, que inclui imagens onde se documenta a utilização de pigmento mineral vermelho como complemento da picotagem e da abrasão.

2.1.1. A FASE 1 NO VALE DO CÔA

No Vale do Côa inventariam-se atualmente 475 figuras de animais, que se podem atribuir com uma segurança relativa à fase 1. Distribuem-se por setenta rochas. Os auroques são a espécie mais representada (28,42%), a que se segue o cavalo (20,21%), a cabra-montês (20%) e o veado (11,37%). A camurça aparece em seis ocasiões, tendo-se inventariado ainda representações singulares de um urso e de uma ave de rapina (as duas na rocha 1 da Quinta da Barca). Na rocha 6 da Faia observa-se ainda um animal que, apesar de completo, é de identificação problemática, tendo sido classificado como “outro”, para que não se inclua no número de quadrúpedes que não são determinados devido ao seu elevado estado de incompletude, sobretudo devido à fragmentação do suporte mas também porque não foram completados (ou tendo sido completados por meio de pintura, não se identificam agora devido ao desaparecimento desta). Esta última categoria de animais não identificados representam ainda 17,68% do número de unidades gráficas figurativas (Tab. 1).

A distribuição destas figuras não é homogénea (Fig. 21A). Uma simples enumeração dos sítios inventariados (em número de 10) não nos permite, *per se*, compreender grandemente esta distribuição. Por um lado, ela dilui a relação profunda que existe entre determinados sítios e, por outro, ignora a forma como se distribuem as imagens por esses troços de espaço a que hoje chamamos sítios. Como tal, adoptámos como unidade analítica aquilo a que chamámos *zona*. As zonas são áreas delimitadas que se caracterizam pela homogeneidade topográfica e pela organização similar ao nível das composições que aí se encontram (SANTOS, 2019, 52). Elas podem ser pequenas (com apenas uma rocha) ou grandes (várias rochas ao longo de um curso de água). Podem encontrar-se relativamente isoladas ou adjacentes entre si. No vale é possível

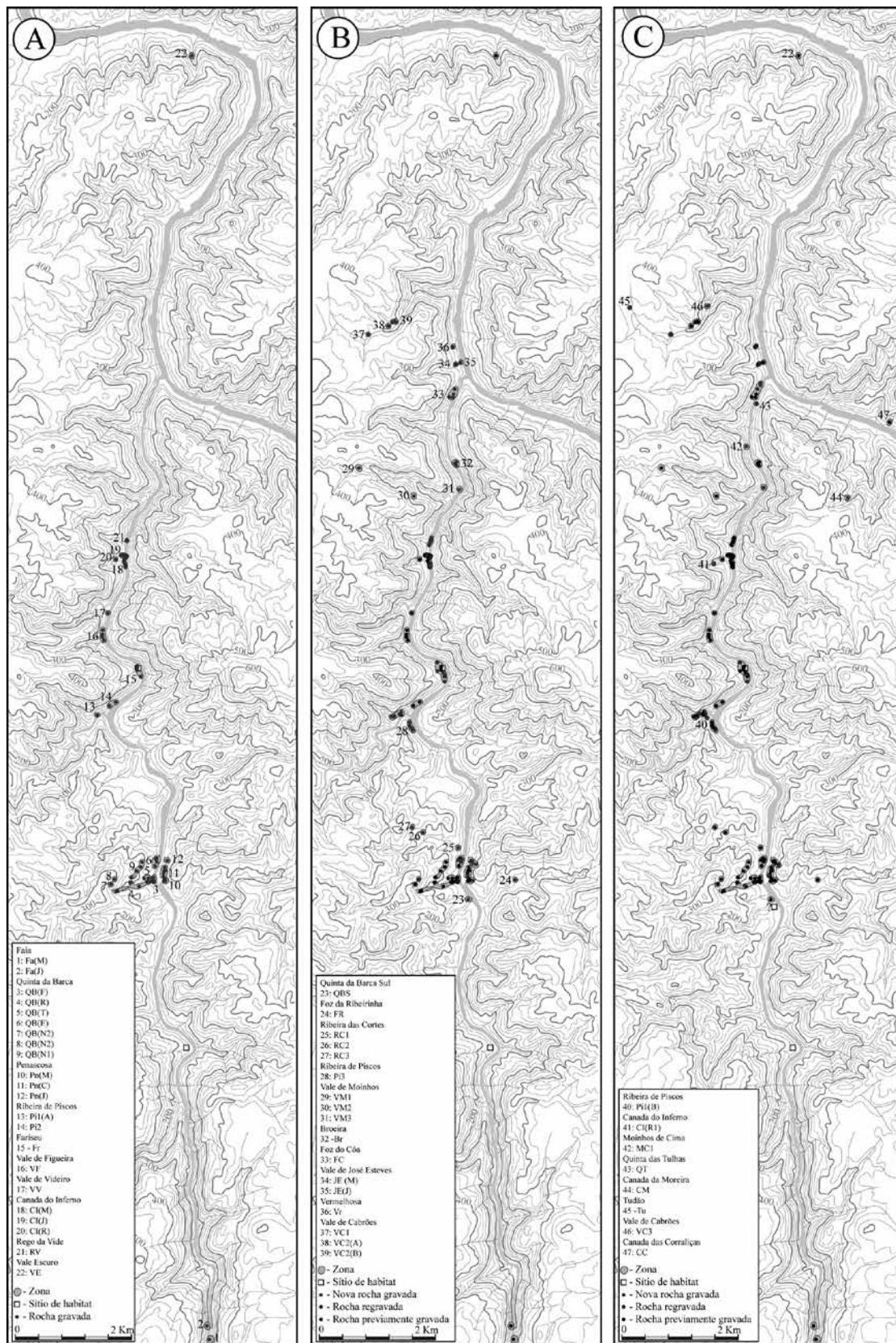


Fig. 21: Evolução do complexo rupestre do Côa entre cerca de 30 000 e 14 000 calBP. A: Fase 1; B: Fase 2; C: Fase 3.

Conjunto	Zona	E	Ce	Ca	B	R	I	O	U	Al	Ind	Totais
Faia	<i>Fa(M)</i>	0	1	0	0	0	0	0	0	0	0	1
	<i>Fa(J)</i>	2	0	0	5	0	0	0	0	1	0	8
Penascosa/ Quinta da Barca	<i>Pn(M)</i>	4	0	5	1	0	0	0	0	0	1	11
	<i>Pn(C)</i>	13	7	13	14	0	1	0	0	0	15	63
	<i>Pn(J)</i>	0	2	0	2	0	0	0	0	0	1	5
	<i>QB(F)</i>	23	8	23	21	0	0	1	1	0	11	88
	<i>QB(R)</i>	4	4	4	5	0	0	0	0	0	8	25
	<i>QB(N1)</i>	0	2	0	1	0	0	0	0	0	0	3
	<i>QB(N2)</i>	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1	1
	<i>QB(T)</i>	2	0	2	2	0	0	0	0	0	3	9
	<i>QB(E)</i>	6	0	2	2	0	0	0	0	0	0	10
	<i>QB(NO)</i>	1	0	3	3	1	0	0	0	0	0	8
	Colina do Fariseu	<i>Pi1</i>	2	0	0	0	0	0	0	0	0	0
<i>Pi2</i>		1	2	1	3	0	0	0	0	0	0	7
<i>Fr</i>		23	16	21	30	4	0	0	0	1	19	114
<i>VF</i>		0	1	0	2	0	0	0	0	0	5	8
<i>VV</i>		0	1	0	0	0	0	0	0	0	0	1
Canada do Inferno/ Rego da Vide	<i>CI(M)</i>	6	2	8	25	0	0	0	0	0	11	52
	<i>CI(J)</i>	8	7	13	18	1	0	0	0	0	9	56
	<i>CI(R)</i>	0	0	0	1	0	0	0	0	0	0	1
	<i>RV</i>	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1
Vale Escuro	<i>VE</i>	0	1	0	0	0	0	0	0	0	0	1
<i>Totais</i>		96	54	95	135	6	1	1	1	2	84	475

Tab.ela 1 : Distribuição dos temas pelas zonas do Côa, durante a vigência da fase 1 (cf. Fig. 21A). E: cavalo; Ce: veado; Ca: cabra-montês; B: auroque; R: camurça; I: peixe; O: ave; U: urso; Al.: outro; Ind.: indeterminado.

identificar alguns conjuntos de zonas adjacentes entre si, separados uns dos outros por áreas sem imagens (Fig. 21A e Tab. 1).

A Faia corresponde a um destes conjuntos. É composto por duas zonas localizadas em margens opostas do rio. A que se encontra mais a montante (*Fa(M)*) localiza-se na margem direita do rio, correspondendo a uma zona caracterizada pela presença exclusiva de uma cerva, gravada no interior de um abrigo (Fig. 22). Na margem oposta, a uns metros para jusante, localiza-se *Fa(J)*, caracterizada pelo domínio do auroque (ver Tab.1).

O segundo conjunto é composto pelos sítios da Penascosa e da Quinta da Barca (Fig. 21a e Tab. 1). A maior densidade de informação encontra-se na confluência da ribeira da Quinta da Barca com a margem esquerda do Côa (zona *QB(F)*). Aqui, 88 motivos animais distribuem-se por apenas 7 painéis, 4 dos quais na rocha 1 da Quinta da Barca (Figs. 23 e 24). Esta zona caracteriza-se pelo equilíbrio entre auroques, cabras-monteses e cavalos. No lado oposto do rio — no sítio da Penascosa — identificam-se três zonas adjacentes entre si, dispostas ao longo da base da vertente. A que se situa mais a jusante (*Pn(J)*) é composta por apenas um painel onde apenas se identificam veados e auroques (estes apenas incisos e aqueles picotados). *Pn(C)*, que ocupa uma posição central no sítio (rochas 3, 4 e 5), apresenta também uma relativa concentração de informação (62 motivos) — uma parte importante deles provavelmente gravados durante o final desta fase ou dos inícios da segunda (nas rochas 4 e 5) (Figs. 25 e 26) — e uma distribuição temática semelhante a *QB(F)*. Na extremidade montante da Penascosa e imediatamente em frente de *QB(F)* localiza-se *Pn(M)*, uma zona claramente focada no cavalo e, em menor, grau, na cabra-montês. Na Quinta da Barca, isolaram-se ainda:

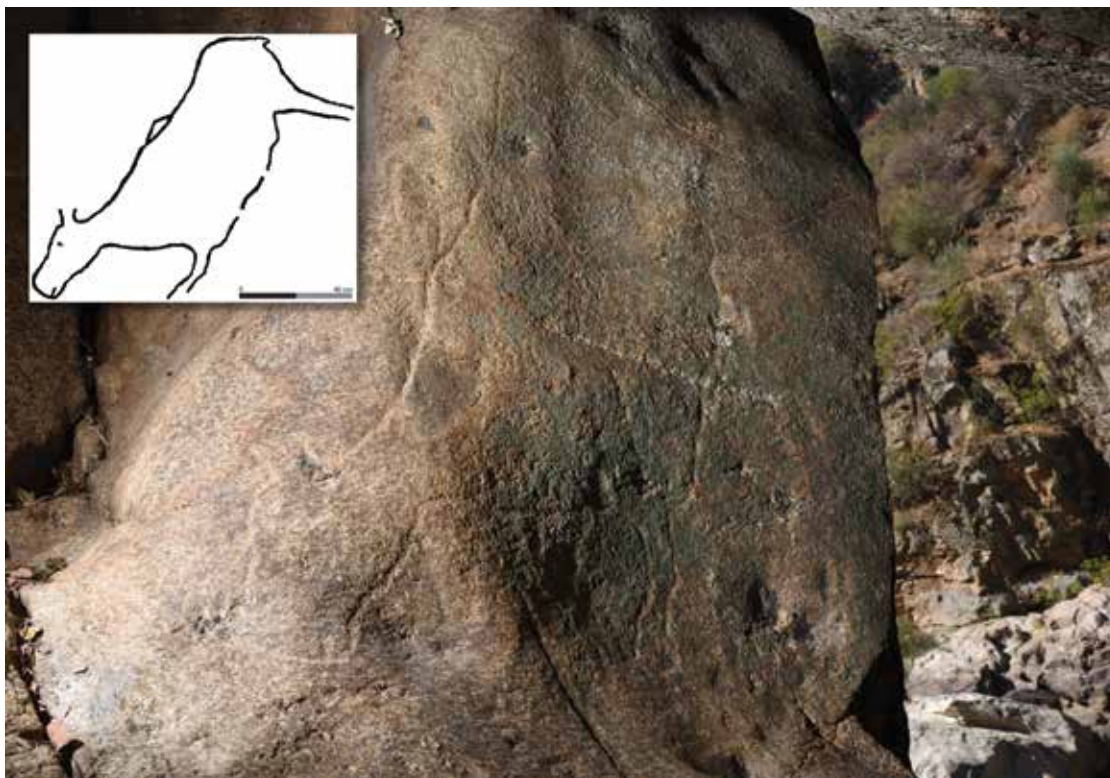


Fig. 22: Faia 7. Vista desde o interior do abrigo granítico, observando-se, em primeiro plano, uma cerva gravada por picotagem e abrasão (~26 000-23 000 calBP). Decalque de André Tomás Santos, Luís Luís e Thierry Aubry e foto do autor.

QB(R), que se distribui ao longo da ribeira epónima e é caracterizada pelo equilíbrio entre as quatro espécies mais representadas (sendo, no entanto, as cabras-monteses representadas apenas por fêmeas); QB(N1), que se localiza junto de uma das nascentes da ribeira, e apresenta uma composição semelhante a Pn(J); QB(N2), onde apenas se observa um membro de um quadrúpede indeterminado). QB(NO) distribui-se ao longo do terço superior da vertente do vale, distinguindo-se pela dispersão de cabras-monteses, cavalo, camurça e auroques, cada tema numa rocha isolada. QB(T) trata-se de um terraço adjacente a QB(R), nos limites dos quais se localizam três rochas com uma distribuição temática caracterizada pelo equilíbrio entre cabras-monteses, auroques e cavalos; finalmente, na extremidade nordeste do sítio, junto ao rio e em face de Pn(J), localiza-se QB(E), caracterizado pela elevada percentagem de cavalos.

Entre estas zonas e as rochas que as compõem é possível inferir percursos *grosso modo* lineares, definidos pela relação espacial das rochas entre si e pela orientação dos próprios animais gravados, que nos informam das direções a caminhar entre elas (SANTOS, 2019). De facto, se nas grutas a orientação dos animais não parece relacionar-se com uma direccionalidade do percurso, no Côa e em Siega Verde, isso parece ocorrer (SANTOS, 2012; 2019, 315-317). Tal poderá dever-se ao facto da própria arquitetura das grutas condicionar aí o movimento (VIALOU, 2004), enquanto que ao ar livre, os condicionalismos aos movimentos do corpo não são tão evidentes. Este tipo de percursos definidos por lugares interligados é, significativamente, típico da navegação pelo espaço por parte dos caçadores-recolectores (LEROI-GOURHAN, 2002 [1965]; KELLY, 2003). A inferência destes caminhos permite perceber que no conjunto da Penascosa/ Quinta da Barca, as zonas das extremidades são dominadas



Fig. 23: A foz da ribeira da Quinta da Barca, observando-se, desde o primeiro plano até ao fundo, as rochas 1, 27 (pequeno painel deslocado visível por cima do painel direito da rocha 1), 2, 4 e 5 (Infografia do autor, feita com os decalques de Fernando Barbosa).

pelo par veado/ auroque (Pn(J) e QB(N1)) e pelo cavalo/ cabra-montês (Pn(M) e QB(E)) e interligadas por zonas de maior diversidade e equilíbrio temático — pelo menos entre cabras-monteses, cavalos e auroques — e maior quantidade de informação, por vezes sob a forma de composições onde se observam intensas sobreposições, particularmente evidentes em Pn(C) e QB(F). A relação entre as duas zonas separadas pelo rio (Pn(M) e QB(F)) parece evidenciada pela que se estabelece entre a rocha 8 da Penascosa — que, segundo o percurso inferido, seria a última a ser experienciada na Penascosa — e a rocha 1 da Quinta da Barca, uma das primeiras a ser vista depois atravessado o rio. Em ambas encontramos as únicas representações de fêmeas de cabras-monteses que olham de frente (Fig. 27), ou seja, uma para a outra, dada a localização e a orientação dos painéis onde se encontram. Na rocha 8 da Penascosa encontramos igualmente as únicas

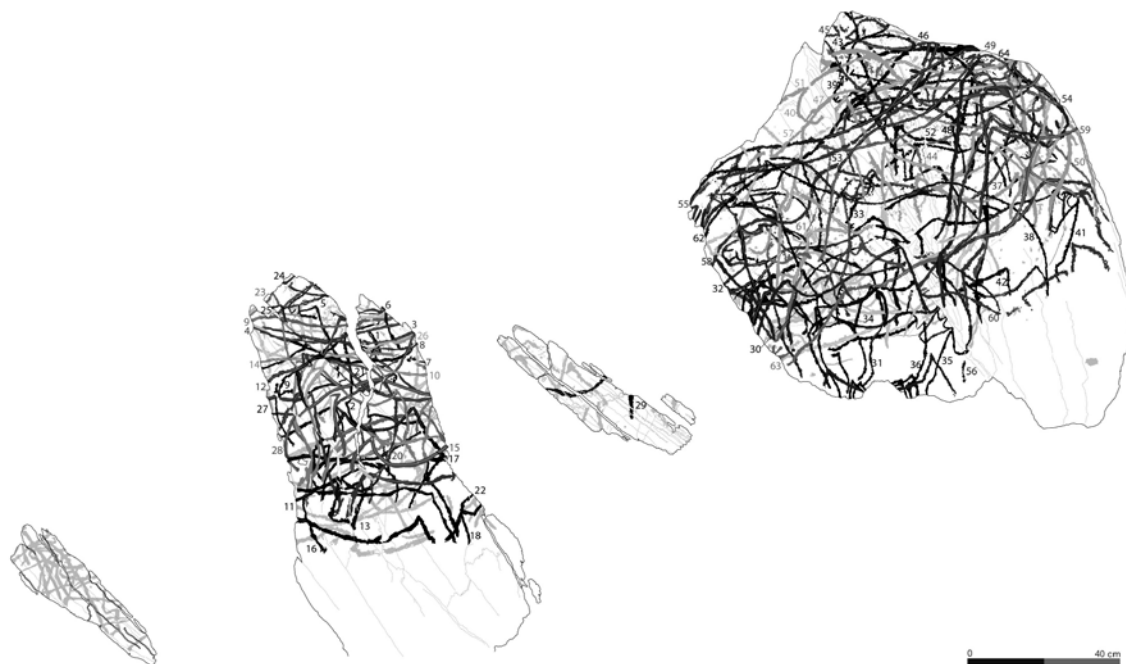


Fig. 24: Quinta da Barca 1, onde se identificam 64 animais atribuíveis a um momento antigo da fase 1 (~30 00-26 000 calBP). Decalque de Fernando Barbosa.

representações de meandros de todo o conjunto que agora abordamos.

O terceiro conjunto corresponde ao grupo de zonas que se distribui em torno da colina do Fariseu (Fig. 21A e Tab. 1). A maior parte da informação concentra-se na zona central do conjunto, no sítio do Fariseu (Fr), onde atualmente se conhecem 126 representações de animais seguramente atribuídos a esta fase, mas cujo número será muito maior a avaliar pelo que se tem descoberto no decorrer das escavações realizadas no sítio. O sítio caracteriza-se por um valor algo mais elevado de auroques (30) relativamente ao de cavalos (23), cabras-monteses (21) e veados (16). O número ligeiramente mais elevado de auroques, quando se tem em conta o número de figuras desta zona, não dilui o relativo equilíbrio entre as quatro espécies mais representadas, apenas suplantado pelo que se verifica na zona da ribeira da Quinta da Barca, onde, contudo, só se quantificam 25 animais. Na base da vertente sul do Fariseu, na margem esquerda da ribeira de Piscos, encontra-se Pi1, onde apenas se localizam os dois cavalos da rocha 1 (Fig. 28). Entre esta zona e Fr, localiza-se, já nas margens do Côa, uma zona intermediária (Pi2), caracterizada pela dispersão e diversidade da informação. A colina do Fariseu é bordejada a norte por Vale de Figueira, uma zona dominada pelo auroque e onde o único outro tema claramente identificado é a cerva. Como, no caso do conjunto da Penascosa/ Quinta da Barca, é possível inferir um caminho entre a zona Pi1 (onde só se observam cavalos) e Vale de Figueira (onde os únicos animais reconhecidos são seis auroques e uma cerva), mediada por duas zonas de maior diversidade temática — Pi2 e Fr —, destacando-se esta última, localizada no centro do conjunto e em face do maior relevo da região (o monte de S. Gabriel), pela quantidade das imagens que comportam dois dos seus painéis e pela intensidade das suas sobreposições (vide supra, Fig. 20).

As zonas da Canada do Inferno e de Rego da Vide formam outro conjunto reconhecível (Fig. 21A e Tab. 1). A zona montante da Canada do Inferno (CJ(M))

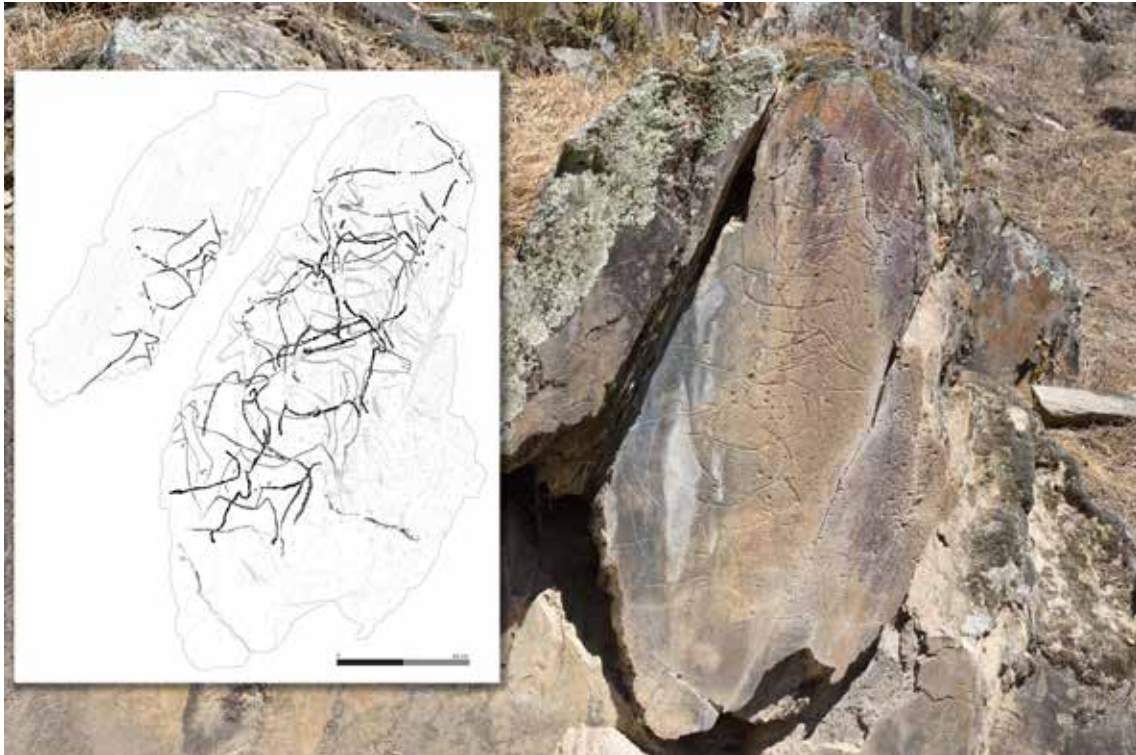


Fig. 25: Penascosa 3. Composição da zona central da Penascosa, dominada por cabras-monteses e auroques. Apenas se identifica um cavalo (~30 000- 26 000 calBP). Decalque de Fernando Barbosa e foto do autor.

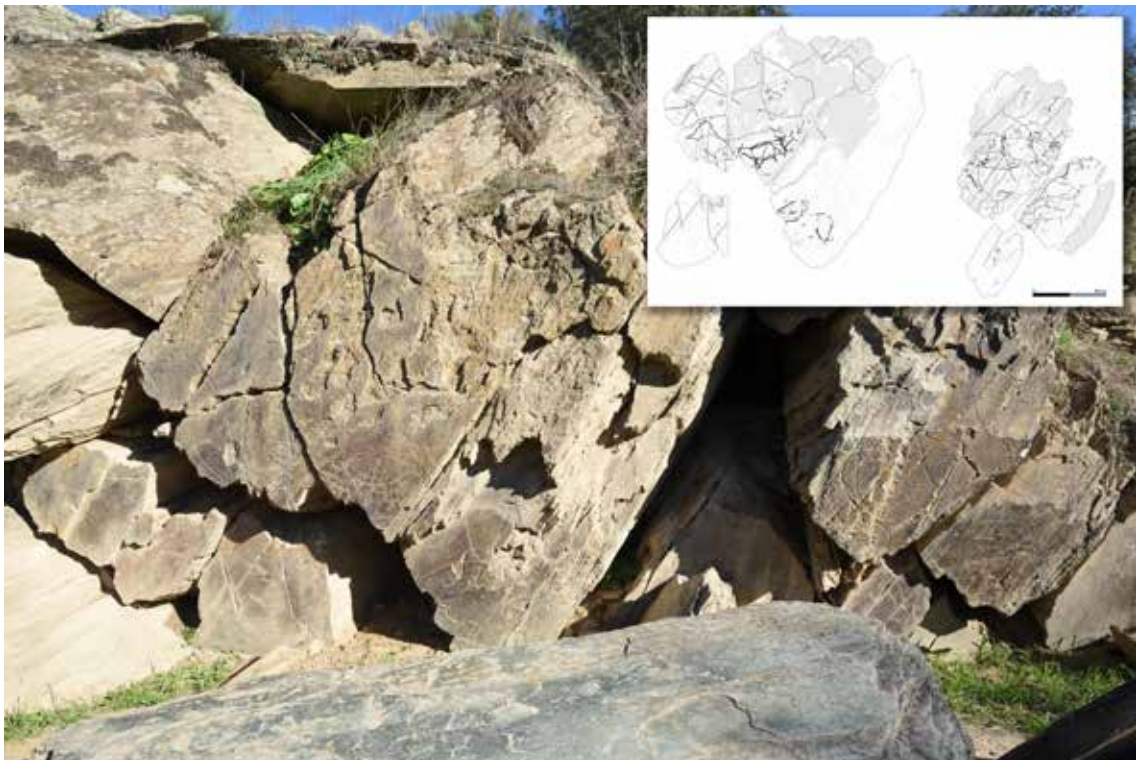


Fig. 26: Penascosa 5. Trata-se da composição mais diversificada de toda a Penascosa, aí surgindo, por exemplo, a única representação de peixe da sua fase pré-azilense. A composição deverá datar de uma momento de transição entre as fases 1 e 2 (~26 000 20 000 calBP). Decalque de Fernando Barbosa e foto do autor.



Fig. 27: Penascosa 8 (~30 000-26 000). Se admitirmos um percurso linear na Penascosa, orientado pela lateralização dos animais, esta seria a última rocha do sítio a ser vista. Trata-se da única rocha do sítio com signos ondulados. Destaque-se a cabra-montês-fêmea com a cabeça em vista frontal. Em frente dela, do outro lado do rio, encontra-se a rocha 1 da Quinta da Barca, onde se observa animal semelhante (na caixa, cf. Fig. 24, motivo n.º 36). Decalques de Fernando Barbosa.

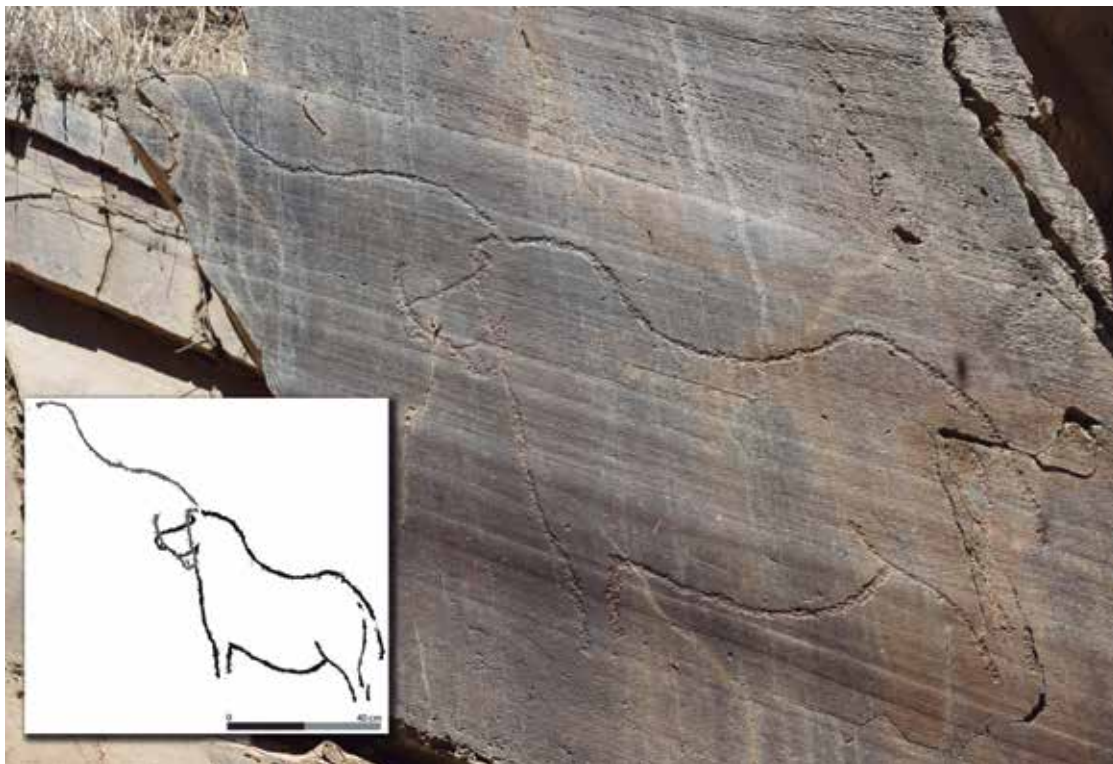


Fig. 28: Rocha 1 de Piscos, onde se observam dois cavalos com a cabeça cruzada (~30 000-26 000). Decalque de Fernando Barbosa e foto do autor.

dispersa-se ao longo da vertente e apresenta um relativamente elevado nível de informação (52 motivos), dispersos pelo espaço, sendo claramente focada sobre o auroque. A zona jusante (CI(J)) é também dominada por auroques, mas a frequência de outros temas é maior. Rego da Vide (RV) localiza-se para jusante, devendo atribuir-se a esta fase uma única figura de cavalo. A zona remanescente deste conjunto localiza-se na margem esquerda da ribeira da Canada do Inferno (CI(R)), aí se encontrando apenas um auroque.

Com base na orientação dos animais, é também possível inferir uma relação entre CI(R) (onde só se encontra um auroque) e RV (onde só se encontra um cavalo), mediado por duas zonas de maior quantidade e diversidade de informação — CI(M) e CI(J). O primeiro dos sítios poderá também relacionar-se com Vale de Videiro, uma zona composta por apenas uma rocha, localizada entre Vale de Figueira e Canada do Inferno, onde apenas se identifica um animal que parece associar características de uma cabra-montês com as de um vareto (veado juvenil, cujas hastes não apresentam esgalhos) (SANTOS, 2019, 268).

A zona remanescente atribuída a esta fase é o Vale Escuro (VE), situado num pequeno tributário da margem esquerda do Douro localizado para jusante da foz do Côa. Aqui apenas se identifica um veado.

No que toca ao repertório não figurativo, este é maioritariamente inciso. Algumas destas unidades gráficas podem ser interpretadas como signos — maioritariamente de morfologia linear ou angular mas outras poderão corresponder a “marcas rituais” (*sensu* LORBLANCHET, 2010, 335-365), identificando-se com o que usualmente se denomina “traços indeterminados”. Sendo difícil distinguir ambos os tipos de motivos, estes foram quantificados como uma categoria apenas (SANTOS, 2019, 356). Esta quantificação permitiu perceber que este tipo de evidências gráficas se localiza essencialmente onde se concentra o maior número de animais — Pn(C), Fr, CI(J). Apenas na Quinta da Barca parece inverter-se esta tendência, oferecendo QB(F) um número relativamente baixo deste tipo de evidências e QB(E) um número inusitadamente alto. Pelo menos esta última situação poder-se-á dever a uma sobrevalorização das unidades gráficas presentes nas rochas 20 e 22, que, para além de imagens de animais atribuídos a esta fases, também contêm animais gravados em momentos posteriores, sendo difícil discernir quais as unidade gráficas não figurativas que, associando-se também aos animais mais antigo, poderão datar de fases mais recentes.

2.1.2. A FASE 1 NA ÁREA DE APROVISIONAMENTO DAS MATÉRIAS-PRIMAS NÃO LOCAIS IDENTIFICADAS NO VALE DO CÔA

No interior desta área conhecem-se, na bacia do Douro, outros nove sítios com manifestações gráficas rupestres atribuídas a esta fase (Fig. 1). Cinco dos sítios localizam-se em tributários da margem direita do Douro: Pousadouro, Sampaio e Ribeira da Sardinha no vale do Sabor (e.g. BAPTISTA, 2009); o abrigo de Foz Tua junto da confluência deste rio com o Douro (e.g. TEIXEIRA & SANCHES, 2017); e Mazouco, junto à confluência da ribeira da Albargueira com o Douro (JORGE *et al.*, 1981). Três localizam-se em tributários da margem esquerda do Douro: Siega Verde (e.g. ALCOLEA & BALBÍN, 2006) e Redor do Porco (BAPTISTA & REIS, 2011) no vale do Águeda, encontrando-se La Salud nas margens do Tormes (GÁRATE *et al.*, 2016; RIVERO,

BÉCARES & ÁLVAREZ-FERNÁNDEZ, 2021). O nono sítio localiza-se no limite meridional deste território, na margem direita do Ocreza, cerca da sua confluência com o Tejo (e. g. BAPTISTA, 2009).

Todos os animais são picotados e, por vezes, também abradidos. O repertório não figurativo, igualmente essencialmente inciso e de morfologia linear ou angular, só é relevante nos sítios de Mazouco, Pousadouro, La Salud e, em muito menor medida, Sampaio (SANTOS, 2019). Com exceção de Siega Verde, cuja cronologia se estende do Gravettense ao Azilense (e g. ALCOLEA & BALBÍN, 2006; BUENO, BALBÍN & ALCOLEA, 2007), todos os sítios são muito pequenos. Contudo, em Siega Verde, apenas se podem atribuir, com segurança, à fase 1, os auroques dos seus painéis 4 e 19 (SANTOS, 2019, 312-313). De facto, embora Alcolea e Balbín também admitam a possibilidade do cavalo da rocha 4 e de um da rocha 62 serem também arcaicos, pensamos não ser segura esta atribuição. Não só o cavalo da rocha 62 integra a classe 2 das nossas análises, como os paralelos invocados por aqueles autores para invocarem a cronologia mais antiga daqueles motivos, serão mais recentes, designadamente os cavalos de La Griega (maioritariamente integrados na classe 2) e os da rocha 14 da Canada do Inferno, que, para além de integrarem esta classe, serão sempre posteriores ao Último Máximo Glaciar, como demonstrado pelas datações de ^{36}Cl da superfície daquela rocha (PHILLIPS *et al.*, 1997).

Como em Siega Verde, durante esta fase, também nos sítios de Redor do Porco, Ribeira da Sardinha e Sampaio, apenas estão representados auroques.

Nos outros sítios é o cavalo que é omnipresente. Este tema está acompanhado de veado em Mazouco, Pousadouro, Foz do Tua e, eventualmente, La Salud. De facto, interpretamos como pertencendo a uma fêmea desta espécie (invocando paralelos da rocha 1 do Fariseu) o bordo dorsal identificado por Gárate (2016) como cavalo (SANTOS, 2019, 342). Na Foz do Tua a associação do cavalo com o veado é levada ao

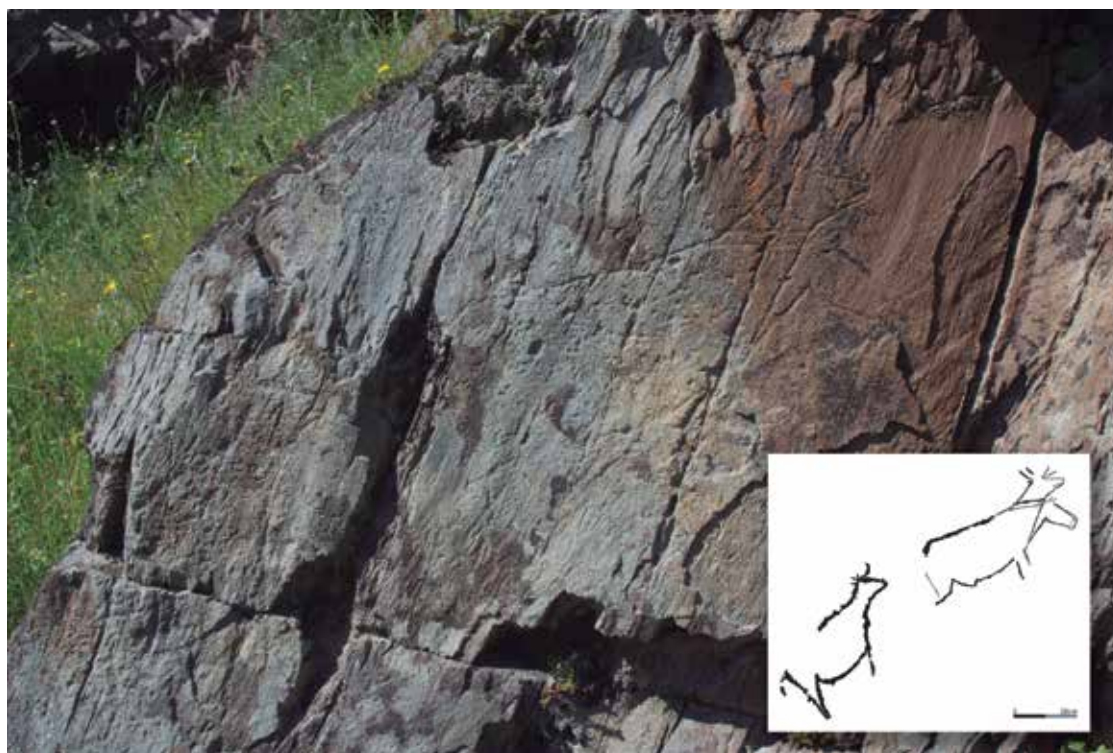


Fig. 29: Painel 31 do Abrigo de Foz Tua, com animal composto (à direita) e cervídeo (à esquerda), ambos gravados por picotagem e abrasão (~26 000-23 000 calBP). Decalque de André Tomás Santos, Joana Teixeira, Joana Valdez-Tullet e Maria de Jesus Sanches e foto do autor.

extremo, aí se identificando uma representação de cervídeo com uma segunda cabeça, deste feita de cavalo. Por outro lado, a putativa aversão que se verifica, fora do Côa, entre o par cavalo/ veado e o auroque está também eloquentemente demonstrada em Foz Tua, onde sob a cabeça do cavalo se parece descortinar a de um auroque (Fig. 29). Nestes sítios as associações por sobreposição são raras, apenas se identificando no Pousadouro e, ainda assim, envolvendo um número reduzido de animais.

Refira-se ainda a existência de arte móvel exumada em nível Gravettense do Medal, um sítio localizado num terraço do Sabor. Apenas a peça n.º 5252 foi gravada com uma unidade gráfica figurativa — o que parece ser a zona crânio-ventral de um auroque (FIGUEIREDO et al., 2016, 69-70, fig. 4). Como referimos anteriormente (SANTOS, 2019, 163), a figura assemelha-se a uma do Fariseu (Fr01-85), assim como a motivos do Gravettense francês dos sítios de Cussac (JAUBERT, FERUGLIO & FOURMENT, dirs., 2020) ou Gargas (BARRIÈRE, 1976).

2.1.3. COMPARAÇÃO ENTRE OS SÍTIOS RUPESTRES

Entres as composições do Côa e aquelas que se encontram na sua área de aprovisionamento não local destaquem-se as similitudes ao nível da morfologia das imagens, das técnicas empregues, dos temas representados, da dimensão média dos animais e da associação preferencial entre, por um lado, incisão e repertório não figurativo e, por outro, picotagem/ abrasão e repertório figurativo. O contraste encontra-se ao nível da dimensão dos sítios, da sobreposição entre motivos — que só ocorre com intensidade nas zonas centrais dos conjuntos do Côa — Pn(C), QB(F), Fr, CI(M) e CI(J) — e da diversidade de temas representados em cada sítio. Relativamente a este aspeto, vale a pena salientar que os animais mais representados no Côa, ora estão ausentes

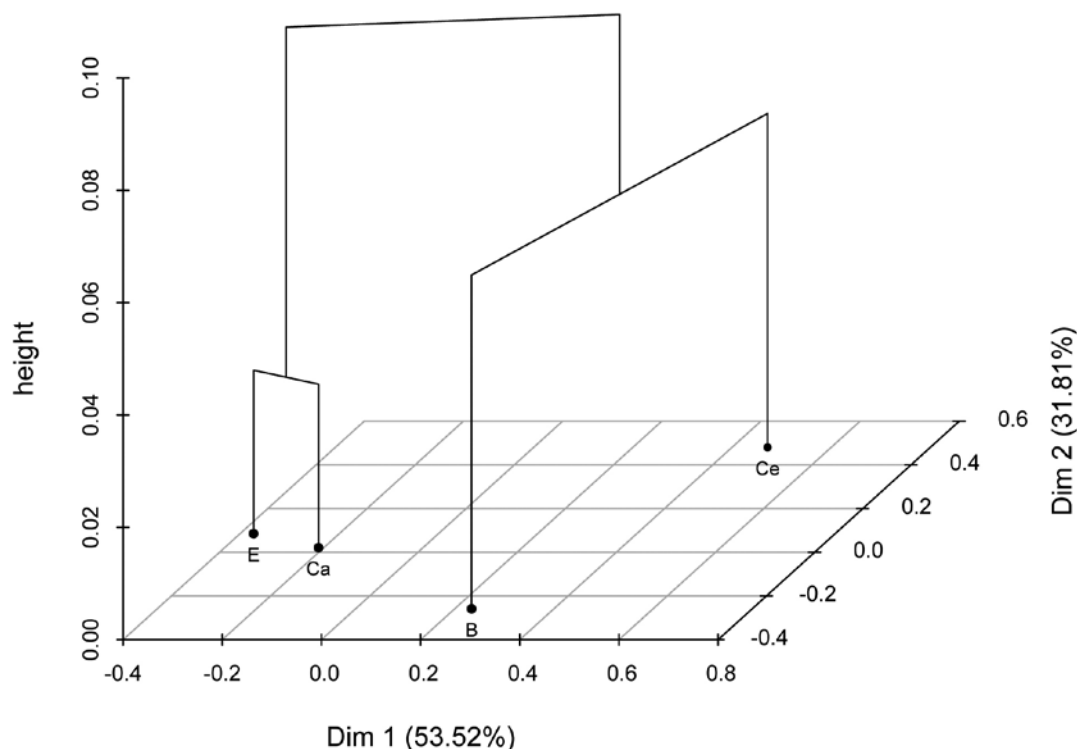


Fig. 30: Classificação hierárquica ascendente dos quatro temas principais da arte paleolítica do Côa, baseada na análise de correspondências simples efetuada sobre o conjunto das zonas da fase 1 com 2 ou mais temas.

(cabra-montês), ora nunca aparecem juntos (cavalo e auroque) nos sítios fora do Côa. Por outro lado, a associação reiterada entre cavalos e veados que se verifica nos sítios fora do Côa é inversa às tendências associativas vigentes no Côa onde veado tende a associar-se com auroque e cavalo com cabra-montês (Fig. 30).

2.2. FASE 2 (~23 000-18 000 CALBP)

A cronologia mais recente das imagens atribuídas a esta fase relativamente à da anterior está atestada pela localização de algumas das primeiras em painéis que foram “libertados” pelo episódio de incisão do vale referido atrás e que terá ocorrido cerca do final da fase 1, podendo-se considerar, conseqüentemente, o Solutrense médio como o período de transição entre as fases (SANTOS, 2019, 157-158). A datação pelo ^{36}Cl da exposição do painel 14 da Canada do Inferno (PHILLIPS *et al.*, 1997), onde se encontram figuras atribuídas a esta fase, demonstra que elas ainda se fariam até, pelo menos, 17.700 anos atrás. Por outro lado, os diversos casos de sobreposição estudados revelam a sua anterioridade sistemática relativamente às imagens atribuídas à fase 3 (SANTOS, 2019, 145-151). A comparação estilística com outras figuras do Sudoeste europeu aponta para uma anterioridade destas figuras relativamente ao Magdalenense médio (SANTOS, 2019, 174-185).

No que toca à morfologia, os corpos destas figuras são menos massivos que os da fase anterior; são mais frequentes os detalhes internos das cabeças, especialmente ao nível do ápice dos focinhos dos cavalos. A representação dos quatro membros é ainda rara, mas mais frequente que na fase anterior. Os cascos, quando representados, apresentam forma globular. Em algumas figuras observam-se algumas delimitações internas, seja mediante a simples representação do seu perímetro, seja por intermédio do preenchimento interno, quer picotado, quer estriado. Algumas das figuras antropomórficas associam-se intimamente a alguns dos animais atribuídos a esta fase, pelo que foram consideradas coevas (Fig. 31). O repertório não figurativo é dominado pela incisão, mas identifica-se um importante signo picotado na rocha 1 de Vale de Figueira (Fig. 32). Para além desta forma complexa, identificam-se ainda outras, como reticulados, escaleriformes ou arboriformes (Fig. 33 a 35). As composições onde se verificam elevados graus de sobreposição entre figuras não são tão comuns como na fase anterior, sendo a rocha 24 de Piscos um dos casos raros onde tal se verifica.

2.2.1. A FASE 2 NO VALE DO CÔA

Isolámos, no Vale do Côa, 343 unidades gráficas figurativas atribuídas a esta fase, dispersas por 69 rochas (Fig. 21B). O cavalo é a espécie mais representada durante esta fase (25,95%), a que se segue o auroque (22,45%), o veado (15,74%), a cabra-montês (12,24%) e o antropomorfo (2,92%). Dois animais semelhantes ao indeterminado da rocha 6 da Faia (e como ele, classificados como al.), dois felinos e representações isoladas de camurça, ave, bisonte e peixe completam o repertório figurativo desta fase, passível de identificação. Os indeterminados, correspondem a 18,37% das figuras. Contudo, se tivermos em conta as figuras pré-existentes, o auroque é ainda a figura mais representada no vale, embora o cavalo se aproxime ligeiramente. A mesma aproximação verifica-se entre cabra-montês e veado (Tab. 2).

Conjunto	Zona	E	Ce	Ca	B	Ant	R	I	O	U	F	Bis	Al	Ind	Totais	
Faiá	Fa(M)	-	1	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	1	
	Fa(J)	2	-	-	5	-	-	-	-	-	-	-	1	-	8	
Penascosa/ Quinta da Barca	FRi	-	1	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	1	
	QBS	-	1	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	1	
	Pn(M)	4	-	6	1	-	-	-	-	-	-	-	-	1	12	
	Pn(C)	15	10	16	17	-	-	1	-	-	-	-	-	17	76	
	Pn(J)	6	6	4	3	-	-	-	-	-	-	-	-	-	6	25
	QB(F)	24	10	23	21	-	-	1	1	-	-	-	-	-	11	91
	QB(R)	4	4	4	5	-	-	-	-	-	-	-	-	-	8	25
	QB(N1)	-	2	1	2	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	5
	QB(N2)	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	1	1
	QB(T)	2	-	2	2	-	-	-	-	-	-	-	-	-	3	9
	QB(E)	8	19	3	5	-	-	-	-	-	-	-	-	-	2	37
	QB(NO)	1	-	3	3	-	1	-	-	-	-	-	-	-	-	8
	RC1	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	1	1
	RC2	-	1	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	1
	RC3	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	1	1
Colina do Fariseu	Pi1	7	5	6	5	-	-	-	-	-	-	-	2	5	30	
	Pi2	1	2	1	3	-	-	-	-	-	-	-	-	-	7	
	Pi3	13	10	6	44	7	1	-	1	-	1	-	-	28	111	
	Fr	36	22	25	38	3	4	-	-	-	-	-	1	26	155	
	VF	-	1	-	6	-	-	-	-	-	-	-	-	-	7	14
Canada do Inferno/ Rego da Vide	VY	-	1	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	1	
	CI(M)	13	8	8	26	-	-	1	-	-	-	-	-	14	70	
	CI(J)	17	7	16	20	-	1	-	-	-	-	-	-	10	71	
	CI(R)	-	-	-	1	-	-	-	-	-	-	-	-	-	1	
	RV	6	-	1	1	-	-	-	-	-	-	-	-	-	8	
Vale de Moinhos 3	VM3	1	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	1		
Broeira	Br	3	-	-	1	-	-	-	-	-	1	-	-	6		
Foz do Côa	FC	6	6	2	1	-	-	-	-	-	-	-	-	16		
Vale de Moinhos 1/2	VM1	-	-	-	-	-	-	-	-	-	1	-	-	1		
	VM2	-	1	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	1		
Vale de José Esteves	JE(M)	1	-	1	1	-	-	-	-	-	-	-	-	4		
	JE(J)	-	-	1	1	-	-	-	-	-	-	-	-	2		
Vermelhosa	Vr	-	2	4	-	-	-	-	-	-	-	-	-	6		
Vale de Cabrões	VC1	-	-	2	-	-	-	-	-	-	-	-	-	1	3	
	VC2a	-	1	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	1		
	VC2b	1	-	2	2	-	-	-	-	-	-	-	-	5		
Vale Escuro	VE	-	1	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	1		
Totais		171	122	137	214	10	7	2	2	1	2	1	4	145	818	

Tabela 2: Distribuição dos temas pelas zonas do Côa durante a vigência da fase 2 (cf. Fig. 21B). E: cavalo; Ce: veado; Ca: cabra-montês; B: auroque; Ant: antropomorfo; R: camurça; I: peixe; O: ave; U: urso; F: felino; Bis: bisonte; Al: outro; Ind.: indeterminado.

uma fêmea na Quinta da Barca Sul (QBS), desta feita picotada. Nas duas restantes zonas da Ribeira das Cortes (RC1 e 2) são gravados, por incisão, dois quadrúpedes indeterminados. A zona central da Penascosa — Pn(C) — vê igualmente crescer o número de motivos aí existentes, sendo duas das novas cabras-monteses gravadas por picotagem (Fig. 36) e os restantes motivos por incisão. O número de figuras aumenta igualmente nas zonas montante e jusante da Penascosa — Pn(M) e Pn(J) —, assim como em diversas zonas da Quinta da Barca QB(F), QB(N1) e QB(E), onde são gravadas as rochas 31 e 34 (Figs. 37 e 38), assim como, eventualmente, a 30 (Fig. 39). A maioria destas figuras são incisadas, correspondendo as exceções ao grande veado raspado da rocha 10 da Penascosa (Pn(J)) (*vide supra*, Fig. 10) e a duas gravuras picotadas e incisadas da rocha 20 da Quinta da Barca (uma cabeça de cavalo e uma fêmea de cabra-montês em QB(E)). Do ponto de vista temático, auroque e veado continuam maioritários em QB(N1), cavalo em QB(E) e Pn(M). Apenas em Pn(J) se observa uma ligeira alteração da temática original, passando o número de cavalos a ser tão importante como o de veados, ultrapassando mesmo o número de auroques (tal como as cabras-monteses).

As maiores alterações dão-se, no entanto, em torno da colina do Fariseu, onde uma nova zona aparece entre a margem direita da ribeira de Piscos e a esquerda do Côa (Pi3) (SANTOS; 2019, 243-249). Aqui, são gravadas, durante esta fase, as rochas 16 de Piscos — com duas cervas picotadas —, 41 — com um auroque também picotado —, e uma grande parte da rocha 24. Nesta rocha, são provavelmente gravados durante esta fase, pelo menos, 24 dos seus 32 painéis, (devendo seis dos remanescentes serem

A maioria destas figuras é gravada por incisão (85,54%), embora a picotagem e a abrasão ainda sejam utilizadas (13,25%). Para além destas técnicas, reconhece-se a raspagem em quatro figuras. Identificam-se preenchimentos estriados, sempre parciais, em oito motivos.

Ao nível da arquitetura do vale (Fig. 21B e Tab. 2) verifica-se o aumento do número de conjuntos identificáveis, das zonas e das rochas gravadas em zonas pré-existentes. No conjunto Penascosa/ Quinta da Barca, são gravados veados isolados em zonas marginais que não existiam antes — um macho inciso na Foz da Ribeirinha (FRi) (SANTOS, 2019, 205-206) e outro num dos conjuntos da ribeira das Cortes (RC2), assim como

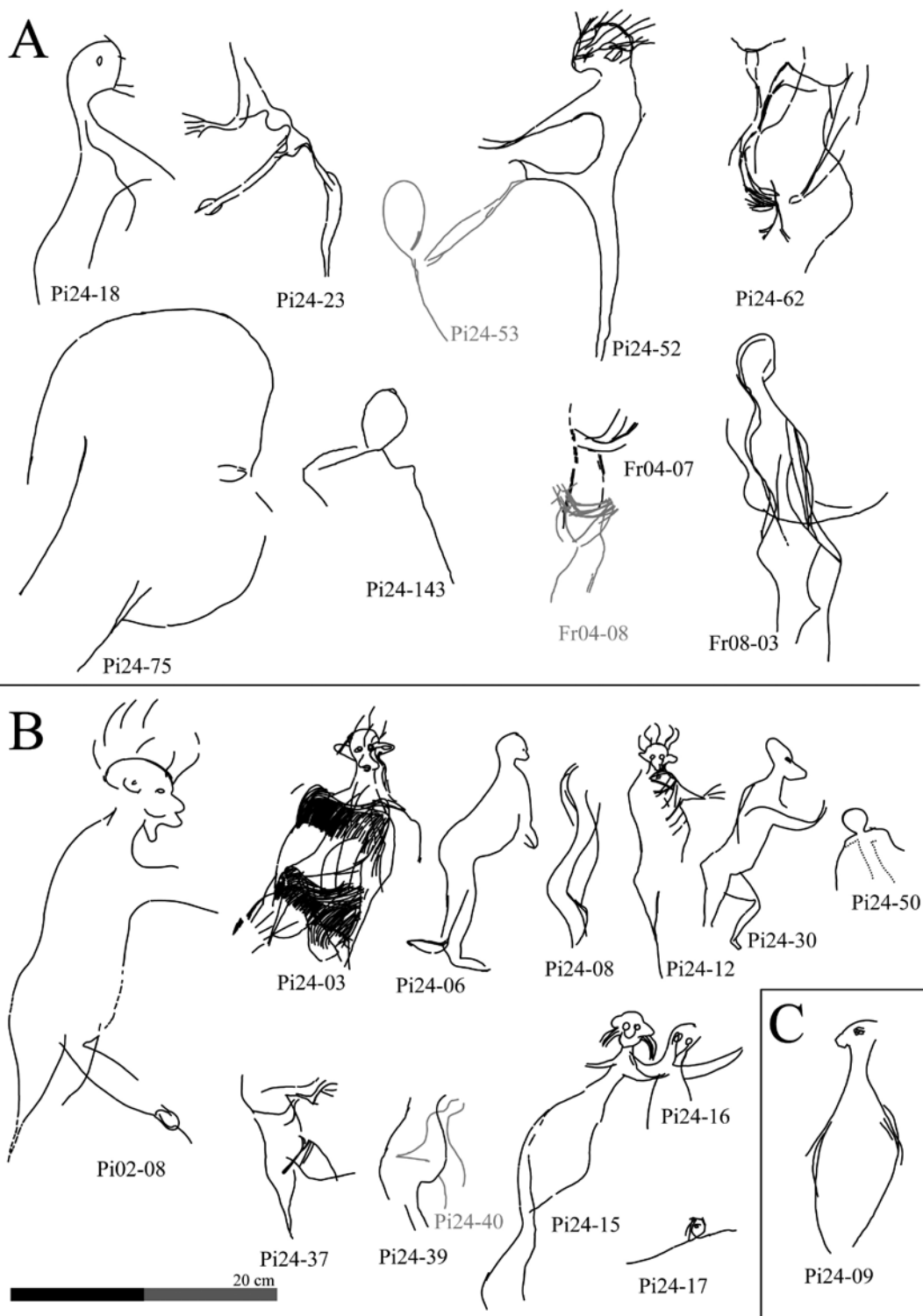


Fig. 31: Figuras antropomórficas magdalenenses do Côa. A: Figuras atribuíveis à fase 2; B: Figuras atribuíveis à fase 3; C: Ser fantástico da rocha 24 de Piscos. Decalques de Fernando Barbosa.



Fig. 32: Vale de Figueira 1. Signo gravado, por picotagem e abrasão (~23 000-18 000 calBP). Confrontar com o decalque na figura 40. Foto do autor.

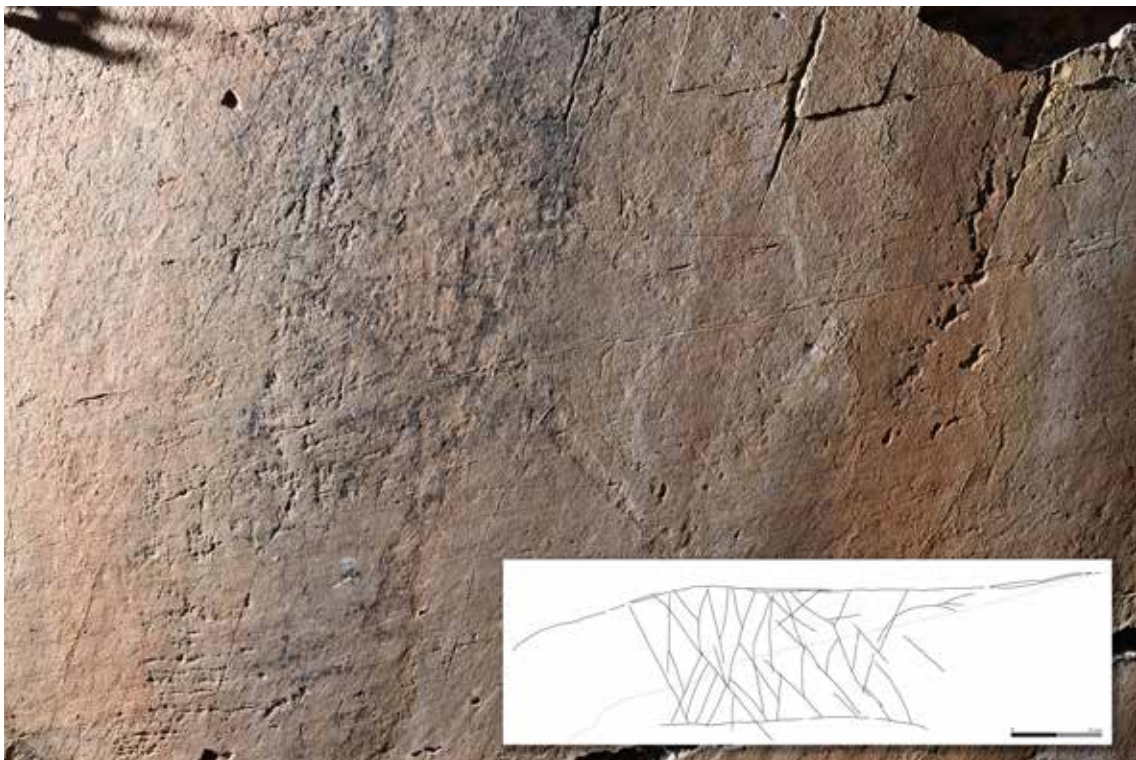


Fig. 33: Vale de Cabrões 32. Signo reticulado inciso (~23 000-18 000 calBP). Decalque de Fernando Barbosa. Foto do autor.

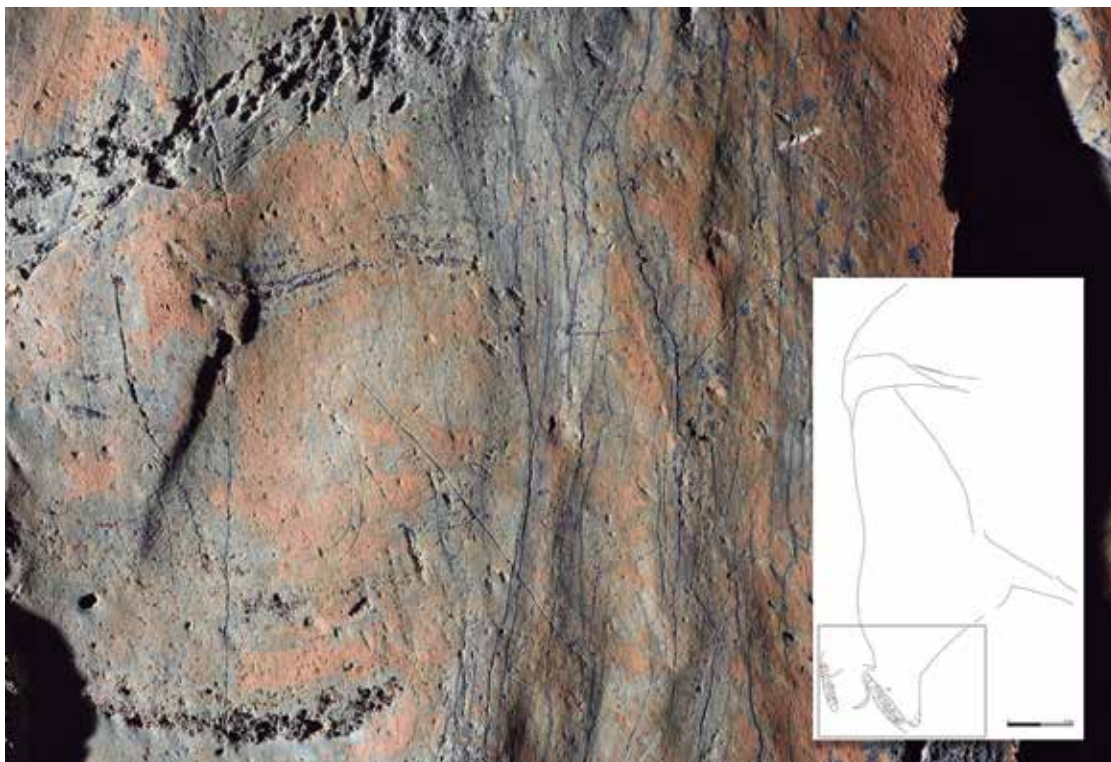


Fig. 34: Vale de Cabrões 6. Signos escaleriformes incisos, associados a um auroque (~23 000-18 000 calBP). Decalque de Fernando Barbosa. Foto do autor.

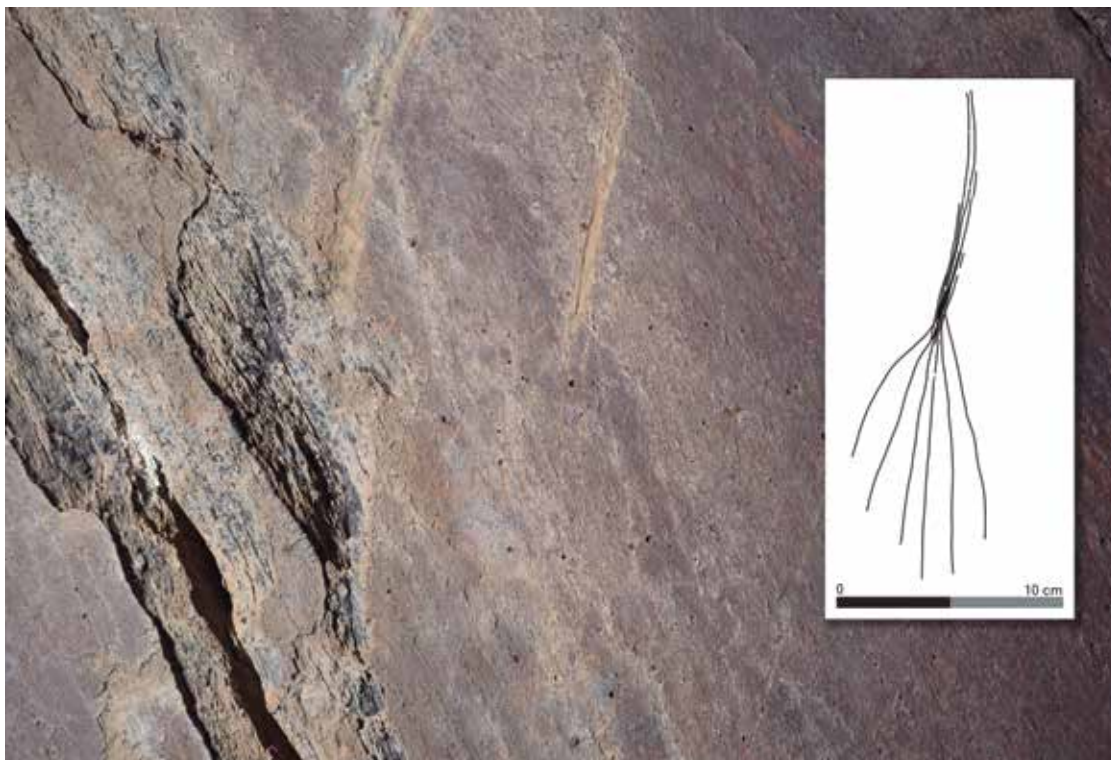


Fig. 35: Quinta da Barca 56. Signo ramiforme. Decalque de Fernando Barbosa. Foto do autor.



Fig. 36: Penascosa 37. Cabra-montês picotada da fase 2 (~23 000-18 000 calBP), em torno da qual se descobrem duas figuras estriadas e uma outra picotada, já de cronologia azilense. (~12 000 calBP) Decalque de André Tomás Santos e Thierry Aubry.

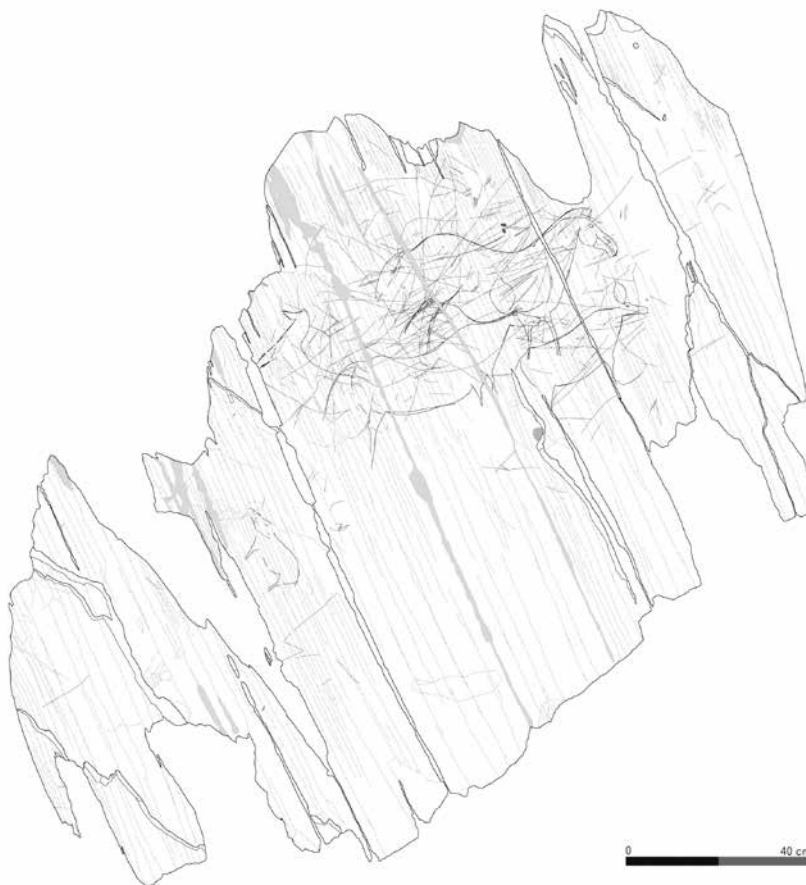


Fig. 37: Quinta da Barca 31. Composição atribuída à fase 2 (~23 000-18 000 calBP), onde se descobrem dois cavalos, dois auroques e uma cervo incisos. Decalque de André Tomás Santos e Thierry Aubry.



Fig. 38: Quinta da Barca 34. Um auroque inciso completo e cabeça de um segundo (~23 000-18 000 calBP). Decalque de André Tomás Santos e Thierry Aubry.



Fig. 39: Quinta da Barca 30. Três veados incisos, possivelmente coevos da nossa fase 2 (~23 000-18 000 calBP). Decalque de Fernando Barbosa.

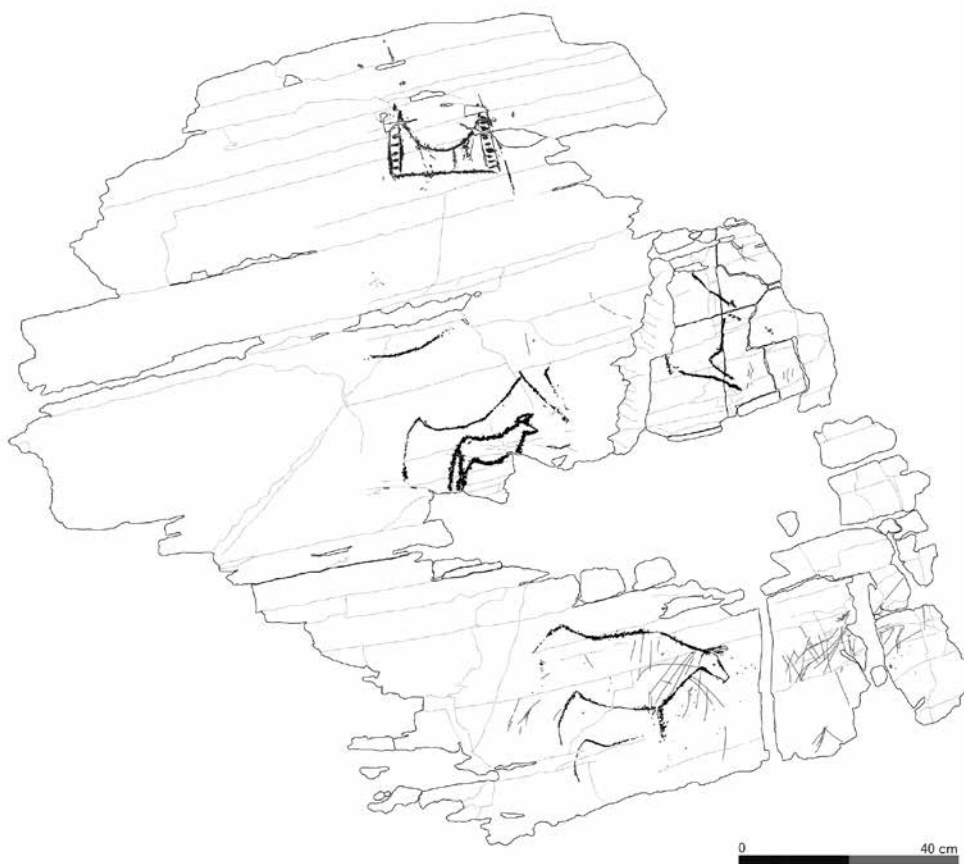


Fig. 40: Vale de Figueira 1. Painel esquerdo. Trata-se de uma composição atribuível à nossa Fase 2 (~23 000-18 000 calBP). Decalque de Fernando Barbosa.

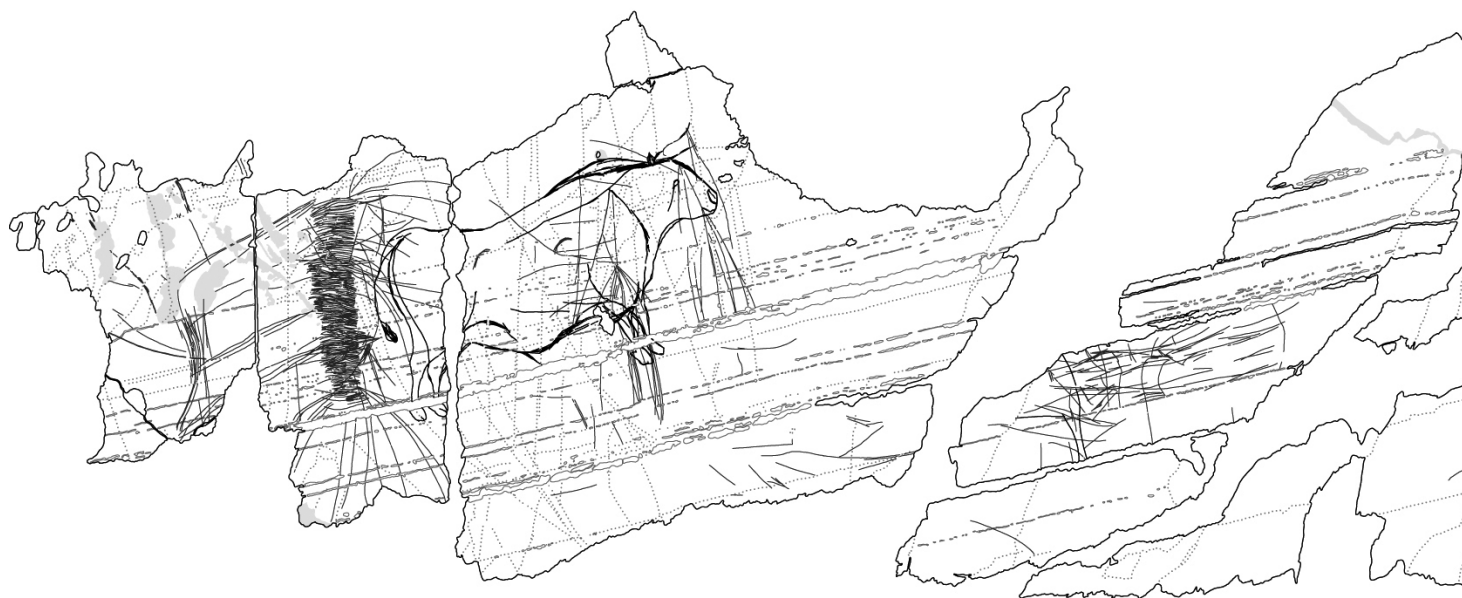
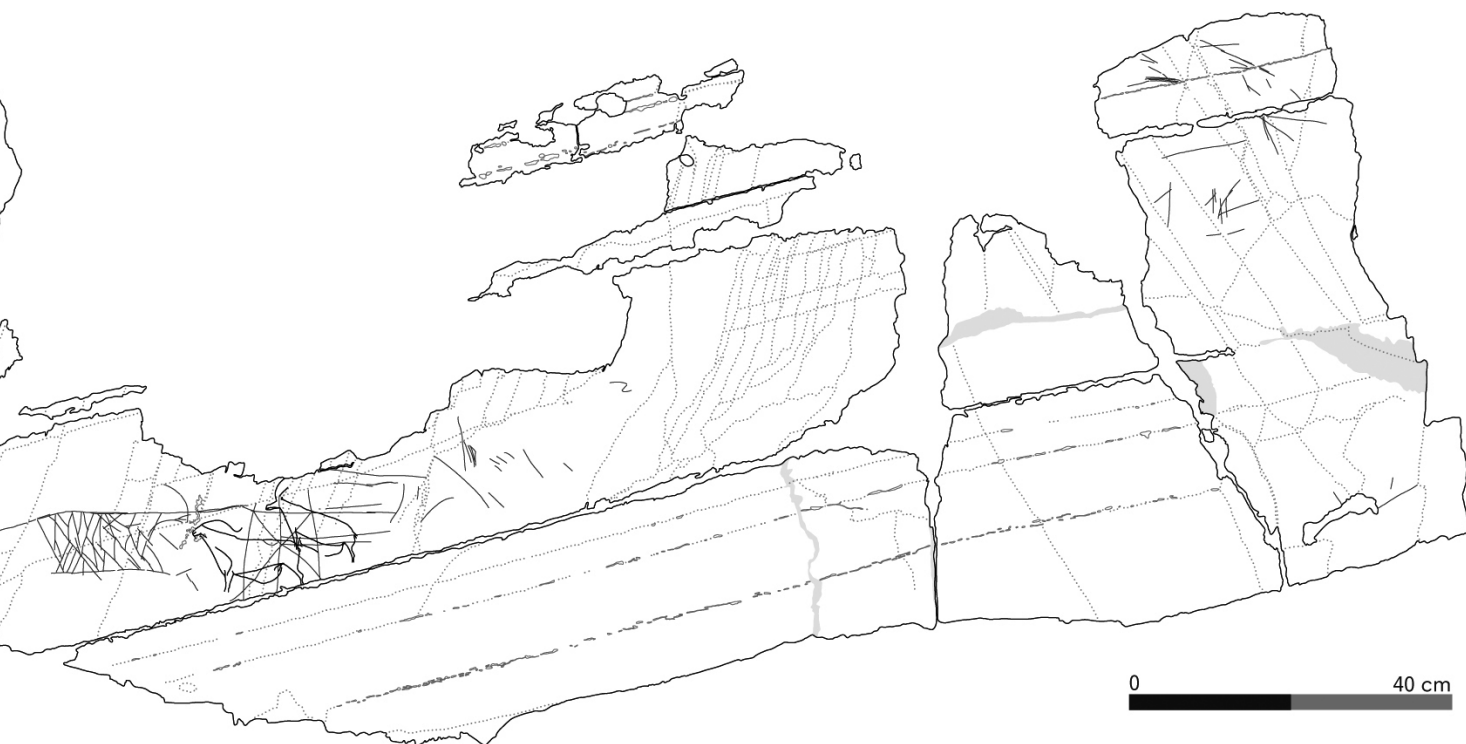


Fig. 41: Vale de Cabrões 31. Ao centro observa-se duas cabras-monteses incisadas associadas a signos reticulados, cujos paralelos apontam para um momento da nossa fase 2 (~23 000-18 000 calBP). Na extremidade esquerda observa-se um auroque com características morfológicas mais detalhadas e um outro tipo de signos, que pensamos serem mais recentes (~18 000-14 000 calBP). Decalque de Fernando Barbosa.

gravados na fase seguinte — *vide infra* —, e sendo difícil a atribuição cronocultural dos painéis 31 e 32), porquanto apenas contém repertório não figurativo) (SANTOS, 2019, 552-600). Esta zona é claramente dominada pelo auroque, a esta espécie se seguindo o cavalo, o veado, a figura antropomórfica e a cabra-montês, reconhecendo-se também representações singulares de camurça, felino e ave (cfr. Tab. 2). Os signos da rocha 25 (SANTOS, 2019), deverão também ter sido gravados durante esta fase. Pi1 também vê aumentar o seu número de motivos, gravando-se nas rochas 2, 5, 6 (SANTOS, 2019, 534-539, 542-545) e 47, recentemente descoberta por Mário Reis⁶. Todas estas figuras são incisadas, salvo uma cabeça de auroque picotada na rocha 2. Tematicamente, esta zona inverte a de Pi3, sendo o cavalo, o tema mais representado (cfr. Tab. 2. As duas figuras aí classificadas como al. são os dois motivos da rocha 2 semelhantes ao indeterminado da rocha 6 da Faia). Os signos da rocha 11, localizados cerca da rocha 5, deverão igualmente ser atribuídos a esta fase.

No Fariseu são gravadas as rochas 3 (*vide supra*, Fig. 6) e 5, assim como partes da 4 e da 8 (SANTOS, 2019, 619-627) e o restante dispositivo da rocha 9, se é que não estava já gravado. Durante esta fase, o Fariseu destaca-se pelo elevado equilíbrio entre auroques e cavalos e entre cabras-monteses e veados (cfr. Tab. 2). A zona remanescente deste conjunto (Vale de Figueira) também se vê aumentada, devendo todo o painel esquerdo da rocha 1 (Fig. 40), datar desta fase (SANTOS, 2019, 266). A presença do auroque é, assim, reforçada durante esta fase. Destaque-se neste painel a presença de um importante signo picotado (*vide infra*, Figs. 2 e 40).

No conjunto Canada do Inferno/ Rego da Vide observam-se novas adições nas zonas montante e jusante da do primeiro dos sítios e em Rego da Vide (cfr. Tab. 2) (SANTOS, 2019, 276-282). Na primeira zona mencionada, destaque-se a gravação das rochas 12, 19, 20 e 22 descobertas pelo episódio de incisão do vale decorrido entre



6. <http://matriz.arte-coa.pt/MWeb/DetalhesObra?id=179&tipo=OBJ>

as fases 1 e 2 (SANTOS, 2019, 157-158). Na globalidade, destaque-se a aproximação do número de cavalos ao de auroques e de veados ao de cabras-monteses em CI(M), o maior equilíbrio entre temas em CI(J) e uma maior diversidade de temas em RV, embora o cavalo continue como a espécie mais representada.

A visibilidade das rochas para jusante do Rego de Vide está muito condicionada pela submersão de uma parte importante do vale pela albufeira do Pocinho (influência que chega até à ribeira de Piscos, mas o sector do vale entre Rego da Vide e aquele sítio foi melhor prospectado aquando do abaixamento da barragem em 1994). Ainda assim, conhecem-se cinco zonas com imagens atribuíveis a este período: Foz do Côa (FC), com cinco rochas localizadas na margem esquerda do rio e Broeira (Br), com três rochas na margem direita (SANTOS, 2019, 276-296). Entre o Rego da Vide e a Foz do Côa localiza-se a foz do Vale de Moinhos, por onde se distribuem as zonas VM1, VM2 e VM3, com uma imagem em cada uma, de um bisonte picotado (SANTOS, 2019, 704), um veado inciso (SANTOS, 2019, 284) e um cavalo picotado (BAPTISTA & REIS, 2008, 176), respetivamente (cfr. Tab. 2).

Já no Douro, para jusante da foz do Côa, foram provavelmente gravados durante esta fase, no Vale de José Esteves, os espaços parietais B e C (este apenas com signos) da rocha 36 do Vale de José Esteves (SANTOS *et al.*, 2020b, 177-182) e a rocha 80, recentemente descoberta por Mário Reis, localizada já perto da confluência deste vale com o Douro (cfr. Tab. 2, JE(M) e JE(J), respetivamente). Deverão igualmente ser atribuídos a esta fase dois veados e quatro cabras-monteses incisas das rochas 1 e 2 da Vermelha (cfr. Tab. 2, Vr).

O último sítio da região com figuras atribuídas a este período é Vale de Cabrões. Aqui identificam-se dois *loci*. Em VC1 atribuímos a este período as duas cabras-monteses e um quadrúpede da rocha 32 (SANTOS, 2019, 730-734). Chegámos a atribuir estes animais à fase 3, devido à presença concomitante de um auroque claramente atribuível a esta fase. Contudo, a localização das cabras-monteses no centro do painel não torna descabida a sua putativa maior antiguidade relativamente ao auroque (Fig. 41). A estreita associação entre estes dois animais e signos reticulados (vide supra Fig. 33) muito semelhantes aos encontrados na gruta de El Buxu, nas Astúrias (e.g. MENÉNDEZ, 1984; 2003) — onde outras similitudes com Vale de Cabrões foram já identificadas (SANTOS, 2019, 179) — reforça esta proposta de atribuição cronológica.

O *locus* remanescente do sítio encontra-se a jusante no vale, aí se distinguindo duas zonas separadas por uma linha de água temporária. Na sua margem esquerda encontramos VC2a, onde apenas se descobre a cabeça incisa de um veado, identificando-se em VC2b, na margem direita duas cabras-monteses, dois auroques e um cavalo, todos incisos (SANTOS; 2019, 305-307).

2.2.2. A FASE 2 NA ÁREA DE APROVISIONAMENTO DAS MATÉRIAS-PRIMAS NÃO LOCAIS IDENTIFICADAS NO VALE DO CÔA

Atribuímos a esta fase imagens localizadas em nove sítios, correspondendo um destes — La Griega (e.g. CORCHÓN *et al.*, 1997; 2012) — a uma gruta (Fig. 1). Com exceção das estações localizadas em torno da aldeia de Domingo García (San Isidro, Valdebernardo-Cañamares e La Dehesa del Carbonero) (RIPOLL & MUNICIO, 1999), os restantes sítios ao ar livre relacionam-se com linhas de água. São estes: Siega Verde, de que já falámos, Fraga Escrevida, situada no Vale do Sabor, Arroyo de las Almas, que

é um tributário da margem direita do Águeda (VÁZQUEZ & REIS, 2019; REIS & VÁZQUEZ, 2020) e os dois sítios do médio Zêzere: Poço do Caldeirão e Costalta (e.g. BAPTISTA, 2009; SANTOS, 2019, 743).

Ocorrem figuras incisas em todos os sítios, com exceção dos de Poço do Caldeirão, Costalta e Fraga Escrevida. A picotagem é omnipresente nestes sítios e extremamente relevante em Siega Verde (e.g. ALCOLEA & BALBÍN, 2006), sendo residual em San Isidro e La Griega, onde predominam a digitação e a incisão (CORCHÓN *et al.*, 2012, 529). Por outro lado, o único dispositivo inteiramente inciso é o de Arroyo de las Almas.

Fraga Escrevida, o Arroyo de las Almas, Valdebernardo-Cañamares, Poço do Caldeirão e Costalta são sítios com dispositivos parietais muito pequenos e, tal como os da fase anterior focados sobre o auroque (Fraga Escrevida) ou sobre o cavalo, podendo este aparecer isolado (Costalta) ou associado a veados (Arroyo de las Almas e Poço do Caldeirão) ou a cabras-monteses (Valedebernardo-Cañamares).

La Dehesa del Carbonero (RIPOLL & MUNICIO, 1999, 175-196) é um sítio ligeiramente maior, no qual se identificam, pelo menos, oito composições com imagens figurativas. O sítio é claramente dominado pelo cavalo (10 motivos), sendo o auroque a segunda espécie mais representada (2 motivos).

De Siega Verde, atribuímos a esta fase as imagens da sua zona Centro-Sul, que os autores consideram da mesma cronologia que a nossa fase 2 (proposta que é confirmada pelas nossas análises estatísticas). Aqui o cavalo é igualmente maioritário (com 83 representações), seguindo-se o auroque e o veado (com vinte representações)⁷. Os restantes temas (caprinos, carnívoros, plantígrados, antropomorfos e, segundo os autores, rinocerontes) são minoritários. Trata-se do maior sítio desta fase, desenvolvendo-se a estação de forma paralela ao rio, segundo um percurso *grosso modo* linear (ALCOLEA & BALBÍN, 2006, 62), e cuja direccionalidade do percurso parece ser, como no Côa, indicada pela orientação dos animais (SANTOS, 2019, 315-317).

San Isidro e La Griega são sítios algo mais pequenos que Siega Verde, caracterizando-se também pelo domínio maciço do cavalo, com 25 e 59 motivos em cada um daqueles sítios respetivamente. No caso de La Griega, o tema é seguido por veados (12), aparecendo esta espécie a par de auroques em San Isidro (7).

Relativamente à arte móvel desta fase, ela só foi documentada na gruta do Caldeirão (ZILHÃO, 1988), em nível Solutrense do Medal (FIGUEIREDO *et al.*, 2016, 73, fig. 5) e, possivelmente, no sítio do Vau, localizado no Vale do Vouga (SANTOS, AUBRY e BARBOSA, 2020). No primeiro dos sítios, é difícil definir qualquer imagem de carácter figurativo na peça em causa, no segundo o cavalo é o único tema representado. Já no Vau, a única peça aí encontrada foi gravada com 6 cavalos, duas figuras antropomórficas, dois cervídeos (um restringido a uma haste e duas orelhas) e uma ave.

2.2.3. COMPARAÇÃO ENTRE OS SÍTIOS RUPESTRES

Durante esta fase, para além da grande concentração de rochas gravadas no

7 - O nosso inventário diverge ligeiramente do dos autores da monografia de referência, por razões que explicitámos já (SANTOS, 2019, 313-314). Segundo aqueles autores, na zona Centro-Sul, os bovinos são mais representados que os cervídeos (ALCOLEA & BALBÍN, 2006, 234)

Vale do Côa e dos pequenos sítios que parecem, ao nível da dimensão e da diversidade temática, muito semelhantes aos da fase anterior, surgem sítios de maior dimensão e mais diversificados tematicamente.

Um destes localiza-se no interior de uma gruta (La Griega), caracterizando-se outro pela sua monumentalidade, traduzida por um dispositivo essencialmente picotado de grande visibilidade (Siega Verde). Outros dois (Dehesa del Carbonero e San Isidro) localizam-se em relevos destacados na paisagem que denunciam o seu carácter “público”, carácter esse que, no caso de San Isidro, é igualmente denunciado pela presença de imagens picotadas (exclusivamente cavalos).

Todos estes sítios contrastam com o vale do Côa ao nível da distribuição temática, caracterizando-se todos eles, à exceção de Fraga Escrevida, pelo domínio de cavalos e por uma presença muito mais significativa de veados que de cabras-monteses. Mesmo os auroques só são mais preponderantes que cervídeos na Dehesa del Carbonero, apresentando números semelhantes em Siega Verde e San Isidro. Ainda assim, este último sítio, La Dehesa del Carbonero e Valdebernardo-Cañamares devem

ser entendidos como um conjunto (na medida em que o Vale do Côa é também um conjunto) dominado pelo cavalo (36), a que se segue, muito atrás, o auroque (9), o veado (7) e a cabra-montês (4). Ora, no Côa, não só a diversidade temática continua a denotar um maior equilíbrio entre auroques e cavalos (com predomínio ligeiro dos primeiros) e entre cabras-monteses e veados (com igual predomínio das primeiras), como as tendências associativas no sítio continuam caracterizadas por uma maior relação entre cavalo e cabra-montês, encontrando-se agora auroque mais afastado de veado, mas ainda assim mais próximo deste que do outro par (Fig. 42).

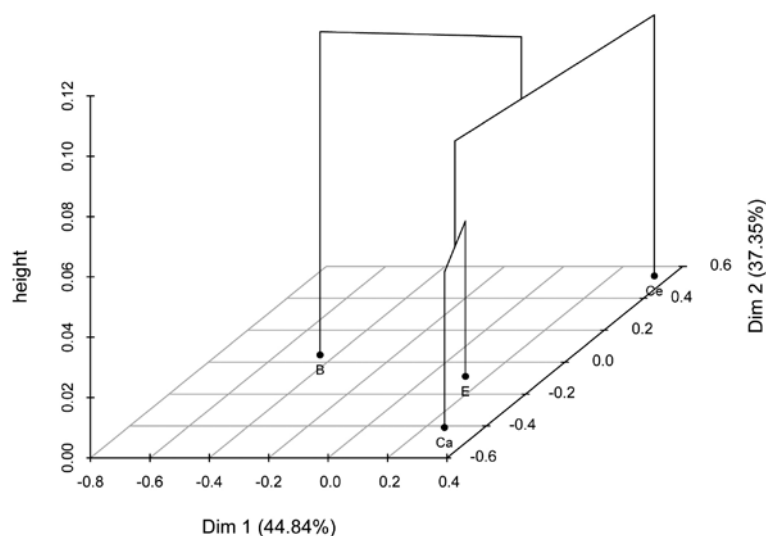


Fig. 42: Classificação hierárquica ascendente dos quatro principais temas da arte paleolítica do Côa, baseada na análise de correspondências simples efetuada sobre o conjunto das zonas da fase 1 e 2 com 2 ou mais temas.

2.3. FASE 3 (~18 000-14 000 CALBP)

Esta fase é seguramente posterior à 2, tal como demonstrado por diversos casos de sobreposição no Vale do Côa, designadamente nas rochas 2 e 24 de Piscos e 4 do Fariseu (SANTOS, 2019, 145-151). A sua anterioridade relativamente às imagens atribuídas à fase 4 está atestada igualmente por sobreposições e localizações em diferentes sectores da rocha 4 do Vale de José Esteves, onde gravuras atribuídas à fase 3 só estão ausentes de painéis expostos mais recentemente, aí se encontrando imagens atribuídas à fase 4 (SANTOS *et al.*, 2020b). Na rocha 41 da Canada do Inferno, imagens

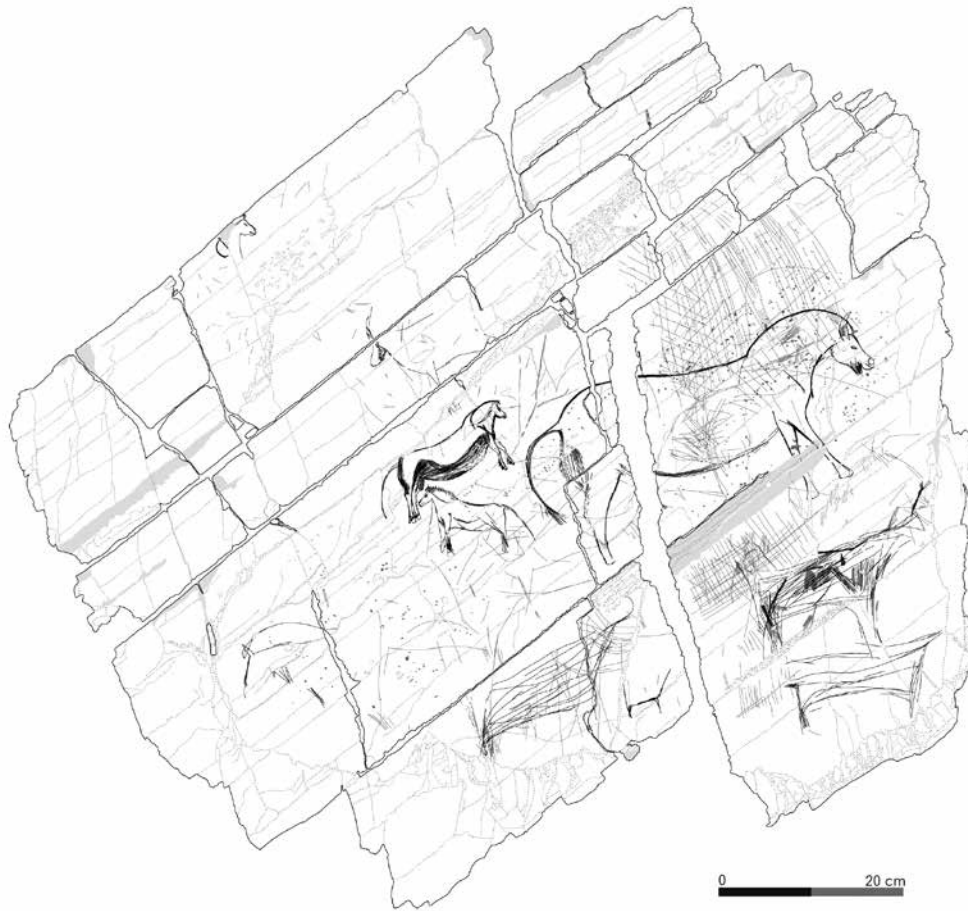


Fig. 43: *Canada do Inferno 41*. No centro do painel encontram-se 5 cavalos e uma cabra-montês atribuídos à fase 3 (~18 000-14 000 calBP). Em zona marginal, no sector inferior direito do painel observam-se as representações, mais esquemáticas, da fase 4 (~12 000 calBP). Decalque de Fernando Barbosa.

da fase 4 encontram-se em posição marginal do painel, cujo centro é ocupado por imagens atribuídas às fase 3 (Fig. 43). Por outro lado, a localização no fundo do vale de algumas imagens atribuídas a esta fase demonstra que elas foram produzidas antes de um episódio de acreção que ocorreu entre 15 000 e 13 000 anos atrás (AUBRY *et al.*, 2020b). No entanto, figuras “hiper-realistas” como a do auroque de vale de Cabrões 32 (*vide supra*, Fig. 41) ou o par de cavalos da rocha 41 da *Canada do Inferno* (Fig. 3) estão também ausentes do fundo do vale. Sendo mais antigas que o final do evento climático GI-1d, poderão ser parcialmente coevas deste episódio de acreção que começa nos inícios do evento GI-1. Em suma, esta fase deve ser atribuída ao Magdalenense médio e superior.

No que toca à morfologia (SANTOS, 2019, 155), estas figuras caracterizam-se pelo naturalismo, sendo os seus corpos representados de forma muito proporcional. Detalhes como os olhos de forma amendoada ou as narinas arredondadas são frequentes, assim como a representação dos quatro membros dos animais segundo um perfil uniangular. A representação dos cascos é igualmente comum, caracterizando-se estes pelo seu naturalismo. São frequentes as delimitações internas, assim como outros detalhes (por exemplo, a pelagem exterior ao nível da barbada ou dos machinhos dos cavalos).

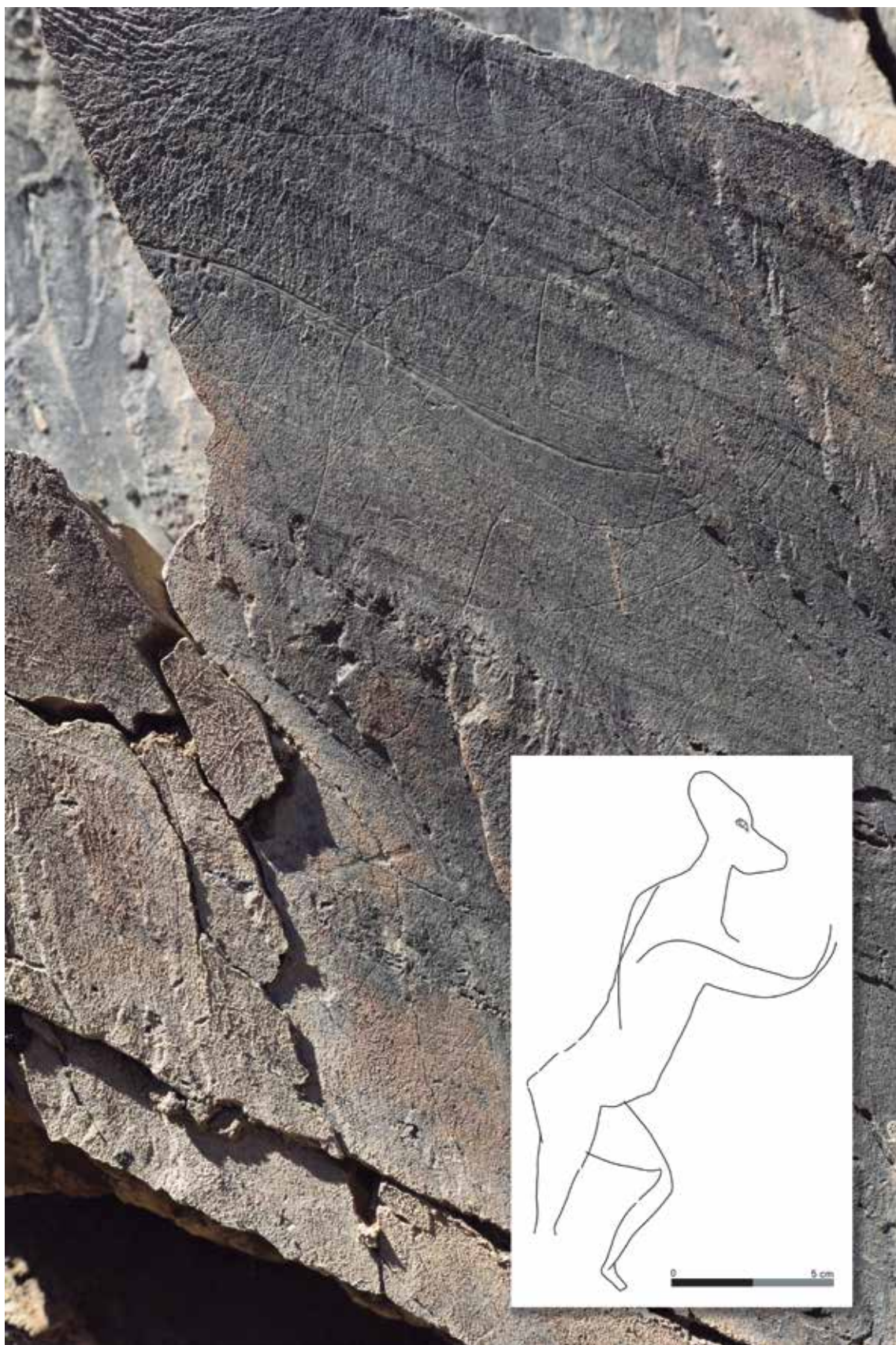


Fig. 44: Um dos antropomorfo do painel 7 da rocha 24 de Piscos (~18 000-14 000 calBP). Decalque de Fernando Barbosa e foto do autor.

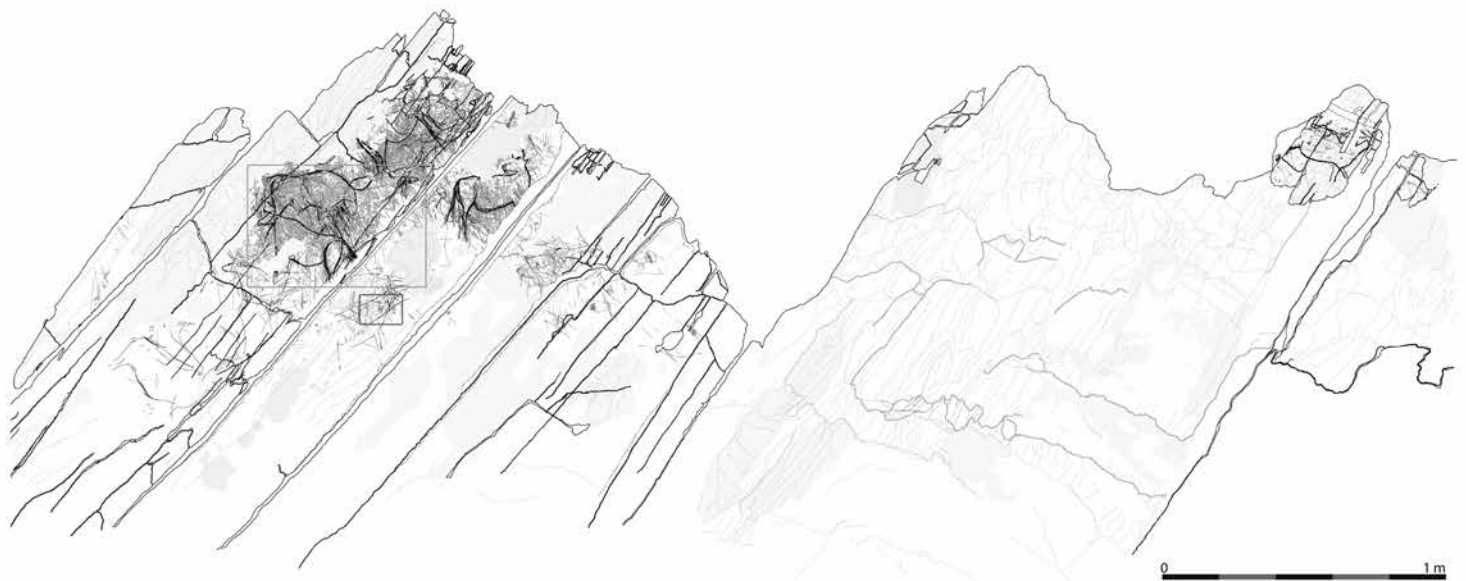


Fig. 45: Penascosa 38, conjunto dominado por auroques, mas onde se observam igualmente outras espécies, nomeadamente cavalos, cabras-monteses, veados e um possível bisonte (~20 000- 14 000 calBP). Decalque de Fernando Barbosa. O retângulo maior indica a localização da foto 46 e o menor a da foto 47.

Algumas das figuras antropomórficas do vale associam-se claramente a figuras animais atribuídas a esta fase e apresentam formas *grosso modo* menos esquemáticas que as da fase anterior (*vide supra*, Fig. 31), sendo paralelizáveis com antropomorfos de outros sítios do Sudoeste europeu atribuídos ao Magdalenense médio (e.g. FUENTES, 2012) (Fig. 44). Quanto ao repertório não figurativo, para além da continuidade ao nível das formas mais simples, destaque-se a expansão das formas, generalizando-se agora as linhas onduladas (e.g. Fariseu 8 e 10), os arboriformes complexos (e.g. Vale de José Esteves 4), os triângulos (e.g. Vale de José Esteves 36) ou as formas retangulares providas de apêndices (e.g. Vale de Cabrões 32, painel esquerdo, *vide supra*, Fig. 41). As figuras tendem a ser de menor tamanho e as sobreposições são menos frequentes, correspondendo as rochas 2 e 24 de Piscos e a 4 do Fariseu a exceções que não atingem, no entanto, a complexidade de composições mais antigas.

2.3.1. A FASE 3 NO VALE DO CÔA

No Vale do Côa, atribuímos a esta fase 163 unidades gráficas figurativas, distribuídas por 29 rochas (Fig. 21C). Destaque-se o profundo equilíbrio ao nível da representação das quatro espécies mais figuradas, com cavalos e veados com o mesmo número de representações (20,86%), a que se seguem as cabras-monteses (19,02%), os auroques (17,79%) e os antropomorfos (8,59%). Reconhecem-se ainda, um mustelídeo (Pi24-11) na rocha 24 de Piscos, um ser fantástico (Pi24-09) na mesma rocha (*vide supra*, Fig. 31C) e outro na rocha 38 da Penascosa (Pn38-10) que parece ser formado por elementos anatómicos de diferentes animais (cornos de auroque, cauda e corpo de cavalo), aqui se encontrando também um possível bisonte (Pn38-05) e uma cabeça isolada encimada por chifres, que se assemelha a uma “máscara” (Pn38-12)⁹ (Figs. 45 a

9 - Na tabela 3, esta figura foi incluída na categoria de SF.

Conjunto	Zona	E	Ce	Ca	B	Ant	R	I	O	U	F	Bis	M	SF	Al	Ind	Totais
Quinta. da Moreirola	<i>QM</i>	-	-	1	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	1
Faia	<i>Fa(M)</i>	-	1	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	1
	<i>Fa(J)</i>	2	-	-	5	-	-	-	-	-	-	-	-	-	1	-	8
Penascosa/ Quinta da Barca	<i>FRi</i>	-	1	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	1
	<i>QBS</i>	-	1	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	1
	<i>Pn(M)</i>	4	-	6	1	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	1	12
	<i>Pn(C)</i>	16	10	17	20	-	-	1	-	-	1	-	2	-	-	18	85
	<i>Pn(J)</i>	6	7	5	3	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	6	27
	<i>QB(F)</i>	24	10	23	21	-	-	-	1	1	-	-	-	-	-	11	91
	<i>QB(R)</i>	4	4	7	5	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	8	28
	<i>QB(N1)</i>	-	2	1	2	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	5
	<i>QB(N2)</i>	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	1	1
	<i>QB(T)</i>	2	-	3	2	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	3	10
	<i>QB(E)</i>	8	19	3	5	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	2	37
	<i>QB(NO)</i>	1	-	3	3	-	1	-	-	-	-	-	-	-	-	-	8
	<i>RC1</i>	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	1	1
	<i>RC2</i>	-	1	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	1
<i>RC3</i>	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	1	1	
Colina do Fariseu	<i>Pi1</i>	12	6	10	6	1	1	-	-	-	-	-	-	2	6	44	
	<i>Pi2</i>	1	2	1	3	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	7	
	<i>Pi3</i>	15	10	10	51	19	1	-	1	-	1	1	-	34	144		
	<i>Fr</i>	35	22	28	35	3	4	-	-	-	-	-	-	1	26	154	
	<i>VF</i>	-	1	-	6	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	7	14
	<i>VV</i>	-	1	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	1	
Canada do Inferno/ Rego da Vide	<i>CI(M)</i>	13	8	8	26	-	-	1	-	-	-	-	-	-	14	70	
	<i>CI(J)</i>	17	7	16	20	-	1	-	-	-	-	-	-	-	10	71	
	<i>CI(R)</i>	-	-	-	1	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	1	
	<i>CI(R1)</i>	7	-	1	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	8	
<i>RV</i>	6	-	1	1	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	8		
Vale de Moinhos 3	<i>VM3</i>	3	1	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	4	
Broeira	<i>Br</i>	3	-	-	1	-	-	-	-	1	-	-	-	-	1	6	
Moinhos de Cima	<i>MC</i>	-	1	1	1	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	3	
Quinta das Tulhas	<i>QT</i>	1	5	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	6	
Foz do Cõa	<i>FC</i>	11	13	2	9	-	-	-	-	-	-	-	-	-	3	38	
Vale de Moinhos 1/2	<i>VMI</i>	-	-	-	-	-	-	-	-	-	1	-	-	-	-	1	
	<i>VM2</i>	-	1	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	1	
Vale de José Esteves	<i>JE(M)</i>	2	3	5	1	-	-	-	-	-	-	-	-	-	2	13	
	<i>JE(J)</i>	-	-	1	1	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	2	
Vermelhosa	<i>Vr</i>	-	2	4	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	6	
Vale de Cabrões	<i>Tu</i>	-	10	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	10	
	<i>VC1</i>	-	-	2	1	-	-	-	-	-	-	-	-	-	1	4	
	<i>VC2a</i>	-	1	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	1	
	<i>VC2b</i>	1	-	2	2	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	5	
<i>VC3</i>	4	3	3	1	-	-	-	-	-	-	-	-	-	1	12		
Vale Escuro	<i>VE</i>	-	1	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	1	
Canada da Moreira	<i>CMo</i>	-	-	2	3	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	5	
Canada das Corraliças	<i>CC</i>	-	-	1	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	1	
<i>Totais</i>		198	154	167	236	23	8	2	2	1	2	2	1	3	4	157	960

Tabela 3: Distribuição dos temas pelas zonas do Cõa durante a vigência da fase 3 (cf. Fig. 21C). E: cavalo; Ce: veado; Ca: cabra-montês; B: auroque; Ant: antropomorfo; R: camurça; I: peixe; O: ave; U: urso; F: felino; Bis: bisonte; M: mustelídeo; SF: Ser fantástico; Al.: outro; Ind.: indeterminado.

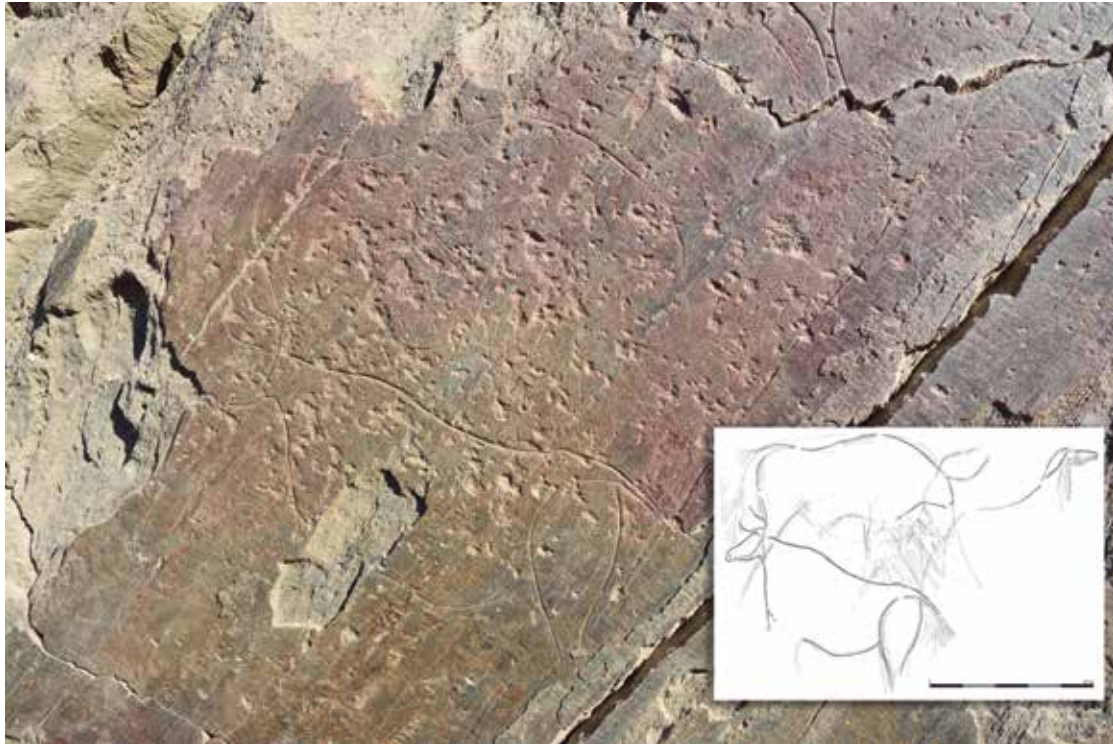


Fig. 46: Possível bisonte, cavalo e auroque da rocha 38 da Penascosa. Decalque de Fernando Barbosa e foto do autor.



FIG. 47: "Máscara" da rocha 38 da Penascosa. Decalque de Fernando Barbosa e foto do autor.

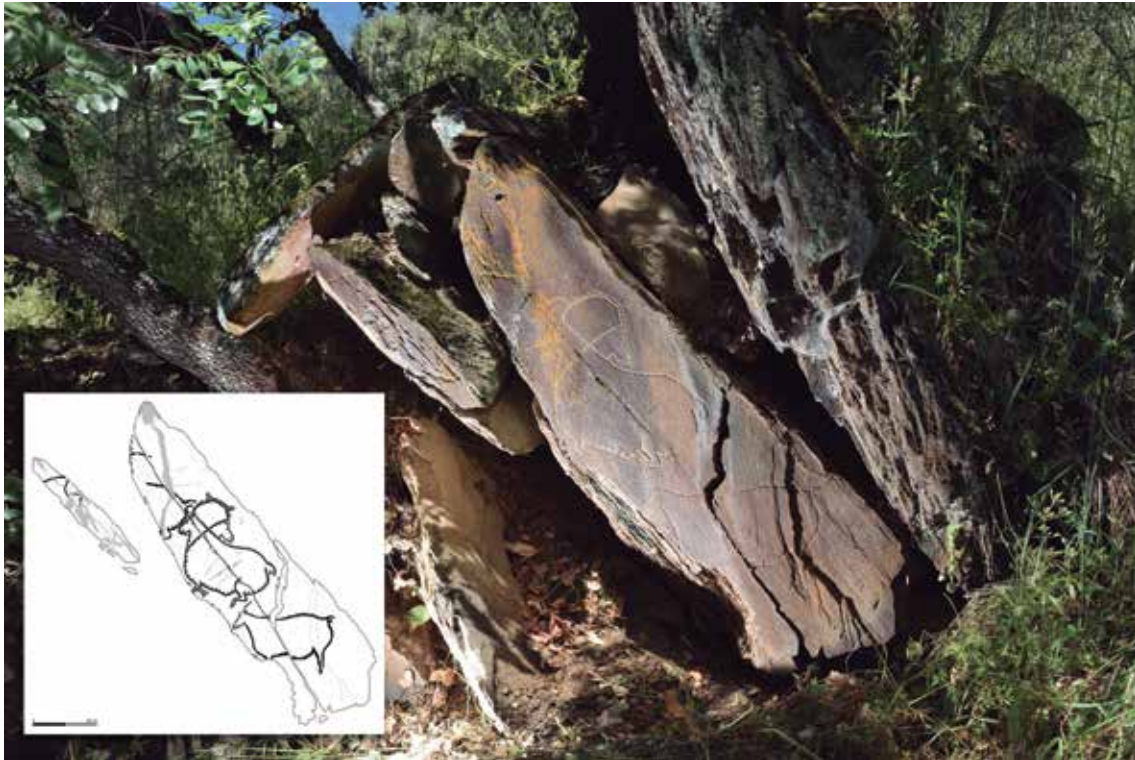


Fig. 48: Quinta da Barca 3. Um casal de cabras-monteses completos e restos de um terceiro animal da mesma espécie (~18 000-14 000 cal BP). Note-se a duplicação das cabeças do macho. Decalque de Fernando Barbosa e foto do autor.



Fig. 49: Detalhe do painel 27 da rocha 24 de Piscos (~18 000-14 000 calBP). Decalque de Fernando Barbosa e foto do autor.

47). A maioria destas figuras foi gravada por incisão (95,71%), apenas se reconhecendo a abrasão em sete casos.

Se tivermos em conta as pré-existências e se desse conjunto retirarmos as oito figuras da rocha 24 de Piscos e as 13 da rocha 1 do Fariseu que sabemos estarem seguramente sedimentadas durante esta fase, o auroque mantém-se como a figura mais representada no vale, embora diminuindo a distância para o cavalo, o mesmo acontecendo entre a cabra-montês e o veado (Tab. 3).

No que toca à arquitetura do vale, são poucas as modificações (Fig. 21C e Tab. 3). No conjunto Penascosa/ Quinta da Barca, são adicionadas três cabras-monteses à zona da ribeira (Fig. 48), passando esta espécie a ser a mais representada aí (com dois machos e três fêmeas). Outra cabra-montês é adicionada a QB(T). Na zona central da Penascosa há também adições que não alteram grandemente a distribuição temática, o mesmo não se passando na zona jusante, onde o veado volta a ser maioritário.

No conjunto em torno da colina do Fariseu, aumenta o peso de antropomorfos e auroques em Pi3 (Fig. 49). No Fariseu as novas adições acabam por compensar as gravuras que entretanto se sedimentaram e a variabilidade temática pouco se altera. Neste conjunto registe-se a gravação durante esta fase, de diversos signos “ondulados”, quer em Pi1, quer em Fr, quer mesmo numa nova zona na ribeira de Piscos, apenas composta pela rocha 27 (SANTOS, 2019, 243).

No conjunto da Canada do Inferno/ Rego da Vide, registe-se o aparecimento de uma nova zona, composta apenas pela rocha 41, onde se encontram 7 cavalos e uma cabra-montês atribuíveis a esta fase (*vide supra*, Fig. 43).

Para jusante destes conjuntos, registe-se a adição de dois cavalos e um veado no *locus* 3 de Vale de Moinhos e de diversos animais na zona da Foz do Côa, aproximando-se o número de auroques do de cavalos, sendo estes em número algo menor que o de veados. Destaque-se igualmente a gravação de vários signos ondulados nesta zona. Entre a Broeira e a Foz do Côa surgem duas novas zonas: Moinhos de Cima, na margem esquerda, onde se observa, pelo menos, um auroque, um veado e uma cabra-montês; e Quinta da Tulhas, na margem direita, com um cavalo e cinco veados (SANTOS, 2019, 284-288).

Para norte da confluência do Côa com o Douro, são adicionadas cabras-monteses, veados, cavalos e diversos signos (designadamente triangulares e arboriformes complexos) na zona montante do Vale de José Esteves. Na Vermelhosa, são adicionados dois veados. Em Vale de Cabrões são acrescentados, no *locus* 1, um grande auroque e diversos signos e surge um outro *locus*, mais perto da foz (VC3), onde os cavalos parecem ser dominantes. Para montante do *locus* 1, dez veados são gravados na nova zona do Tudão (cfr. Tab. 3).

Ainda no Douro, mas para montante da foz do Côa, grava-se na Canada da Moreira (CMo) três auroques e duas cabras-monteses e na Canada das Corraliças (CC) uma cabra-montês, animal que se encontra igualmente na Quinta da Moreirola (QM), um sítio atribuído a esta fase, já localizado no Alto Côa.

2.3.2. A FASE 3 NA ÁREA DE APROVISIONAMENTO DAS MATÉRIAS-PRIMAS NÃO LOCAIS IDENTIFICADAS NO VALE DO CÔA

Deverão ser atribuídas a esta fase algumas imagens de duas das zonas do Arroyo de las Almas — o veado do núcleo 1 e o cervídeo acéfalo do núcleo 3

(VÁZQUEZ & REIS, 2019; REIS & VÁZQUEZ, 2020), assim como a maior parte da zona norte de Siega Verde (ALCOLEA & BALBÍN, 2006, 318). Esta é ainda mais claramente dominada por cavalos que o resto do sítio, sendo aqui o auroque igualmente mais claramente dominante que o veado. O mustelídeo e o estrigídeo da Fraga do Gato (BAPTISTA, 2009), localizado num tributário da margem direita do Douro, embora de cronologia paleolítica incerta, estarão, por esta altura já delineados. Recorde-se que estas figuras são exclusivamente pintadas — a primeira a vermelho e a segunda a negro. Nas imediações de Domingo García, para além de algumas possíveis adições no Cerro de San Isidro, registre-se o aparecimento de dois novos sítio — Las Canteras, onde cavalo, veado e cabra-montês aparecem em números semelhantes, e Migueláñez, onde se registou um veado (RIPOLL & MUNICIO, 1999).

Os únicos animais picotados desta fase encontram-se em Siega Verde, mas como já se referiu, é provável que sob os sedimentos mais recentes do Vale do Côa se encontrem representações do mesmo tipo (e.g. SANTOS, 2019, 200).

Relativamente à arte móvel, encontrou-se um importante conjunto no sítio do Medal (FIGUEIREDO *et al.*, 2016, 74-75). Cavalos e cabras-monteses parecem ser aqui dominantes, seguindo-se os auroques e, muito atrás, os veados. Contudo, essencialmente entre as representações de cabras-monteses e cavalos, foi possível distinguir duas séries de imagens no sítio (FIGUEIREDO *et al.*, 2015, 1577-1578): uma mais naturalista, claramente integrada na nossa fase 3, e outra mais esquemática. Como estas peças provêm de uma camada estratigráfica remobilizada, é provável que possam ser atribuídas a dois períodos distintos, ambos necessariamente anteriores a 12 350±930 BP, como atestado por uma datação OSL proveniente de camada que se sobrepõe à de origem das peças (GASPAR *et al.*, 2016, tab 2, X6566). Propusemos assim a hipótese das peças mais esquemáticas poderem ser já integradas numa fase inicial da nossa fase 4 (GAMEIRO *et al.*, 2020, 133). Se isto é assim, a diversidade temática do sítio durante a nossa fase 3 poderá não ser exatamente a proposta pelos autores atrás citados. Contudo, a placa de Villalba (JIMENO, FERNÁNDEZ & GÓMEZ, 1995), localizada na periferia da nossa área de estudo (Fig. 1) e provavelmente também coeva da nossa fase 3, também mostra uma clara associação entre cavalos e cabras-monteses. Outros achados móveis que podem ser atribuídos a esta fase são: a peça da Buraca Grande (AUBRY & MOURA, 1993), onde se descobre, pelo menos, uma representação de cavalo; e as peças do abrigo da Palha (BRAZ & GASPAR, 2003) e de La Dehesa (e.g. FABIÁN, 1997; AUBRY *et al.*, no prelo), onde apenas se descobre repertório não figurativo (fig. 1).

2.3.3. COMPARAÇÃO ENTRE OS SÍTIOS RUPESTRES

No Vale do Côa, a tendência para o equilíbrio entre as quatro espécies mais representadas acentua-se (cfr. Tabs. 1, 2 e 3), mantendo-se um grande contraste relativamente aos outros sítios. De facto, mesmo num sítio de maior dimensão como Siega Verde, o peso dos cavalos é uma constante. Por outro lado, no Vale do Côa continua a observar-se uma forte tendência associativa entre cabras-monteses e cavalos, ao mesmo tempo que se verifica que veado se continua a associar mais a auroque que ao primeiro par (Fig. 50).

Nos sítios fora do Côa, por outro lado, a par da relevância do cavalo, verifica-se uma clara marginalização da cabra-montês frente ao veado. De facto, o único sítio de dimensões medianas onde o cavalo, com seis elementos, não é claramente maioritário

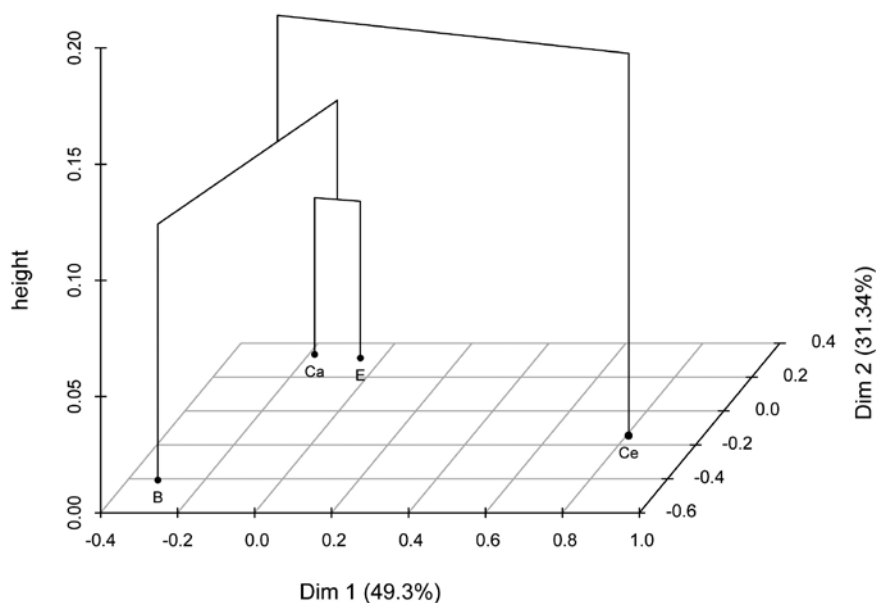


Fig. 50: Classificação hierárquica ascendente dos quatro principais temas da arte paleolítica do Côa, baseada na análise de correspondências simples efetuada sobre o conjunto das zonas com rochas visíveis durante a vigência da fase 3.

é o sítio de Las Canteras. Neste sítio, o animal maioritário parece ser a cabra-montês (com oito motivos), a que se segue o veado (com sete)¹⁰. Mas no seu conjunto, os sítios de Domingo García continuam a ser dominados por cavalos (42), a que se seguem os veados (15), as cabras-monteses (12) e os auroques (10).

2.4. FASE 4 (~14 000-12 000 CALBP)

A fase 4 será sempre posterior à 3, como atestam diversos casos de sobreposição de figuras no vale (Santos, 2019). Esta está, por outro lado, muito bem datada graças à recolha de uma importante série de arte móvel (89 peças) com motivos deste tipo, em níveis arqueológicos do Fariseu, datados pelo radiocarbono, TL e OSL de há cerca de 12 000 anos (SANTOS *et al.*, 2018). A possibilidade de alguma desta arte poder ser um par de milénios mais antiga é sustentada pelo paralelismo de algumas figuras do Côa com figuras datadas da gruta de Ojo Guareña (CORCHÓN *et al.*, 1996) e de peças de arte móvel do sítio da Peña de Estebanvela (GARCÍA-DÍEZ, 2013), ambos localizados na bacia do Douro ou muito perto.

Estas figuras caracterizam-se pelo geometrismo dos corpos, que podem ser trapezoidais ou ovais. São usualmente preenchidas interiormente, usualmente mediante um estriado total (*vide supra*, Fig. 8), mas este preenchimento pode, igualmente, ser picotado (*vide supra*, Fig. 14) ou pintado (*vide supra*, Fig. 12). Os detalhes nas cabeças são muito raros. As patas, de forma linear ou com coxas e antebraços triangulares e braços e pernas lineares, são usualmente representadas em perfil biangular oblíquo, mas também reto (SANTOS, 2019, 155).

10 - Aqui também divergimos ligeiramente dos autores da monografia de referência que consideram existir mais um cavalo que cervídeo (RIPOLL & MUNICIO, 1999, 188).

As figuras são usualmente incisas, mas ocorrem alguns exemplos de picotagem, raspagem e pintura.

2.4.1. A FASE 4 NO VALE DO CÔA

Estas figuras distribuem-se por 52 dos sítios do Vale do Côa, concentrados no seu setor jusante, onde apenas Rego da Vide e Vale de Videiro não contam com figuras atribuídas a esta fase (Fig. 4).

O inventário é muito provisório, uma vez que apenas 46 das cerca de 500 rochas com figurações deste período foram alvo de inquérito científico (SANTOS *et al.*, 2021). Ainda assim, podemos avançar com um número de mínimo de 1181 unidades gráficas figurativas. Este número corresponde ao número de animais que Mário Reis atribui à sua fase Tardiglaciária (REIS, 2021, 24), a que se somou as figuras do painel direito da Faia (*vide supra*, Fig. 12), das rochas 7 e 18 da Quinta da Barca, 4, 32, e 36 da Canada do Inferno e 1 de Vale de Cabrões, assim como das figuras Pn37-02 QB23-42, QB23-44, CI03-01, CI05-02, CI33-01 e VC06-01 das rochas 37 da Penascosa, 23 da Quinta da Barca, 3, 5 e 33 da Canada do Inferno e 6 de Vale de Cabrões, que aquele autor considera “epipaleolíticas” (REIS, 2021, 41), e que consideramos *grosso modo* coevas das restantes. De facto, a morfologia destas figuras pintadas e picotadas é, não só, muito semelhante à das gravuras incisas da fase 4 (tal o demonstram as nossas análises fatoriais), como se identificam igualmente vários paralelos ao nível da composição temática dos painéis (e.g. SANTOS *et al.*, 2018, 56-57). Naquele número incluem-se também as figuras antropomórficas gravadas da rocha 17 da Penascosa (BAPTISTA, 1999, 112-113), da

Grafismos Figurativos	E	Ce	Ca	B	Ant	R	I	O	U	F	Bis	M	SF	Al	Ind	Totais
Pré-existent	193	149	159	227	23	6	2	2	1	2	1	1	1	4	156	927
Novos	109	362	152	22	10	10	75	5	0	3	0	1	0	0	432	1181
Totais	302	511	311	249	33	16	77	7	1	5	1	2	1	4	588	2108
Frequência	14,3	24,2	14,8	11,8	1,6	0,8	3,7	0,3	0,05	0,2	0,05	0,1	0,05	0,2	27,9	100

Tabela 4: Distribuição dos temas no Vale do Côa durante a vigência da fase 4. E: cavalo; Ce: veado; Ca: cabra-montês; B: auroque; Ant: antropomorfo; R: camurça; I: peixe; O: ave; U: urso; F: felino; Bis: bisonte; M: mustelídeo; SF: Ser fantástico; Al.: outro; Ind.: indeterminado.

rocha 11 do Vale Escuro (SANTOS *et al.*, 2018, 94), da rocha 2 do Alto da Cotovia, da rocha 11 da Broeira, da rocha 170 da Foz do Côa (REIS, 2020, 548), assim como as pintadas das rochas 3 (BAPTISTA, 1999, 158) e 5 da Faia.

O repertório figurativo produzido *ex nihilo* é esmagadoramente dominado por cervídeos (30,65%), sendo estes seguidos por cabras-monteses (12,87%), cavalos (9,23%), peixes (6,35%) e auroques (1,86%). Identificam-se ainda 10 antropomorfos, 10 camurças, 5 aves, 3 felinos e um mustelídeo (REIS, 2021, 24). O peso dos cervídeos é tão marcante que mesmo tendo em conta as pré-existências (ao número das quais se retirou as figuras, entretanto sedimentadas, de mais 16 figuras na rocha 1 do Fariseu e da totalidade da rocha 38 da Penascosa) (Tab. 4), observa-se que o veado mantém-se como o tema mais representado, sendo a diferença entre a frequência deste e da do segundo tema mais representado — a cabra-montês — maior que a que, durante a fase anterior, se verifica



Fig. 51: Plaqueta do Vale de José Esteves, na qual se observam uma possível cervo, seguida de uma fêmea de cabra-montês (~12 000 calBP). Foto do autor.

entre o tema mais representado e o quarto (cfr. Tabs. 3 e 4)! Ressalta também o número de indeterminados, o que se deve ao elevado grau de esquematismo destas figuras. A distância entre os cervídeos e os restantes animais deve, na realidade, ter sido muito maior, uma vez que, encontrando-se o fundo do vale mais sedimentado por esta altura, muitas outras rochas para além da 1 do Fariseu e da 38 da Penascosa não estariam visíveis. Ora isto afeta essencialmente cavalos, auroques e cabras-monteses, que são as que foram até aí as mais representadas.

Datarão deste período as peças de arte móvel a que já aludimos da Quinta da Barca Sul, a do Vale de José Esteves (Fig. 51), as do Fariseu e, pelo menos, uma grande parte das peças da Cardina. Ainda não dispomos de um banco de dados suficientemente representativo para analisarmos a arquitetura do vale durante este período, razão pela qual não o faremos.

2.4.2. A FASE 4 NA ÁREA DE APROVISIONAMENTO DAS MATÉRIAS-PRIMAS NÃO LOCAIS IDENTIFICADAS NO VALE DO CÔA

Durante esta fase são adicionadas imagens a sítios ou zonas com figurações mais antigas. Isto ocorre nas zona central de Siega Verde (BUENO, BALBÍN & ALCOLEA, 2007, 559-563), nos núcleos 1 e 4 de Arroyo de las Almas (VÁZQUEZ & REIS, 2019; REIS & VÁZQUEZ, 2020), em San Isidro (SANTOS, 2019, 324), Las Canteras (SANTOS, 2019, 326), La Dehesa del Carbonero (SANTOS, 2019, 328) e La Griega (CORCHÓN *et al.*, 2006, 101).

Mas aparecem igualmente novos dispositivos. Estes ocorrem ao ar livre

absoluto, como no Cabeço do Aguilhão (FIGUEIREDO *et al.*, 2015, 200, Fig. 5; GAMEIRO *et al.*, 2020, 133) e em alguns sítios do complexo rupestre do Tejo (GAMEIRO *et al.*, 2020, 133), sob abrigos, como em Pedra d'Asma 7 (FIGUEIREDO *et al.*, 2015, 297, Fig. 3), Passadeiro (SANCHES & TEIXEIRA, 2014), Parada (TEIXEIRA, 2016), Almourão 2 (HENRIQUES, PEREIRA & CANINAS, 2017) ou Foz do Ribeiro das Taliscas (HENRIQUES *et al.*, 2012, 296-300).

Estes sítios caracterizam-se pela presença sistemática do veado ou da cabra-montês e apenas nos grandes sítios investidos em períodos anteriores, como La Griega, os sítios de Domingo García e Siega Verde, é, que o veado ou a cabra-montês não são dominantes. Nos sítios novos apenas na Pedra d'Asma é que o cervídeo não é a figura dominante, aí se tendo identificado apenas uma unidade gráfica figurativa, correspondente a um capríneo.

Estes motivos podem ser incisos (Siega Verde, Pedra d'Asma 7, Arroyo de las Almas, La Griega, San Isidro, Las Canteras, La Dehesa del Carbonero, Foz do Ribeiro das Taliscas), picotados (Cabeço do Aguilhão, Passadeiro, Parada, sítios do Tejo) ou pintados (Almourão).

No que toca à arte móvel, recorde-se as já referidas peças da Peña de Estebanvella e, possivelmente, a série mais esquemática do Medal, devendo ambas serem atribuídas a um momento inicial desta fase.

2.4.3. COMPARAÇÃO ENTRE OS SÍTIOS RUPESTRES

Contrariamente ao que se verifica em fases anteriores, não parece haver uma diferença substancial entre a atividade gráfica atestada no Côa e a que tem lugar nos restantes sítios. Em todos eles o veado tem um lugar proeminente, seguindo-se a cabra-montês. Este aspeto é quanto a nós, muito relevante, como se verá em seguida.

3. O que era, afinal, a arte paleolítica do Vale do Côa?

O aspeto que mais se destaca no Vale do Côa entre os cerca de 30 000 e os cerca de 14 000 anos atrás é a consistência da variabilidade temática do seu dispositivo rupestre. Auroques e cavalos são, ao longo deste período, as espécies mais representadas (com uma ligeira vantagem para os primeiros, mesmo se esta se vai diluindo com o tempo). Cabras-monteses e veados vêm em seguida, aparecendo, numa primeira fase, as primeiras em números similares aos das outras duas espécies e em muito maior número que veados, mas também esta distância acaba por se esbater com o tempo.

Outro aspeto que ressalta da arte do Côa é a sua singularidade relativamente aos outros sítios que vão aparecendo ao longo daquele intervalo temporal no seu território de aprovisionamento em matérias-primas líticas. Essa singularidade manifesta-se não só ao nível da dimensão dos conjuntos, mas igualmente ao nível da variabilidade temática de cada um dos conjuntos. De facto, entre 30 000 e cerca de 23 000 anos atrás (que coincide *grosso modo* com o final do Último Máximo Glaciar), os temas mais representados no Côa nunca aparecem juntos nos outros sítios e a cabra-montês, tão importante no Côa, não se identifica igualmente em nenhum deles. Por outro lado, enquanto no Côa a sua grande diversidade temática se chega a exprimir ao nível dos painéis das zonas centrais dos seus conjuntos, nos sítios fora do Côa os auroques aparecem sempre sozinhos e os cavalos só se associam a veados (uma inversão das tendências do Côa, onde os primeiros

se associam tendencialmente a cabras-monteses e os segundos a auroques).

Na fase seguinte aparecem novos conjuntos de arte rupestre no território analisado, nomeadamente no seu sector leste (La Griega, pelo menos três dos sítios de Domingo García) e assiste-se a uma expansão do sítio de Siega Verde. O aparecimento destes sítios de dimensões mais consideráveis indicia formas mais complexas de apropriação social do espaço, provavelmente relacionadas com o crescimento demográfico que terá ocorrido após o Último Máximo Glaciar e com o aparecimento (ou generalização) de novas tecnologias, como o propulsor ou o arpão (e.g. ZILHÃO, 2014, 1766). Provavelmente, o aparecimento das figuras antropomórficas também se relacionará com estes desenvolvimentos. Contudo, estas novas formas de apropriação do espaço não devem ser encaradas como rupturas relativamente ao que se passava antes. De facto, estes novos sítios, embora tematicamente mais diversos, continuam fortemente dominados por uma só espécie — o cavalo, com frequências sempre superiores a 50% dos animais representados, continuando os veados a serem mais representados que cabras-monteses. No Vale do Côa, por outro lado, o equilíbrio entre auroques e cavalos é reforçado e as cabras-monteses continuam mais numerosas que veados, embora os números se aproximem. No Côa continua igualmente a observar-se uma associação preferencial entre cabras-monteses e cavalos e uma maior proximidade de auroques com veados que com qualquer uma das outras duas espécies dominantes.

Durante a fase seguinte, o equilíbrio entre auroques e cavalos e entre cabras-monteses e veados atinge no Vale do Côa o seu paroxismo, sendo ainda visíveis as tendências associativas anteriores. Inversamente, nos restantes sítios cavalos continuam a representar a maioria das figurações e, da mesma forma que são mais numerosos que auroques, veados são mais numerosos que cabras-monteses.

Estes contrastes entre o Côa e os sítios remanescentes devem-se provavelmente ao Vale do Côa ter funcionado como um lugar de agregação de diferentes coletivos de caçadores-recolectores. De facto, todos os critérios definidos para identificar um dado espaço como lugar de agregação, tendo por base as imagens aí presentes (CONKEY, 1980; MCDONALD & VETH, 2012), encontram-se na arte do Vale do Côa, nomeadamente: a) o seu repertório reflete o vocabulário gráfico da região; b) a diversidade temática e estilística é aí maior que em qualquer dos restantes locais da região; c) alguns dos motivos só ocorrem aí, por vezes com grande impacto visual (MCDONALD & VETH, 2012, 97). Isto é particularmente evidente durante a fase antiga, as cabras-monteses só se encontrando no Côa, correspondendo à única espécie na qual se reconheceu a utilização do baixo-relevo. Esta interpretação é corroborada pela proveniência diversa das matérias-primas que se encontram no Côa (e.g. AUBRY, LUÍS & SANTOS, 2020).

Mas porque parece haver uma inversão temática entre os sítios do Côa e os restantes? Isto talvez se explique pelo facto da sociedade que utilizou estes espaços poder ter partilhado uma ontologia dominada por um dos modos de identificação definidos por P. Descola, a saber — o totemismo (DESCOLA, 2005), tal como argumentámos de forma detalhada noutra trabalho (SANTOS, 2019). Nesse contexto, as associações temáticas preferenciais do Vale do Côa refletiriam o tipo de relações entre os diversos coletivos totémicos que aqui se juntavam, enquanto que a os restantes sítios apenas coletivos específicos poderiam aceder. Este tipo de paisagem “espartilhada” tem, de facto, um paralelo na geografia da Austrália central (DAVID,

2002, 52-65), a região do mundo onde o modo de identificação totémico surge na sua forma mais definida (DESCOLA, 2005).

Mas como se verificou acima, assiste-se a uma ruptura deste sistema entre 14 000 e 12 000 calBP. De facto, como se verifica pela nossa análise da variabilidade temática da fase 4, por esta altura não só se perde o equilíbrio entre espécies, como se identifica uma que domina sobre todas as outras de uma forma que até aí não se tinha visto — o veado. A espécie que até aí era dominante no Côa — o auroque — é, durante esta fase, menos representado que um tema até aí marginal — o peixe. Mas sobretudo, nos sítios fora do Côa que agora surgem, vamos encontrar o mesmo tipo de composições, dominadas por veados e, em menor medida, cabras-monteses. O Côa só se distingue agora dos sítios restantes pela dimensão. Tal parece refletir a distribuição temática de paisagens emergentes de ontologias dominadas pelo modo de identificação animista (*sensu* DESCOLA, 2005), tal como se observa nas grandes concentrações rupestres do Coso Range, nos EUA (e.g. GRANT, BAIRD & PRINGLE, 1968; WHITLEY, 2000) ou do Drakensberg, na África do Sul (e.g. LEWIS-WILLIAMS, 2003), grandes conjuntos dominados por uma espécie animal (o muflão na primeira e o elande na segunda), que é, igualmente, o motivo animal melhor distribuído nas respetivas regiões.

A passagem de uma ontologia dominada por um modo de identificação para outra de tipo diferente terá provavelmente origem em transformações de carácter social e ao nível das relações entre humanos e não-humanos causadas por novas estratégias de caça induzidas e potenciadas pelo aquecimento climático do tardiglacial, como sejam a domesticação do cão ou a invenção (ou, pelo menos, generalização) do arco e da flecha (e.g. ZILHÃO, 2014, 1767).

Bibliografia

ABDI, Hervé; VALENTIN, Dominique (2007) — Multiple correspondence Analysis. In SALKIND, Neil, ed. — *Encyclopedia of measurement and statistics*. Thousand Oaks, CA: Sage, pp. 651-657.

ALCOLEA GONZÁLEZ, José J.; BALBÍN BEHRMANN, Rodrigo (2006) — *Arte paleolítico al aire libre. El yacimiento rupestre de Siega Verde, Salamanca*. Junta de Castilla y León (Arqueología de Castilla y León, 16).

AUBRY, Thierry, ed. (2009) — *200 séculos de história do Vale do Côa: Incursões na vida quotidiana dos caçadores-artistas do Paleolítico*. Lisboa: IGESPAR, I. P. (Trabalhos de Arqueologia, 52).

AUBRY, Thierry; BARBOSA, António F.; GAMEIRO, Cristina; LUÍS, Luís; MATIAS, Henrique; SANTOS, André T.; SILVESTRE, Marcelo (2015) — De regresso à Cardina, 13 anos depois: resultados preliminares dos trabalhos arqueológicos de 2014 no Vale do Côa. *Revista Portuguesa de Arqueologia*, 18, pp. 5-26. AUBRY, Thierry; BARBOSA, António F.; LUÍS, Luís; SANTOS, André T.; SILVESTRE, Marcelo (2020a) — Fariseu, 20 anos depois. Novidades da arte paleolítica do Côa. *Al-madan on-line*, 23: tomo 2, pp. 15-27.

AUBRY, Thierry; BARBOSA, António F.; LUÍS, Luís; SANTOS, André T.; SILVESTRE, Marcelo (2021) — Descoberta de duas novas rochas no núcleo de arte rupestre da Penascosa. In NALDINHO, Sandra; SILVINO, Tony, eds. — *Estudos em Homenagem ao Doutor António do Nascimento Sá Coixão*. Vila Nova de Foz Côa: Museu da Casa Grande de Freixo de Numão, pp. 347-370.

AUBRY, Thierry; DIMUCCIO, Luca A.; BARBOSA, António F.; LUÍS, Luís; SANTOS, André T.; SILVESTRE, Marcelo; THOMSEN, Kristina J.; RADES, Eike; AUTZEN, Martin; MURRAY, Andrew S. (2020b) — Timing of the Middle-to-Upper Palaeolithic transition in the Iberian inland (Cardina—Salto

do Boi, Cõa Valley, Portugal). *Quaternary Research*. 98, pp. 81-101. <https://doi.org/10.1017/qua.2020.43>

AUBRY, Thierry; GAMEIRO, Cristina; SANTOS, André T.; LUÍS, Luís (2017) — Existe Azilense em Portugal? Novos dados sobre o Tardiglacial e o Pré-Boreal no Vale do Cõa. In ARNAUD, José M.; MARTINS, Andrea, eds. — *Arqueologia em Portugal 2017: Estado da Questão*. Lisboa: Associação dos Arqueólogos Portugueses, pp. 403-418.

AUBRY, Thierry; LUÍS, Luís; DIMUCCIO, Luca A. (2012) — Nature vs. Culture: present-day spatial distribution and preservation of open-air rock art in the Cõa and Douro River Valleys (Portugal). *Journal of Archaeological Science*. 39, pp. 848-866. AUBRY, Thierry; LUÍS, Luís; MANGADO LLACH, Xavier; MATIAS, Henrique (2012) — We will be known by the tracks we leave behind: Exotic lithic raw materials, mobility and social networking among the Cõa Valley foragers (Portugal). *Journal of Anthropological Archaeology*. 31: 4, pp. 528-550.

AUBRY, Thierry; LUÍS, Luís; SANTOS, André T. (2020) — Territórios e mobilidade dos caçadores-recolectores do Vale do Cõa a diferentes escalas. In VILAÇA, Raquel; AGUIAR, Rodrigo S. de, eds. — *(I)mobilidades na Pré-história. Pessoas, recursos, objetos, sítios e territórios*. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra, pp. 51-89.

AUBRY, Thierry; LUÍS, Luís; SANTOS, André T.; FABIÁN GARCÍA, José F. (no prelo) — Dos dois lados da raia no Paleolítico Superior: Matérias-primas siliciosas de La Dehesa (El Tejado de Béjar, Salamanca, Espanha) no contexto das relações entre a Meseta e o Litoral. In *Romper fronteiras, atravessar territórios/ Breaking borders, crossing territories*. Porto: CITCEM.

AUBRY, Thierry; MOURA, Maria H. (1993) — Plaquinha de xisto com gravuras paleolíticas. *Boletim da Associação de Defesa do Património Cultural de Pombal*. s. n., pp. 13-17. AUBRY, Thierry; SAMPAIO, Jorge D.; LUÍS, Luís (2009) — Metodologia de aquisição e caracterização dos dados arqueológicos. In AUBRY, THIERRY, ed. — *200 séculos de história do Vale do Cõa: Incursões na vida quotidiana dos caçadores-artistas do Paleolítico*. Lisboa: IGESPAR, I. P. (Trabalhos de Arqueologia, 52), pp. 31-93.

AUBRY, Thierry; SANTOS, André T.; LUÍS, Luís (2014) — Stratigraphies du panneau 1 de Fariseu: analyse structurelle d'un système graphique paléolithique à l'air libre de la vallée du Cõa (Portugal). In PAILLET, Patrick, ed. — *Les arts de la Préhistoire: micro-analyses, mises en contextes et conservation. Actes du colloque "Micro-analyses et datations de l'art préhistorique dans son contexte archéologique"*, MADAPCA — Paris, 16-18 novembre 2011. Les Eyzies: SAMRA (Paleo, numéro spécial), pp. 259-270.

AUBRY, Thierry; SANTOS, André T.; LUÍS, Luís; BARBOSA, António F.; SILVESTRE, Marcelo (2020c) — Fluvial dynamics and Palaeolithic settlement: new data from the Cõa Valley (Portugal). In RODRÍGUEZ ALVAREZ, Xosé P.; OTTE, Marcel; LOMBERA HERMIDA, Arturo; FÁBREGAS VALCARCE, Ramón, eds. — *Palaeolithic of Northwest Iberia and beyond: multidisciplinary approaches to the analysis of Late Quaternary hunter-gatherer societies*. Paris: Publications scientifiques du Muséum & l'Académie des sciences (Comptes rendus Palevol, 19(7)), pp. 117-135.

BAPTISTA, António M. (1999) — *No tempo sem tempo. A arte dos caçadores paleolíticos do Vale do Cõa. Com uma perspectiva dos ciclos rupestres pós-glaciares*. Vila Nova de Foz Cõa: Parque Arqueológico do Vale do Cõa.

BAPTISTA, António M. (2009) — *O paradigma perdido: O Vale do Cõa e a arte paleolítica de ar livre em Portugal*. Porto; Vila Nova de Foz Cõa: Edições Afrontamento; Parque Arqueológico do Vale do Cõa.

BAPTISTA, António M.; REIS, Mário (2008) — Prospecção da arte rupestre no vale do Cõa e Alto Douro português: ponto da situação em julho de 2006. In BALBÍN BEHRMANN, Rodrigo, ed. — *Arte prehistórico al aire libre en el Sur de Europa*. Junta de Castilla y León/ Consejería de Cultura y Turismo (Documentos PAHIS, 9), pp. 145-192.

BAPTISTA, António M.; REIS, Mário (2011) — A rocha gravada de Redor do Porco. Um novo sítio com arte paleolítica de ar livre no rio Águeda (Escalhão, Figueira de Castelo Rodrigo). *Côavisão*. 13, pp. 15-20.

BARRIÈRE, Claude (1976) — *L'art pariétal de la grotte de Gargas*. Oxford: British Archaeological Reports (Mémoires de l'Institut d'Art Préhistoriques de Toulouse; BAR Supplementary Series, 3 & 14).

BARRIÈRE, Claude (1993) — La sculpture et le modelage. In GRAPP, ed. — *L'art pariétal paléolithique — Techniques et méthodes d'étude*. Paris: Comité des travaux historiques et scientifiques

(Documents préhistoriques, 5), pp. 275-280.

BRAZ, Ana F.; GASPAR, Rita (2003) — Intervenção de emergência no vale da Ribeira das Chitas. O caso de dois abrigos com Pré-história antiga. *Al-madan*. IIª série, 12, pp. 186.

BUENO RAMÍREZ, Primitiva; BALBÍN BEHRMANN, Rodrigo; ALCOLEA GONZÁLEZ, José J. (2007) — Style V dans le bassin du Douro. Tradition et changement dans les graphies des chasseurs du Paléolithique Supérieur européen. *L'Anthropologie*. 111, pp. 549-589.

CONKEY, Margaret W. (1980) — The identification of prehistoric hunter-gatherer aggregation sites: the case of Altamira. *Current Anthropology*. 21: 5, pp. 609-630.

CORCHÓN RODRIGUEZ, María S. (1997) — *La cueva de La Griega de Pedraza (Segovia)*. Valladolid: Junta de Castilla y León (Arqueología en Castilla y León, 3).

CORCHÓN RODRIGUEZ, María S. (2006) — Las cuevas de La Griega y Palomera (Ojo Guareña) y la cuestión de la cronología del arte paleolítico en la Meseta. In DELIBES DE CASTRO, Germán; DÍEZ MARTÍN, Fernando, eds. — *El Paleolítico superior en la Meseta Norte Española*. Valladolid: Universidad de Valladolid/Fundación Duques de Soria, 94), pp. 75-111.

CORCHÓN RODRIGUEZ, María S.; HERNANDO ÁLVAREZ, Clara; RIVERO VILÁ, Olivia; GÁRATE MAIDAGÁN, Diego; ORTEGA, Paula (2012) — La cueva de La Griega (Pedraza, Segovia, España) en la encrucijada ibérica: nuevos análisis del arte parietal paleolítico a través del análisis factorial de correspondencias. *Espacio, Tiempo y Forma*. Serie I, Nueva época, 5, pp. 527-542.

CORCHÓN RODRIGUEZ, María S.; VALLADAS, Hélène; BÉCARES PÉREZ, Julián; ARNOLD, Maurice; TISNÉRAT-LABORDE, Nadine; CACHIER, Hélène (1996) — Datación de las pinturas y revisión del arte paleolítico de cueva Palomera (Ojo Guareña, Burgos, España). *Zephyrus*. 49, pp. 37-60.

DAVID, Bruno (2002) — *Landscape, rock art and the Dreaming*. London and New York: Leicester University Press.

DESCOLA, Philippe (2005) — *Par-delà nature et culture*. Paris: Gallimard (Collection Folio Essais, 607).

DRENNAN, Robert D. (2009) — *Statistics for archaeologists. A common sense approach*. Dordrecht; Heidelberg; London; New York: Springer.

FABIÁN GARCÍA, José F. (1997) — La difícil definición del Paleolítico Superior en la Meseta. El yacimiento de la Dehesa (Salamanca) como exponente de la etapa Magdaleniense final. In BALBÍN BEHRMANN, Rodrigo; BUENO RAMÍREZ, Primitiva, eds. — *II Congreso de Arqueología Peninsular. Tomo I — Paleolítico y Epipaleolítico*. Zamora: Fundación Rei Afonso Henriques, pp. 219-237.

FERREIRA, António de B. (1978) — *Planaltos e Montanhas do Norte da Beira. Estudo de Geomorfologia*. Lisboa: Centro de Estudos Geográficos (Memórias do Centro de Estudos Geográficos, 4). FIGUEIREDO, Sofia S. de; NOBRE, Luís; XAVIER, Pedro; GASPAR, Rita; CARRONDO, Joana (2016) — First approach to the chronological sequence of the engraved plaques of the Foz do Medal alluvial terrace in Trás-os-Montes, Portugal. *ARPI. Arqueología y Prehistoria del Interior peninsular*. Madrid. 4 (extra. Homenaje a Rodrigo de Balbín Behrmann), pp. 64-77.

FIGUEIREDO, Sofia S. de; XAVIER, Pedro; NOBRE, Luís (2015) — Placas móveis com grafismos rupestres paleolíticos do Terraço do Medal (Nordeste, Portugal): uma primeira análise a técnicas e estilos. In COLLADO GIRALDO, Hipólito; GARCÍA ARRANZ, José J., eds. — *Symbols in the landscape: rock art and its context. Proceedings of the XIX International Rock Art Conference IFRAO 2015 (Cáceres, Spain, 31 August — 4 September 2015)*. Tomar: Instituto Terra e Memória (Arkeos, 37), pp. 1573-1588.

FIGUEIREDO, Sofia S. de; XAVIER, Pedro; SILVA, Andreia; NEVES, Dário; DOMÍNGUEZ GARCÍA, Isabel (2015) — The Holocene transition and post-palaeolithic rock art from the Sabor valley (Trás-os-Montes, Portugal). In MEDINA ALCAIDE, María Á.; ROMERO ALONSO, Antonio; RUIZ-MÁRQUEZ, Rosa M.; SANCHIDRIÁN, José L., eds. — *Sobre rocas y huesos: las sociedades prehistóricas y sus manifestaciones plásticas*. Córdoba: Universidad de Córdoba y Fundación Cueva de Nerja, pp. 192-203.

FUENTES, Oscar (2012) — *La forme humaine dans l'art magdalénien et ses enjeux. Approche des structures élémentaires de notre image et son incidence dans l'univers symbolique et social des groupes paléolithiques*. Paris: Université Paris I Panthéon-Sorbonne (Tese de Doutoramento, policopiada).

GAMEIRO, Cristina; AUBRY, Thierry; ALMEIDA, Francisco; DIMUCCIO, Luca A.; GABRIEL, Sónia M.; GASPAR, Rita; GOMES, Sérgio A.; FÁBREGAS VALCARCE, Ramón; FIGUEIREDO, Sofia S. de; MANZANO, Carmen; MARREIROS, João; OLIVEIRA, Cláudia; SANTOS, André T.; SILVA, Maria

J.; TERESO, João P.; XAVIER, Pedro (2020) — Archaeology of the Pleistocene-Holocene transition in Portugal: Synthesis and prospects. *Quaternary International*. 564, pp. 113-137. <https://doi.org/10.1016/j.quaint.2020.03.018>

GÁRATE MAIDAGÁN, Diego; RIOS-GARAIZAR, Joseba; PÉREZ MARTÍN, Rosario; ROJAS MENDOZA, Raquel; SANTONJA GÓMEZ, Manuel (2016) — Arte rupestre paleolítico al aire libre en el paraje de La Salud (Valle del Tormes, Salamanca). *Zephyrus*. Salamanca. 77, pp. 15-29.

GARCÍA DÍEZ, Marcos (2009) — Grafismo mueble: las estaciones de Fariseu, Quinta da Barca Sul y Cardina I. In AUBRY, Thierry, ed. — *200 séculos de história do Vale do Côa: Incursões na vida quotidiana dos caçadores-artistas do Paleolítico*. Lisboa: IGESPAR, I. P. (Trabalhos de Arqueologia, 52), pp. 373-382.

GARCÍA DÍEZ, Marcos (2013) — La expresión gráfica de La Peña de Estebanvela (Segovia) en el contexto de los últimos grupos cazadores-recolectores europeos. In CACHO QUESADA, Carmen, ed. — *Ocupaciones magdalenenses en el interior de la Península Ibérica. La Peña de Estebanvela (Ayllón, Segovia)*. [s.l.]: Junta de Castilla y León/ CSIC, pp. 471-514.

GASPAR, Rita; FERREIRA, João; CARRONDO, Joana; SILVA, Maria J.; GARCÍA-VADILLO, Francisco J. (2016) — Open-air Gravettian lithic assemblages from Northeastern Portugal: The Foz do Medal site. *Quaternary International*. 406, pp. 44-64.

GRANT, Campbell; BAIRD, James W.; PRINGLE, J. Kenneth (1968) — *Rock drawings of the Coso Range. Inyo County, California*. China Lake, California: Maturango Press (Maturango Museum Publication, 4).

HENRIQUES, Francisco; CANINAS, João C.; CHAMBINO, Mário; PEREIRA, André; CARVALHO, Emanuel (2012) — Abrigos ciclópicos com grafismos rupestres nas margens dos rios Erges e Ocreza. In SANCHES, Maria de J., ed. — *Iª Mesa Redonda “Artes Rupestres da Pré-história e da Proto-história: paradigmas e metodologias de registo*. Lisboa: DGPC (Trabalhos de Arqueologia, 54), pp. 293-312.

HENRIQUES, Francisco; PEREIRA, Luís B.; CANINAS, João (2017) — Pinturas rupestres pré-históricas na serra das Talhadas (Proença-a-Nova) — novas leituras e novas descobertas. *Techne*. 3: 1, pp. 49-72.

HUSSON, François; JOSSE, Julie (2013) “missMDA: Handling missing values with/ in multivariate data analysis (principal component methods). R package version 1.7.2.”

HUSSON, François; JOSSE, Julie; LE, Sebastien; MAZET, Jeremy. (2015). “FactoMineR: Multivariate Exploratory data analysis and data mining with R. R package version 1.31.3.” from <http://factominer.free.fr>.

JAUBERT, Jacques; FERUGLIO, Valérie; FOURMENT, Nathalie, eds. (2020) — *Grotte de Cussac - 30 000*. Bordeaux: Éditions Confluences.

JIMENO MARTÍNEZ, Alfredo; FERNÁNDEZ-MORENO, José J.; GÓMEZ-BARRERA, Juan A. (1995) — La plaque paléolithique de Villalba (Soria, Espagne). *L'Anthropologie*. 99: 2/3, pp. 325-356.

JORGE, Susana O.; ALMEIDA, Carlos A. F. de; JORGE, Vítor O.; SANCHES, Maria de J.; SOEIRO, Maria T. (1981) — Gravuras rupestres de Mazouco (Freixo de Espada à Cinta). *Arqueologia*. Porto. 3, pp. 3-12.

KELLY, Robert L. (2003) — Colonization of new land by hunter-gatherers: Expectations based on ethnographic data. In ROCKMAN, Marcy; STEELE, James, eds. — *Colonization of unfamiliar landscapes: The Archaeology of adaptation*. London and New York: Routledge, pp. 44-58.

LEROI-GOURHAN, André (1984) — Del soporte al abordamiento de la perspectiva en el arte paleolítico. Curso académico 1972-73. In LEROI-GOURHAN, ANDRÉ, ed. — *Arte y grafismo en la Europa prehistórica*. Madrid: Editorial Istmo (Artes, técnicas, humanidades, 4), pp. 122-143.

LEROI-GOURHAN, André (2002 [1965]) — *O gesto e a palavra. 2 - Memória e ritmos*. Lisboa: Edições 70 (Perspectivas do Homem, 20).

LEWIS-WILLIAMS, David (2003) — *L'art rupestre en Afrique du Sud: Mystérieuses images du Drakensberg*. Paris: Seuil.

LORBLANCHET, Michel (2010) — *Art pariétal, grottes ornées du Quercy*. Rodez: Éditions du Rouergue.

MCDONALD, Jo; VETH, Peter (2012) — The social dynamics of aggregation and dispersal in the Western desert. In MCDONALD, Jo; VETH, Peter, eds. — *A companion to rock art*. Malden, MA: Blackwell, pp. 90-102.

PHILLIPS, Fred M.; FLINSCH, Montgomery; ELMORE, David; SHARMA, Pankaj (1997) —

Maximum ages of the Côa valley (Portugal) engravings measured with Chlorine-36. *Antiquity*. 71: 271, pp. 100-104.

PLISSON, Hugues (2009) — Analyse tracéologique de 4 pics d'Olga Grande: des outils pour les gravures de plein air? In AUBRY, THIERRY, ed. — *200 séculos de história do Vale do Côa: Incursões na vida quotidiana dos caçadores-artistas do Paleolítico*. Lisboa: IGESPAR, I. P. (Trabalhos de Arqueologia, 52), pp. 436-443.

R CORE TEAM (2016) — *R: A language and environment for statistical computing*. Vienna, Austria: R Foundation for statistical Computing. REIS, Mário (2020) — Imagens fantasmagóricas, silhuetas elusivas: as figuras humanas na arte do Paleolítico Superior da região do Côa. In ARNAUD, JOSÉ MORAIS; NEVES, CÉSAR; MARTINS, ANDREA, eds. — *Arqueologia em Portugal 2020 - Estado da Questão*. Lisboa: Associação dos Arqueólogos Portugueses, pp. 537-549.

REIS, Mário (2021) — Palaeolithic art in Portugal and its zoomorphic figures. In SIGARI, Dario; GARCÊS, Sara, eds. — *Animals in prehistoric art. The Euro-Mediterranean region and its surroundings*. Vitoria-Gasteiz: ArkeoGazt3-K-Editatua (Revista ArkeoGazte, 11), pp. 19-46.

REIS, Mário; ALVES, Lara B.; CARVALHO, Bárbara; CAETANO, Vera; CARDOSO, João M. (2022) — Uma nova rocha gravada do Paleolítico Superior no sítio da Faia (Vale do Côa). *Al-madan online*. II Série. 25: Tomo 1, pp. 9-16.

REIS, Mário; VÁZQUEZ MARCOS, Carlos (2020) — Lugar de paso, memorias antiguas. El yacimiento del Arroyo de las Almas (La Fregeneda, Salamanca) y su arte rupestre paleolítico al aire libre. *Espacio, Tiempo y Forma*. 13, pp. 71-104. <http://dx.doi.org/10.5944/etfi.13.2020.26690>

RIPOLL LÓPEZ, Sergio; MUNICIO GONZÁLEZ, Luciano J. (1999) — *Domingo García: arte rupestre paleolítico al aire libre en la Meseta*. Valladolid: Junta de Castilla y León (Arqueología en Castilla y León, 8).

RIVERO VILÁ, Olivia; BÉCARES PÉREZ, Julián; ÁLVAREZ FERNÁNDEZ, Esteban (2021) — Arte paleolítico en Salamanca. Nuevos hallazgos en el yacimiento de El Paraje de La Salud. *Trabajos de Prehistoria*. 78: 1, pp. 153-163.

SANCHES, Maria de J.; TEIXEIRA, Joana C. (2014) — O abrigo do Passadeiro, Palaçoulo (Miranda do Douro). Um caso de estudo de gravuras rupestres dos inícios do Holocénico no Nordeste de Portugal. *Portvgalia*. 35, pp. 61-75.

SANTOS, André T. (2012) — Reflexões sobre a arte paleolítica do Côa: a propósito de uma persistente dicotomia conceptual. In SANCHES, Maria de J., ed. — *Iª Mesa Redonda "Artes Rupestres da Pré-história e da Proto-história: paradigmas e metodologias de registo"*. Lisboa: DGPC (Trabalhos de Arqueologia, 54), pp. 39-67.

SANTOS, André T. (2019) — *A arte paleolítica ao ar livre da bacia do Douro à margem direita do Tejo: uma visão de conjunto*. Lisboa: Associação dos Arqueólogos Portugueses (Monografias AAP, 9).

SANTOS, André T.; AUBRY, Thierry; BARBOSA, António F. (2020) — A plaqueta gravada do Vau. In — *O Património Histórico e Arqueológico do Vale do Vouga. O aproveitamento hidroelétrico de Ribeiradio-Ermida*. s.l.: EDP Produções, pp. 390-440.

SANTOS, André T.; BARBOSA, António F.; AUBRY, Thierry; GARCÍA Díez, Marcos; SAMPAIO, Jorge D. (2018) — O final do ciclo gráfico paleolítico do Vale do Côa: a arte móvel do Fariseu (Muxagata, Vila Nova de Foz Côa). *Portvgalia*. 39, pp. 5-96.

SANTOS, André T.; BARBOSA, António F.; LUÍS, Luís; SILVESTRE, Marcelo; AUBRY, Thierry (2020a) — Contributos para o conhecimento da arte rupestre do Vale do Côa. Novos dados sobre o Vale de José Esteves (Vila Nova de Foz Côa, Guarda). *Côavisão*. 22, pp. 159-190.

SANTOS, André T.; BARBOSA, António F.; LUÍS, Luís; SILVESTRE, Marcelo; AUBRY, Thierry (2020b) — Trabalhos de documentação de arte paleolítica realizados no âmbito do projeto PalæoCôa. In ARNAUD, José M.; NEVES, César; MARTINS, Andrea, eds. — *Arqueologia em Portugal 2020 - Estado da Questão*. Lisboa: Associação dos Arqueólogos Portugueses, pp. 523-536.

SANTOS, André T.; BARBOSA, António F.; LUÍS, Luís; SILVESTRE, Marcelo; AUBRY, Thierry (2021) — Dating the Côa Valley rock art 25 years later: an archaeological approach. In AUBRY, Thierry; SANTOS, André T.; MARTINS, Andrea, eds. — *Côa Symposium. Novos Olhares sobre a Arte Paleolítica*. Lisboa: Associação dos Arqueólogos Portugueses & Fundação Côa Parque, pp. 94-126.

SANTOS, André T.; LUÍS, Luís; AUBRY, Thierry (2019) — Arte da sombra: A rocha 7 da Faia (Figueira de Castelo Rodrigo, Guarda, Portugal). Um exemplo de arte paleolítica sob abrigo no Vale do Côa. *Conimbriga*. 58, pp. 5-45. DOI: https://doi.org/10.14195/1647-8657_58_1

TEIXEIRA, Joana C. (2016) — O abrigo de Parada, um sítio de arte rupestre do vale do Sabor

(Alfândega da Fé, Bragança, Trás-os-Montes). In SANCHES, Maria de; CRUZ, Domingos J. da, eds. — *Actas da II Mesa-Redonda. Artes rupestres da Pré-história e da Proto-História. Estudo, conservação e Musealização de maciços rochosos e monumentos funerários (Porto, Faculdade de Letras, 10, 11 e 12 de Novembro de 2011)*. Viseu: CEPBA (Estudos Pré-históricos, 18), pp. 41-70.

TEIXEIRA, Joana C.; SANCHES, Maria de J. (2017) — O abrigo rupestre da foz do rio Tua no contexto da arte paleolítica e pós-paleolítica do Noroeste da Península Ibérica. *Portvgalia*. Nova série, 38, pp. 9-48.

VÁZQUEZ MARCOS, Carlos; REIS, Mário (2019) — Arroyo de las Almas (La Fregeneda, Salamanca): un nuevo sitio con arte paleolítico al aire libre. *Trabajos de Prehistoria*. 76: 1, pp. 138-146.

VIALOU, Denis (2004) — Architecture de l'art pariétal paléolithique. In LEJEUNE, Marylise ; WELTÉ, Anne-Catherine, eds. — *L'art du Paléolithique supérieur. Actes des colloques 8.2 et 8.3, XIVe Congrès de l'UISPP, Liège (2-8 septembre 2001)*. Liège: Université de Liège (ERAUL, 107), pp. 7-14.

WHITLEY, David S. (2000) — *L'art des chamanes de Californie. Le monde des Amérindiens*. Paris: Seuil.

ZILHÃO, João (1988) — Plaquette gravée du Solutréen supérieur de la Gruta do Caldeirão (Tomar, Portugal). *Bulletin de la Société Préhistorique Française*. 85: 4, pp. 105-109.

ZILHÃO, João (2014) — The Upper Palaeolithic of Europe. In RENFREW, Colin; BAHN, Paul G, eds. — *The Cambridge World Prehistory*, 3. Cambridge: Cambridge University Press, pp. 1753-1785.

Ficha Técnica

TÍTULO

Por este rio acima: A arte pré e proto-histórica do Vale do Côa. Estudos em homenagem a António Fernando Barbosa;

COORDENAÇÃO

Dalila Correia
André Santos

AUTORES

Thierry Aubry, André Tomás Santos, Patrícia Ramos, Mário Reis, Lara Bacelar Alves, Luís Luís, Miguel Almeida, Sílvia Aires, Nuno Ramos, André Ferreira, Marcelo Silvestre, Aida Carvalho, João Zilhão.

LOCAL DE EDIÇÃO

Vila Nova de Foz Côa

EDITOR

Côa Parque, Fundação para a Salvaguarda e Valorização do Vale do Côa

COMPOSIÇÃO GRÁFICA

Ricardo Castro/O Homem do Saco

IMPRESSÃO

Diário do Porto

ISBN 978-972-98121-9-4

